A VIDA ALÉM DO VÉU

O MINISTÉRIO DO CÉU

Volume III

ÍNDICE

I. O MINISTÉRIO ANGÉLICO PARA A TERRA.
II. O SAPATEIRO.
III. COMUNICAÇÃO CONCERNENTE.
IV. O MINISTÉRIO ANGÉLICO NAS ESFERAS INFERIORES.
V. O SACRAMENTO DO CRISTO, DO CASAMENTO E DA MORTE.
VI. CHEGADAS À VIDA ESPIRITUAL E UMA MANIFESTAÇÃO DO CRISTO VENCEDOR.
VII. A DESCIDA E A ASCENSÃO DO CRISTO.
VIII. EM DIREÇÃO À TERRA DA ESCURIDÃO. UMA MANIFESTAÇÃO DO CRISTO PIEDOSO E GLORIFICADO . UM CRISTO MENOR.
IX. NA ESCURIDÃO MAIS PROFUNDA. A CIDADE DA BLASFÊMIA. A CIDADE DAS MINAS.
X. O RETORNO AO TEMPLO DA MONTANHA SAGRADA. UMA MANIFESTAÇÃO DO RÉGIO CRISTO. O POVO DE BARNABÁS.

INTRODUÇÃO

A Associação Mundo Maior empreendeu a reedição dos quatro volumes que compreendem os iluminados escritos recebidos através da mediunidade do Rev G. Vale Owen. Foi uma grande perda para o Movimento que estes escritos tenham estado sem reimpressão por tanto tempo, pois é de concordância geral que nenhuma outra comunicação da Esfera Espiritual teve tão amplo interesse no mundo em geral. Isto é devido em parte, sabemos, à extensiva publicidade que lhes foi dada pelo grande jornalista Lord Northcliffe que, ignorando o preconceito geral e o cinismo, olhando para as possibilidades de tais comunicações, publicou-as em série no "The Weekly Despatch" em 1920-21, e gastou muito dinheiro para sua divulgação.

É natural a pergunta: "Como estas Mensagens Espirituais foram recebidas?" A resposta é dada pelo próprio Vale Owen no primeiro livro da série, *Os Planos Inferiores do Céu.*

Aí vem a próxima pergunta: "Como era este clérigo?" Aqueles que não conheceram Vale Owen podem bem achá-lo um sonhador, um homem apartado das coisas comuns da vida diária, - um santo ou um asceta. Mas embora todos os que conheceram Vale Owen pessoalmente não tivessem dúvida de sua espiritualidade, não concordariam com que alguém dissesse que "vivia nas nuvens"; ao contrário, ele foi alguém que precisava de amor humano e da alegria da vida física.

Estamos muito gratos, portanto, ao Reverendo G. Eustace Owen por dar-nos os poucos detalhes sobre seu pai, os quais mostram que ele foi um homem prático, com senso de humor e uma grande tolerância pelas fraquezas dos outros, o que significa que ele foi tanto um bom companheiro quanto um bom cristão .

O Reverendo Eustace Owen escreve:

"Em seu livro COM NORTHCLIFFE NA RUA FLEET, J. A Hammerton alude ao Reverendo Vale Owen como "aquele visionário típico do tipo meio cristão, meio espiritualista". Esta visão é comum a muitos dos quais o conheceram através de seus escritos; mas não é um retrato verdadeiro. Meu pai foi um visionário sem ser excêntrico. Embora tivesse uma visão clara da base espiritual da vida, ele foi em geral prático e metódico em todo seu modo de ser.

"Eu me lembro de quão gentilmente ele se relacionava com outros, de quão franco era em argumentar, de sua tolerância com os oponentes, e de como suportava as perseguições com imensa paciência. Muitas vezes a espada de um oponente era neutralizada por sua compreensão a respeito daquele que a manejava! Entretanto ele podia ser severo quando necessário. Qualquer forma de crueldade despertava sua indignação. Aos fanfarrões e intrigantes, ele transformou-se em um verdadeiro Elias!

"Jamais conheci alguém mais direto em seus pensamentos e palavras, ou alguém que detestasse impostores mais que ele. Sob sua suavidade repousava a dureza de um bom soldado da Cruz. Ele agüentou sem vacilar o desprezo e as perseguições. A quietude às vezes encobre uma rara coragem.

“No livro ELE RIU NA RUA FLEET, Bernard Falk descreve um encontro entre Lord Northcliffe e meu pai, no escritório do “The Times”, quando aquele lhe ofereceu para que aceitasse mil libras pela publicação de extrato dos Escritos no “Weekly Despatch.”

“Ele continua:

“Vale Owen balançou sua cabeça. Por esta parte de seus escritos, dizia ele, não poderia aceitar nenhum dinheiro. Ele foi bem pago pela publicidade que lhe foi dirigida, e por ser capaz de cumprir a sagrada tarefa de expor suas revelações diante do mundo. Conhecendo bem a pobreza de Vale Owen, fiquei genuinamente triste ao vê-lo recusar pagamento, mas nada o dissuadiu...”

Reverendo G. Eustace Owen acrescenta:

“Toda nossa família está satisfeita por não terem deixado os Escritos permanecerem em esquecimento. A nova geração precisa, particularmente, do conforto e da luz de sua mensagem. Estamos muito felizes por **O Mundo Maior** ter empreendido esta reedição tão compreensiva e corajosamente. Possa tal confiança ser justificada e seu trabalho abençoado!”

UMA APRECIAÇÃO DE LORD NORTHCLIFFE

Não tive oportunidade de ler A VIDA ALÉM DO VÉU por inteiro, mas dentre as passagens em que percorri os olhos, muitas são de grande beleza.

Parece-me que a personalidade do Reverendo G. Vale Owen é assunto de profunda importância e deve ser considerada em conexão com estes documentos tão marcantes. Durante o breve encontro que tivemos, senti que estava na presença de um homem com sinceridade e convicção. Não clamava por nenhuma retribuição material. Expressou o desejo de que a publicidade fosse a menor possível, e declinou qualquer emolumento que pudesse receber como resultado do enorme interesse alcançado pelo público por estes Escritos, no mundo inteiro.

NORTHCLIFFE

PREFÁCIO

Estes Escritos - transmitidos por escrita automática ou, mais corretamente, por escrita inspirada - apresentam quatro partes distintas, todas, entretanto, formando um todo progressivo. Foi, bem evidentemente, tudo planejado anteriormente por aqueles que se incumbiram de sua transmissão.

O elo entre mãe e filho foi, sem dúvida, considerado como a via mais desejada pela qual se abririam as comunicações em primeira instância. Foram, portanto, minha mãe e um grupo de amigos que me transmitiram a primeira parte.

Em se provando que o experimento foi um sucesso, apresentou-se outro professor, chamado Astriel, um dos de maior graduação, de pensamento mais filosófico e melhor dicção. As mensagens transmitidas pelo grupo de minha mãe e Astriel formam o primeiro livro dos Escritos, *Os Planos Inferiores do Céu.*

Tendo passado por este teste, fui guiado por Zabdiel, cujas mensagens estão num nível superior àquelas narrativas simples de minha mãe. Estas formam *Os Altos Planos do Céu.*

A fase seguinte foi *O Ministério do Céu*, transmitido por aquele que identificou a si próprio como Líder, e seu grupo. Subseqüentemente, ele parece ter assumido, mais ou menos, o controle exclusivo da comunicação. Aí, ele fala de si mesmo como sendo “Arnel”. Sob este nome, sua narrativa, a qual forma o quarto livro, *Os Batalhões do Céu,* é o clímax do todo. Suas mensagens são de uma natureza mais intensa que qualquer outra precedente, as quais foram, evidentemente, preparatórias.

Será óbvio que, para se obter a verdadeira perspectiva, os livros devam ser lidos na seqüência dada acima. De outro modo, algumas das referências nos volumes posteriores aos incidentes narrados anteriormente podem não ficar bem claros.

No que concerne aos personagens na transmissão das mensagens: minha mãe passou para a vida maior em 1909, com 63 anos de idade. Astriel foi Diretor de uma escola em Warwick nos meados do século XVIII. Da vida terrestre de Zabdiel, sei pouco e nada certo. Arnel dá alguma explicação dele mesmo nos textos. Kathleen, que atuou como amanuense no lado espiritual, viveu em Anfield, Liverpool. Ela foi costureira e morreu com a idade de 28 anos, aproximadamente 3 anos antes de minha filha Ruby, a qual é mencionada no texto e que passou para o outro lado em 1896, com a idade de 15 meses.

Outubro, 1925

G. Vale Owen

COMO VIERAM AS MENSAGENS

Há uma opinião generalizada de que os clérigos sejam pessoas muito crédulas. Mas nosso treino no exercício das faculdades críticas coloca-nos entre os mais difíceis de se convencer quando alguma nova verdade está em questão. Levou um quarto de século para que me convencessem: dez anos de que as comunicações espirituais eram um fato, e quinze de que o fato era legítimo e bom.

Desde o momento em que tomei esta decisão, a resposta começou a aparecer. Primeiro, minha esposa desenvolveu a capacidade da escrita automática. Aí, através dela, recebi ordens de que deveria sentar silenciosamente, lápis na mão, e externar quaisquer pensamentos que parecessem vir à minha mente, projetados ali por alguma personalidade exterior, e não conseqüentes do exercício de minha própria mente. A relutância retardou tudo por um longo tempo, mas finalmente senti que amigos estavam perto, e que queriam, muito seriamente, falar comigo. De nenhum forma sobrepuseram ou compeliram minha vontade - isto teria resolvido o assunto rapidamente, tanto quanto posso compreender, - mas suas vontades eram mais claras ainda.

Senti finalmente que deveria dar-lhes uma oportunidade, porque estava tomado pelo sentimento de que a influência era boa, portanto, enfim, muito cheio de dúvida, decidi me sentar em minha batina, na sacristia, depois das vésperas.

As primeiras quatro ou cinco mensagens vagaram, sem rumo certo, de um assunto a outro. Mas gradualmente as sentenças começaram a tomar forma consecutiva, e finalmente obtive algumas que eram compreensíveis. Daquele tempo em diante, a desenvoltura melhorou com a prática. O leitor encontrará o resultado nas páginas seguintes.

G. Vale Owen

Outono, 1925

INTRODUÇÃO

Por Sir Arthur Conan Doyle

A longa batalha está próxima do fim. O futuro pode ser sondado. Pode ser retardado a muitos, e a muitos ser um desapontamento, mas o fim é certo.

Sempre pareceu certo àqueles que estão em contato com a verdade que, se os documentos inspirados das novas revelações realmente chegasse às mãos do público em massa, todos teriam ainda mais certeza, por sua beleza inata e pela racionalidade que varre para longe todas as dúvidas e todos os preconceitos.

Agora a publicidade mundial já os está levando a todos, tendo sido selecionados dentre eles os mais puros, os mais elevados, os mais completos, os mais dignos provindos da fonte. Verdadeiramente, a mão de Deus está aqui!

A narrativa está à sua frente, e pronta para falar por si própria. Não a julgue meramente pelo folhear das páginas, arrogantemente como isso poderia ser, mas note cada beleza que flui da narrativa e firmemente vai tomando volume até alcançar um nível de grandeza substancial.

Não censure por detalhes ínfimos, mas julgue-a pela impressão geral. Evite encarar algo indevidamente por ser tudo novo ou estranho.

Lembre-se de que não há narrativa na Terra, nem mesmo a mais sagrada de todas, que não deixaria de tornar-se ridícula pela extração de passagens de seu contexto e por se adensar o que é imaterial. O efeito total em sua mente e em sua alma é o único parâmetro para se julgar o alcance e poder desta revelação.

Por que Deus teria selado as fontes de inspiração de dois mil anos atrás? Que garantia temos nós, em qualquer lugar, para uma convicção tão sobrenatural?

Não é infinitamente mais razoável que um Deus vivo continuasse mostrando uma força atuante, e aquele saudável socorro e a sabedoria que emanam d'Ele para fomentar a evolução e o poder, aumentados em compreensão por uma natureza humana mais receptiva, agora purificada pelo sofrimento?

Todas estas maravilhas e prodígios, estes acontecimentos sobrenaturais dos últimos 70 anos, tão óbvios e notórios que somente olhos fechados não os veriam, são triviais por si próprias, mas são sinais que chamaram à atenção nossas mentes materialistas e direcionaram-nas a estas mensagens, das quais estes escritos em particular podem ser tidos como sendo o mais completo exemplo.

Há muitas outras, variando em detalhes, de acordo com a esfera descrita ou a opacidade de seu transmissor, pois cada um dá toques de luz para maior ou menor intensidade, conforme vai passando a mensagem. Somente com espírito puro será possível que os ensinamentos sejam

recebidos absolutamente puros, e então esta história de Céu deverá estar, podemos pensar, tão próxima a isto quanto a nossa condição de mortais permite.

E são subversivos às velhas crenças? Milhares de vezes **Não**! Ampliam-nas definindo-as, embelezando-as, completando os vazios que sempre nos desnortearam, mas também, exceto aos pedantes de mente estreita para palavras esclarecedoras e que perderam o contato com o espiritual, são infinitamente renovadores e iluminados.

Quantas frases efêmeras das Velhas Escrituras têm agora sentido e formato palpável? Não começamos a entender aquela “Casa com muitas moradas” e perceber de Paulo “a Casa que não é feita por mãos”, mesmo quando captamos algumas fugazes percepções daquela glória que a mente humana não concebeu nem sua boca pronunciou?

Tudo isto cessa de ser uma visão longínqua e torna-se real, sólida, garantida, uma luz à frente enquanto singramos as águas escuras do Tempo, acrescentando uma alegria profunda a nossas horas de tristeza e secando a lágrima do pranto de dor ao assegurar-nos de que não há palavras que expressam a alegria que nos espera se formos apenas verdadeiros perante a Lei de Deus e nossos maiores instintos.

Aqueles que interpretam mal as palavras usadas dirão que Mr. Vale Owen obteve tudo de seu subconsciente. Podem tais pessoas explicar por que tantos outros tiveram a mesma experiência, num grau menos elevado?

Eu mesmo sintetizei em dois pequenos volumes a descrição geral do outro mundo, delineada por um grande número de fontes. Foi feita tão independentemente da narrativa de Mr.Vale Owen quanto sua narrativa foi independente da minha. Nenhum teve acesso possível ao outro. E ainda agora, enquanto leio esta, de concepção maior e mais detalhada, não encontro nem um simples ponto relevante no qual eu tenha cometido alguma incorreção.

Como, então, esta concordância é possível se o esquema geral não estiver baseado numa verdade inspirada?

O mundo precisa de uma força condutora mais poderosa. Tem sido regido por velhas inspirações da mesma forma que um trem anda quando a sua máquina é removida. É necessário um novo impulso. Se a religião tem sido um fator impulsor, então ela própria deveria ter se imposto no maior assunto de todos - os relacionamentos entre as nações, e a recente guerra teria sido impossível. Qual igreja há que se saia bem neste supremo teste? Não está manifesto que as coisas do espírito precisam ser restabelecidas e religadas aos fatos da vida?

Uma nova era está começando. Aqueles que estejam trabalhando por isto podem ser desculpados se sentirem alguma sensação de satisfação reverente à medida que vêem as verdades pelas quais trabalharam e testificaram ganhando atenção mais ampla no mundo. Não é ocasião para uma auto declaração, pois cada homem ou mulher que foi honrado por ter sido permitido a eles trabalharem por tal causa é bem consciente de que ele ou ela

é nada mais que um agente nas mãos das invisíveis mas muito reais, amplas e dominadoras forças. E ainda, não seríamos humanos se não ficássemos aliviados ao vermos novas fontes de poder, e ao percebermos que a toda-preciosa embarcação está segura, mais firme do que nunca, em seu curso.

ARTHUR CONAN DOYLE

A VIDA ALÉM DO VÉU

CAPÍTULO I

O MINISTÉRIO ANGÉLICO PARA A TERRA

Sábado, 8 de setembro de 1917

Estou falando através de sua mente, portanto transcreva os pensamentos que eu for capaz de sugestionar a você, e julgue pelo resultado. Além disso, podemos escrever diretamente, sem que meus pensamentos entrem em contato com os seus próprios. Deixe-nos então começar por dizer que apesar de que muitos iniciam escrever assim, não são muitos os que continuam, porque seus próprios pensamentos colidem com os nossos, e o resultado é uma mescla de confusão. Agora, o que me diria se eu lhe dissesse que já escrevi antes por sua mão, e isto muitas vezes? Pois fui eu que vim com sua mãe e os amigos dela, e os ajudei a passar-lhe aquelas mensagens que você transcreveu há alguns anos atrás e, ao fazer isto, eu também me preparei para um trabalho futuro deste tipo com outras pessoas. Portanto, deixe-nos começar esta noite muito simplesmente, e você e eu progrediremos juntos pela prática.

Você percebeu a verdade nas palavras “Todas as coisas trabalham juntas pelo bem para aqueles que amam a Deus”? É uma verdade de que poucas pessoas percebem seu significado total, porque têm apenas uma visão limitada. “Todas as coisas” incluem não só as terrenas, mas as coisas dos reinos espirituais também, e a finalidade de “todas as coisas” não é vista por nós, mas é produzida nos planos mais altos que o nosso e é focada no Grande Trono do Próprio Deus. Mas o trabalho é visto, verdadeiramente em pequena escala, mas apesar de tudo amplamente. A frase inclui os anjos e suas tarefas à medida que eles se desincumbem delas, tanto aqui quanto no plano da terra e, apesar do cumprimento destes comandos que vêm a eles vindos dos Superiores que supervisionam a seara de Deus parecerem sempre colidir com as idéias humanas de justiça e misericórdia e bondade, mesmo assim a visão mais ampla destes que estão acima, mais perto do pico da montanha, é justa e serena na luz do amor de Deus, e parece a eles, conforme parece a nós em menor escala, muito bonito e maravilhoso em seu trabalho.

Neste momento os corações dos homens estão fazendo-os falhar por medo, porque parece a muitos deles que, de alguma forma, as coisas não estão andando da forma como Deus quereria. Mas quando se está no vale, a névoa é tão densa e espessa que é difícil ter visão ampla, sendo escasso o sol que pode penetrar em suas regiões.

Esta Grande Guerra é, nos eternos conselhos, nada mais que um ronco na respiração de um gigante adormecido, sem descanso, porque sobre seu cérebro entorpecido estão sendo impingidos raios de luz que seus olhos não podem ver, e uma música que ele não pode ouvir está sendo enviada sobre ele, e ele suspira num intervalo de repouso, enquanto está deitado no vale - o Vale da Decisão, se quer assim. Somente gradualmente acordará, e as brumas vão se espalhar, e, findo o massacre – forjado insanamente enquanto ele dormia – ele terá tempo livre então para pensar e espantar-se com a noite passada em todo o frenesi, não menor que toda a beleza de um mundo inundado com a luz vinda do pico da montanha, e ele finalmente entenderá sem dúvida que todas as coisas trabalham realmente no amor, e que nosso Deus é ainda nosso Pai e Seu Nome tem sido Amor sempre, mesmo quando Sua Face esteve escondida pelas brumas emergentes, ventos frios e o miasma que esteve cobrindo como um manto mortuário sobre o fundo do vale. Era um manto para cobrir tudo o que era de morte no mundo, e para fora da morte vem a vida, e a vida é toda maravilhosa porque o Recurso e a Fonte de toda a vida é Ele, Que é toda a beleza.

Então, lembre-se que os caminhos de Deus não são sempre os caminhos que o homem desenharia, pois Ele e Seus pensamentos não são circunscritos pelas colinas em torno, mas vêm dos Reinos de Luz e Alegria; e ali está nosso modo de ser. Isto, então, por esta noite.

É um pequeno raio de claridade nos caminhos da atual escuridão para muitas almas errantes.

Possa Deus manter aquele gigante em Seu aconchego, e em tempo certo dar a ele o coração de uma criancinha, porque deles é o Reino de nosso Senhor. E o gigante, dormindo, cego, surdo e sem descanso, é a Humanidade que Ele veio salvar.

KATHLEEN.

Terça, 6 de novembro de 1917.

"Plantada no lado das águas". Estas são as palavras que, se você pensar nelas, parecem ter um duplo sentido. Há, claro, um significado mais manifesto de planta ou árvore sugando sua fertilidade do rio ou de um canal próximo de onde está plantada. Mas nós nestes reinos entendemos o quanto todas as verdades terrenas têm um significado espiritual, um significado que é tão natural nestas esferas celestes quanto o que contêm exteriormente as verdades para vocês na terra. Se o escritor destas palavras tinha algum conhecimento destas condições celestes nas quais sua frase é aplicável, eu não sei. Mas parece semelhante pelo menos ao que seu Anjo de Guarda quis dizer, que continham alguma coisa a mais que o significado terrestre daquelas palavras, para aqueles que têm ouvidos de ouvir. Eu vou ampliar para o meu também limitado conhecimento, ajudada por aqueles que têm mais sabedoria nas ciências celestes que eu.

O lado da água que eu tenho em mente não é um rio, entretanto, mas um lago muito amplo que no plano terrestre seria chamado de mar interior, tão largo que forma uma fronteira separando duas áreas grandes de um país na Esfera Seis. A correnteza é variada, sendo em alguns lugares pedregosa, encachoeirada mesmo, e em outros desce com as margens das águas em gramados e parques. Eu não tenho em mente algumas árvores, mas uma floresta inteira de árvores acompanhando as ondas azuis-douradas do mar e varrendo as colinas e as terras mais altas, bordejando o precipício com sua folhagem verdejante. Perto do lado do lago há um bosque, e no bosque uma mansão. É o local de repouso para os viajantes que atravessam o lago e chegam aqui, alguns muito cansados pela sua longa jornada sobre terras e mar, para este porto de descanso. Alguns são recém chegados à Esfera Seis, e descansam aqui para condicionarem-se e aclimatizarem-se ao seu novo ambiente antes de penetrarem para o interior, para explorarem sua nova moradia. Outros são residentes nesta Esfera que foram ao outro lado do mar em alguma missão nas esferas inferiores, alguns simplesmente transeuntes por aqui indo à frente, como agora fiz, para baixo, a caminho da esfera terrestre. Retornando, freqüentemente mas não sempre, descansam aqui, ajuntando forças antes de continuar, para reportarem ao Anjo Senhor ou um de Seus comissionados o que aconteceu em sua incumbência. Outros simplesmente retornam aqui e recuperam-se e, sendo seus assuntos de emergência, não vão ao interior, mas mergulham sob o lago e desaparecem no horizonte menos brilhante em direção à esfera onde sua tarefa foi deixada incompleta. Ocasionalmente, e sem dúvida não raramente, um visitante de uma das mais altas Esferas passando em seu caminho, ou da terra ou alguma região intermediária, passará um tempinho aqui no Bosque de Repouso, e alegrará os hóspedes com o brilho de sua personalidade. Sim, meu querido amigo, nós sabemos aqui o que é entrar em Repouso – é um dos prazeres mais agradáveis, este repouso, depois de algum empreendimento de alto risco em prol daqueles que estão necessitados de tal ajuda. E ali plantado, exatamente onde deveria estar, ao lado das águas, está aconchegada a Casa do bosque, onde frutificam as muitas semeaduras longínquas, trazidas para lá das distantes esferas trevosas, consideradas, e colocadas em ordem para a apresentação ao Anjo Senhor. A muitos é um troféu, também eles trazidos para o Senhor do Amor pelos infortúnios sofridos ou recebidos, duros e fortes; são trazidos aqui para se recomporem e serem cuidadosamente amparados, troféus vivos pelos quais Cristo lutou e, lutando valentemente, venceu.

Você cansou, meu amigo. Mais prática vai tornar-me mais hábil em usar sua mão com menos tensão e mais facilidade. Deixe-me que lhe diga, aceite meu amor e agradecimentos e boa noite.

Quinta, 8 de novembro de 1917.

E agora, querido amigo e companheiro peregrino, vamos à uma jornada ao interior, partindo da Casa de Repouso, e veremos as oportunidades pelo caminho daqueles que assim caminham. Somos ambos peregrinos, eu e você, e estamos na mesma estrada para o mesmo brilho, ainda além, e distante, sobre as montanhas que fazem fronteira desta esfera e a próxima à frente.

Nós deixamos o solo e os jardins da Casa para trás e tomamos rumo descendo por uma longa colunata de árvores que levam ao campo aberto; conforme andamos vamos percebendo que o caminho não é reto, mas segue a linha do vale ao lado do rio que vai em seu caminho ao mar. Deixe-me agora, antes de continuar, explicar algumas das qualidades das águas deste rio.

Você já leu sobre a Água da Vida. Esta frase literalmente incorpora uma verdade, porque as águas das esferas têm propriedades que não são encontradas nas águas da terra, e propriedades diferentes são encontradas em diferentes águas. As águas de um rio, ou fonte, ou lago, são sempre tratadas por espíritos elevados e dotadas com virtudes de fortalecimento ou iluminação do espírito. Algumas vezes as pessoas banham-se nelas e adquirem força corporal pelas vibrações vitais que foram colocadas na água pelo exercício de algum grupo de anjos-ministros. Eu sei de uma fonte situada no topo de uma alta torre que emana uma série de coros musicais de harmonia profunda quando ela é posta a tocar. Isto é usado no lugar dos sinos, para chamar as pessoas das proximidades quando alguma cerimônia está para começar. Ainda mais, seus jatos de água dispersam-se sobre um amplo raio, e são vistos a cair em jardins e nas casas espalhadas na planície, em forma de flocos de luz de diferentes cores. Estes flocos são constituídos para trazerem para aqueles nos quais, ou em torno dos quais, caem um sentido de natureza geral e um propósito de união a ser mantida, uma espécie de brilho que esparge sobre todos os seres e traz um senso de companheirismo e um amor comunitário que faz o receptor mais ansioso por estar junto aos outros. Também por este processo é espalhado pelo distrito um aviso do tempo e local do encontro, e freqüentemente, também, a notícia de algum Anjo Visitante que conduzirá a assembléia ou atuará em alguma questão como representante do Senhor desta Esfera.

A principal propriedade das águas deste rio, cujas margens agora seguimos, é a paz. De uma forma muito além do entendimento terreno, todas as qualidades de suas águas infundem paz naquele que passeia ao seu lado. Suas variadas cores e matizes, o murmúrio de sua correnteza, as plantas às quais ele confere fertilidade, o tipo e a aparência de suas rochas e ribanceiras – tudo, numa larga medida, traz paz à alma que dela precisa. E há muitos que necessitam daquela paz dentre aqueles que retornam das esferas inferiores através do grande lago, pois é uma vida extenuante a que temos às vezes, meu amigo, e de forma alguma a mortalmente monótona existência que muitos da terra imaginam. Então, por isso, há vezes que é necessário largar a carga por instantes, e para nossas futuras operações retomar aquela calma e forte quietude de espírito tão necessária para levarmos à frente adequadamente nosso trabalho designado.

Você deve também entender que há aqui, permeando em tudo, uma personalidade. Toda floresta, cada bosque, cada árvore, lago, correnteza, prado, flor, casa, tem uma personalidade impregnada. Não é por si só uma pessoa, mas sua existência e todos seus atributos e qualidades são conseqüência da volição contínua e sustentada de seres vivos, e sua personalidade é sentida por todos que entram em contato com cada um e qualquer um deles, e isto no grau intrínseco à sua sensibilidade, na direção particular da personalidade residente. Alguns, por exemplo, são mais sensitivos àqueles seres cuja atividade reside nas árvores; outros naqueles do rio. Mas todos parecem sentir as qualidades de um prédio, especialmente quando entram nele, pois são erigidos por espíritos mais próximos de suas qualidades e grau, enquanto que a maioria dos que chamamos espíritos da natureza são de um modo e um estado de existência e de função muito mais remota.

Agora, o que se obtém nestes Reinos é usualmente encontrado verdadeiramente em sua esfera da terra também, somente num grau menor de intensidade do que é sentido pelos indivíduos comuns, conseqüência de sua profunda imersão na matéria neste atual estágio de evolução. É somente menos aparente, não é menos verdadeiro.

Faz alguns minutos uma pergunta está sendo formada em sua mente. Faça-a, e tentarei responder-lhe.

Eu estava pensando que tudo isto é muito parecido com os pensamentos que usualmente ocupam a mente de uma senhorita. Você disse que era você que queria escrever por minha mão, Kathleen. Você está escrevendo isso?

Sim, meu amigo inquiridor, sou quem está escrevendo. Mas você não supôs que eu imaginei nem por um minuto que você se satisfaria com minha própria conversa pequena, não é? De qualquer forma, tomei providências contra qualquer desastre desse trazendo alguns amigos comigo que me usam tanto quanto eu estou usando você. Não são todos homens; algumas são mulheres, e eles agem juntos num único consentimento, como uma voz única, uma só mensagem, portanto estas palavras que escrevo são uma mescla de variadas mentalidades, e teríamos produzido uma boa mistura nós também, se fôssemos capazes de controlar sua teimosia um pouco mais. Ajude-nos nisto, e faremos o melhor que podemos neste lado também.

E agora boa noite, e que possamos progredir tão bem tanto quanto a prática ajudar.

Sábado, 10 de novembro de 1917.

"Partícipes do chamado celeste." Você e eu, meu amigo, somos como partícipes, pois enquanto eu o chamo, por minha vez sou chamada por aqueles que se localizam mais acima, e eles por outros de um degrau ainda mais alto, até que a fila encontre sua fonte n'Ele, Que foi chamado pelo Pai Divino e enviado em Missão à sua pobre esfera trevosa há longo tempo atrás. E é pelo fato desta "chamada" daqueles superiores a nós, em força e na faculdade deles de compartilhar aquela força com aqueles menores em posição e força, que achamos nossa confiança convicta.

É uma questão de ausência de luz, asseguro a você, receber um comando "Desça para lá." Pois à medida que vamos chegando da terra, ambos, o brilho de nosso ambiente e o nosso pessoal, também diminui pouco a pouco, e quando alcançamos a vizinhança da terra podemos ver as coisas em torno, mas com muita dificuldade.

Em primeiro lugar isto; somente quando vagarosamente nossos olhos tornam-se sintonizados às vibrações mais baixas neles impingidas, é que ficamos aptos a ver. Isto também acontece mais rapidamente pela prática. Mas é uma bênção somente naquilo que nos permite fazer nosso trabalho entre vocês, e não para ser desejado de qualquer modo, por si apenas. Pois as visões que vemos são na maioria tais que não nos dão alegria, mas muito de coração partido que levamos conosco às nossas brilhantes moradas. Tais lugares como os que descrevi a você, dispostos ao lado das águas são, portanto, não só convenientes e desejáveis, mas absolutamente necessários para nosso trabalho. Então devo contar-lhe outra função a que servem. Destas Casas de Repouso são enviadas correntes de poder vital geradas das Esferas acima, armazenadas nestas Casas, e distribuídas conforme sejam requeridas. Quando nós fazemos uma ligação para lá, estando na nossa estadia na terra, sentimo-nos banhados em uma forte corrente de força e vitalidade. Conforme nos aproximamos da terra, o efeito dela não é tão aparente aos nossos sentidos, entretanto banha-nos penetrando através de nós, permeando todo o nosso ser, e por ela somos sustentados, como o tubo de ar sustenta o mergulhador no fundo do oceano, onde a luz da atmosfera ampla e livre sobre ele é obscurecida, e ele se move pesadamente, por causa do elemento mais denso no qual ele se move. É assim conosco, e quando encontramos dificuldades em falar de forma a sermos ouvidos por você, ou cometemos erros em nosso vocabulário ou ainda no contexto da mensagem; então seja paciente, e jamais pense que há enganadores em torno. Porque, pense, amigo, quão difícil seria para um mergulhador conversar audivelmente com outro, ambos protegidos com seus capacetes e com água entre os dois, e aí poderá perceber quanto de paciência e firmeza de empenho é necessário de nossa parte, e mais rapidamente talvez dará a nós uma atenção mais paciente de sua parte.

Mas quando encaramos, estando feito o trabalho aqui embaixo, os lugares de mais altos alcances dos Céus de Deus, então mais prontamente sentimos a corrente de vida fluindo da distante Casa de Repouso e Alívio.

Sentimos que estamos nos banhando mais uma vez; aquilo bate nos nossos rostos refrescantemente; nossas jóias, cujas luzes, como as lâmpadas das virgens queimaram na

escuridão, mais uma vez retomam seu brilho à proporção que vamos indo em direção ao celeste.

Nossa vestimenta cintila numa tonalidade mais brilhante, nosso cabelo fica mais sedoso e nossos olhos menos cansados e sem olheiras, e o melhor de tudo, em nossos ouvidos ouvimos, tornando-se mais plena, a melodia de nosso Chamado, clamando por nós de volta, dos campos de colheita para a Casa da Colheita, com os feixes que pudemos ajuntar amadurecidos para o Celeiro de Deus.

Agora, amigo, não o deterei por mais tempo, porque sei que tem compromissos que devem ser cumpridos e não toleram delongas.

Somente isto a mais: - Suas velhas dúvidas mais uma vez estão entre você e nós que o chamamos. Mais uma vez, esta mensagem não é de seu próprio feitio.

Como posso sabê-lo?

Somente pela paciência que assegurará progresso e fará progredir a convicção. Boa noite, amigo, e toda a Paz.

Kathleen e os que a usam mandam isto a você.

Segunda, 12 de novembro de 1917.

Kathleen, o organista vai praticar; isto não vai incomodá-los, vai?

Longe disto, ajudará, e talvez*, à propos*, devo dizer a você nesta noite algumas poucas palavras sobre a música nas Esferas. Sim, temos música da mesma natureza que a sua na terra.

Mas - e há um enorme *Mas* aqui - sua música é como um extravasamento do reservatório de música no Céu. Vocês realmente têm alguns vislumbres da harmonia gloriosa que temos aqui, conforme ela extravasa. Mas é amortecida pelo véu espesso através do qual ela passa, mesmo nas mais lindas obras-primas da terra.

Ouça, meu amigo, enquanto tento explicar-lhe como você recebe sua música destes reinos de cá, e será capaz então de deixar a sua imaginação guiá-lo e não limitá-lo, senão ela não excederá sua imaginação.

Olho não viu, nem ouvido ouviu - ouvido do coração não poderia ouvir - a harmonia celestial em suas pulsações e altos e baixos, e a poderosa harmonia fundamentada em um tom de glória profunda.

Não somente isso, enquanto num corpo material, com um cérebro de matéria como receptor e intérprete, não há como penetrar no coração de um homem para conceber, menos ainda trazer para cá, qualquer imagem justa da doce beleza de nossa harmonia.

O que a música formou nas Esferas, nós aqui, neste estado mais baixo, não somos capazes de mensurar, assim como vocês da terra não são competentes para medir as nossas.

Isto, e quase que somente isto, sabemos realmente, ou pensamos que sabemos - ela ultrapassa nosso conhecimento em qualquer sentido - o Coração de Deus é a Fonte de harmonia na música - não tanto a mente de Deus como seu Grande Coração. D'Ele fluem as torrentes de amor de Sua melodia, e aquelas esferas que estão mais perto de Sua sintonia recebem aquelas Divinas harmonias, e por elas, com outras influências combinadas, tornam-se mais e mais sintonizadas com Ele, Que é a Fonte de tudo que é Amoroso e Amável. Assim, enquanto as eternidades seguem, aqueles que habitam aquelas muito altas Esferas continuam desabrochando em si mesmos mais e em atributos formidáveis e sublimes, e ao mesmo tempo, cada um em si, mais e mais de Divindade.

Isto, entretanto, está alto demais para nós, para ser adequadamente transcrito. Nosso compromisso com você neste momento é contar o melhor que pudermos, em poucas e

bastantes palavras, alguma coisa do que tomamos nota enquanto esta mesma torrente desce sobre nós e passa adiante, ampliando como cada molécula do tom expande-se a si mesma e empurra suas companheiras adiante, até que a corrente impingirá em seu limite, onde tenha se tornado mais grosseira e mais encorpada em sua textura, e assim costurada àquelas vibrações quase tangíveis encontradas em sua esfera.

Esta corrente do alto encontra receptáculo aqui, e mais de um receptáculo. É usado como reservatório, e a música é modulada no ar, e as melodias, e iniciam mais uma vez como uma pequena mas intensa corrente em direção à terra. Imediatamente, começa a se expandir como já falei, e o que vocês recebem entretanto não é uma essência excelente, mas uma expansão atenuada da criação original. É como um pequeno buraco na janela de um quarto escuro. Através dele atravessa um pequeno jato de luz do sol, mas quando alcança a parede oposta tem muito menos qualidades, e a corrente é cheia de notas dançando, as quais somente tendem a obscurecer o brilho com o qual ele entra através da pequena abertura.

Bem, mas mesmo assim, sua música é muito louvável e elevada. Oh, pense, então, meu amigo, o que devem ser as músicas destas Esferas. Ela nos encanta enquanto enobrece o sentimento e o prazer, e cada um torna-se por si um acumulador de energia que envia de volta o que ele recebeu, interpretado e modulado por sua própria personalidade, em benefício daqueles que não progrediram tanto quanto ele. Então a perfeição e a potência são temperadas por aqueles entre nós cuja aptidão especial é de tal tipo, para que não seja fino demais em sua natureza para a compreensão daqueles mais altos espíritos da terra que a captam, e em algum grau retém, aquilo que desta forma chega a eles do Mestre da Música aqui colocado.

Acho que deveríamos alongar nossas considerações, mas você não pode mais recebê-las bem agora. Nós colocaríamos resumido então que assim como é em outros assuntos, é também neste, a grande verdade mantém-se verdadeira, desde o Pai, numa descida ordenada até o mais humilde dos homens: “Como o Pai tem vida n’Ele mesmo, assim Ele deu ao Filho ter vida n’Ele”, - mas não somente vida, mas vida em todas as suas fases - e a Música é uma delas.

Como o Filho reparte aquela vida recebida do reservatório de Seu ser, dando vida como d’Ele mesmo, assim Seus servos fazem em menor grau, na razão de sua capacidade - não somente vida, como os pais a uma criança, mas amor, beleza, pensamentos elevados e melodias celestiais.

Meu amor a você, meu amigo, Kathleen, e por aqueles outros que usam a mim para passarem seus pensamentos a você, que estou mais perto de você que eles.

Terça, 13 de novembro de 1917

Falamos a você, amigo, da corrente vital do amor do Pai, da água e seus usos, da música também. E agora, nesta noite, umas poucas palavras para uma coordenação de forças em direção a algum fim certo e particular, proposto por aqueles cujo dever e responsabilidade é emitir para estas Esferas inferiores tais comandos, como lhes são determinados de cima. Saiba você, entretanto, você que habita em uma das mais altas destas Esferas, que tais deveres como os que são designados a você, foram todos elaborados conforme o nível deles, e ao fim a que se propõe, por aqueles que habitam em reinos distantes, acima de você. Estes esquemas de serviço distribuído são transmitidos para baixo até que cheguem a você, e fazem você saber algumas vezes de uma maneira, algumas de outra, e para uns mais abertamente, e para outros menos detalhadamante, não tão escampo. Contudo, todos que correm a corrida da vida terrestre podem ler o documento se quiserem, e perseverar em silêncio desejando que aquela luz lhe seja concedida, de acordo com o que sua vida for, e para qual fim ela foi guiada.

Mas a poucos é dado saberem ou vislumbrarem o futuro adiante. “Suficiente até o dia,” é a regra, como Ele disse uma vez, e isto é suficiente, assim sua confiança será firme e tranqüila todo o tempo. Não porque o futuro não é conhecido, mas somente porque é possível apenas para aqueles de alta capacidade e nível verem o curso distante do grande propósito da vida; e nossa capacidade é suficiente para apenas uma visão curta, e a do homem médio mal atinge alguma visão adiante. Quando tais esquemas são fornecidos, vêm através de tantas esferas descendentes que é, portanto, uma conseqüência natural que sejam tingidos pelas

características dominantes de cada uma das esferas através das quais são filtradas até embaixo e, até que o alcancem, participam de uma natureza de planejamento tão complexa que o assunto principal é muito difícil de se descobrir, às vezes mesmo para nós que temos habilidade pela prática nesta questão. Isto é um propósito e um uso da fé, ser capaz de perceber os compromissos de alguém e nada mais e, naquela convicção, ir adiante e bravamente, em nada duvidando de que a finalidade é prevista por aqueles que participaram do plano. Se aqueles que colaboraram na elaboração de tal plano forem fiéis e diligentes, aqueles que o conceberam terão o poder de alcançar seu fim. Mas talvez não, pois todo homem é livre para escolher, e nenhuma vontade do homem será ultrapassada na liberdade de sua escolha. Se ele escolher ir adiante com fé e confiança, então o final é certo. Se ele escolher sair do caminho planejado, então ele não é deixado nem forçado. Uma guia é então oferecida, e gentilmente. Se isto for recusado, ele é deixado ir-se sozinho - mesmo assim, não sozinho, porque outros serão suas companhias, e isto com certeza.

Para ilustrar o que queremos dizer. Um livro será projetado cuja necessidade é prevista. Diremos que aqueles de uma esfera cuja nota dominante é da ciência conceberão o esboço do livro. Isto será entregue em mãos para outra esfera cuja nota é o amor. Neste plano será infundida uma brandura, um efeito de suavidade, e o plano segue. Uma esfera onde governa a beleza acrescentará algumas ilustrações que darão harmonia e cor ao tema. Então virá para um grupo daqueles que estudam os diferentes traços dominantes nas raças humanas. Estes estudarão muito cuidadosamente o tema em si, e observarão a nação mais adaptada para pôr o evento adiante no mundo. Isto decidido, eles cuidadosamente selecionarão a próxima esfera ao qual será confiado. Pode ser que seja necessária uma infusão de precedentes históricos, ou uma veia poética, ou talvez romance. E aquilo, que começou na viga do fato científico profundo, pode chegar ao plano da terra como um tratado científico, uma resenha histórica, uma novela, ou mesmo um poema ou hino.

Leia alguns destes hinos que você mais conhece à luz do que lhe dissemos agora, e vislumbrará, mesmo que fracamente, o que queremos dizer. “Deus movimenta em caminhos misteriosos” poderia ser re-escrito como uma exposição científica de filosofia cósmica, ou mesmo ciência. Assim também “Há um livro, quem corre pode lê-lo.” “Oh, Deus, nossa ajuda em eras passadas,” poderiam formar a base de um trabalho informativo da Divina Providência, considerada historicamente, e muito possivelmente em sua primeira concepção pode ter sido formulada naquelas linhas, em alguma alta esfera cujo tom compartilha daquela disposição. Pois você rapidamente entenderá que tais planos são originados não somente em uma esfera, mas em muitas, e não passam de uma esfera para outra em ordem idêntica. Também, o que pode originar o que poderia ser um livro, antes que chegue a você é muito transfigurado, até tornar-se um ato do Parlamento, ou uma peça, ou uma negociação comercial. Não há finalidade para os caminhos e significados. Aquilo que eventualmente pareça ser digno de confiança ao grupo de companhias concernentes à produção de qualquer plano no serviço de Deus e no comportamento do homem, é agregado ao serviço. Assim é que aqueles homens desincumbem-se do trabalho daqueles que vigiam e guiam do alto. Então, percebamos quão grande hoste de ajudantes eles têm atrás de si, e indo adiante corajosamente, sem dúvidas, sem hesitação em seu caminho, porque não estão sós.

.....

A estes pensamentos que escrevi por você, bom amigo, eu acrescentaria agora uns meus. Kathleen

Aquilo que tem sido dado por aqueles que sabem mais que eu é concernente aos homens que se ocupam com os interesses de variadas espécies do mundo. Mas o que sei por mim é que suas palavras são aplicáveis também ao seu próprio caso, pois nenhum trabalho de alguém é deixado sem guia ou sem o suporte destes reinos justos. Tome este pequeno presente meu ao partir, portanto, meu amigo. É apenas pequenino, mas é da Kathleen.

CAPÍTULO II

O SAPATEIRO

Quinta, 15 de novembro de 1917

Os homens costumavam dizer, naqueles tempos em que vivíamos entre vocês na terra, que aqueles que escolhem o melhor caminho de vida deveriam arrepender-se logo, para um triunfo posterior. Isto alguns de nós pelo menos provamos, e achamos que não é desejável como sabedoria. Pois aqueles que assim escolhem têm um olho não no tempo, que é curto, mas na eternidade, que é longa. Destas esferas agora nós olhamos para trás, e, olhando para nossa jornada numa **visão resumida** e plana como num quadro, somos capazes de marcar melhor os pontos salientes que a tela mostra, e moldar o nosso curso futuro em harmonia com aquelas lições que ali possamos ler.

E quão diferente é o quadro quando é a luz branca do Céu que o mostra para nós, em comparação com a visão daquilo que ele parecia ser quando estávamos nas brumas, compondo o quadro e angariando materiais para o trabalho de composição. Não façam vocês, hoje, aquilo que fizemos então; sejam também cuidadosos com o que valorizam muito nos diferentes elementos da vida humana e no viver. Agora vemos que aqueles grandes empreendimentos dos quais tomamos parte eram grandes, na maioria, porque olhávamos para eles numa parte. Mas nossa parte é, individualmente, como um minuto, e importa a nós apenas pelo motivo, não pela parte que realizamos. Porque, espalhado por todos que colaboraram com sua influência, cada grande empreendimento rarefaz-se tanto, que cada um tem somente um pequeno papel a desempenhar. É o motivo com que se desempenha continuamente aquela parte que importa. O todo é para a raça – cada indivíduo obtém sua cota de benefícios do resultado, mas cada parte é pequena, enquanto que, – se seu motivo for elevado – não importa se o mundo perceba seus feitos, aqui lhe será dada a sua parte a desempenhar, à qual ele mesmo fez por merecer na batalha da vida terrena.

Isto parece um pouco confuso. Poderia dar-me um exemplo a fim de ilustrar melhor?

Poderíamos dar-lhe muitos. Aqui está um.

Um sapateiro, que economizou somente o suficiente para pagar suas dívidas, e nada mais, depois que foram pagas despesas de seu enterro, chegou aqui há anos atrás, como vocês dizem. Ele foi recebido soberbamente por um pequeno grupo de amigos, e estava bem contente porque eles lembraram-se dele, e deram-se ao trabalho de vir de tão longe à terra para mostrar a ele o caminho da esfera para onde ele deveria ir. Era uma das próximas da terra, não muito alta, e, como eu disse, ele ficou muito contente. Pois ele achara paz depois de muita labuta e cansaço na sua batalha contra a pobreza, e lazer ao ir ver as várias paisagens interessantes e as localidades daquela esfera. Para ele era, sem dúvida, o Céu, e todos eram gentis com ele, e ele estava muito feliz na companhia deles.

Um dia, para usar o vocabulário terrestre, um Senhor de uma alta esfera caminhava na rua onde era sua casa e entrou nela. Encontrou o sapateiro lendo um livro que encontrara na casa à qual fora levado, e que lhe disseram ser seu lar. O Anjo Senhor chamou-o pelo seu nome na terra – não me lembro qual – e o sapateiro levantou-se.

"O que está lendo, meu amigo?" o Anjo perguntou-lhe.

O homem assim respondeu, "É algo que não é de muito interesse para mim, senhor, o que leio. Não está dentro de minha compreensão, sem dúvida, porque evidentemente não foi escrito por alguém desta esfera, mas de uma muito mais alta."

"Para que fim foi escrito?" o Anjo perguntou novamente, e ele respondeu, "Senhor, ele fala de um estado elevado e um empreendimento de organização de grandes companhias de homens e mulheres nas esferas acima de nós a serviço do Único Pai. Estas pessoas, penso

eu, foram algum dia de nações e fés diferentes umas das outras, porque assim o modo de discursarem parece mostrar. Mas ao escritor deste livro, eles não mais parecem diferentes, porque eles têm, por um longo treino e muito progresso, vindo juntos como um grupo de companheiros, não havendo mais divisões entre eles para apartá-los, nem em afeições uns por outros, nem em entendimento racional. Eles são uníssonos em propósito e serviço e desejos. Por isso eu julgo que a vida aqui descrita não seja desta esfera, mas de uma distante acima desta. O livro, mais ainda, é de instrução, não só para aquele grupo brilhante, mas também para servir de guia para líderes entre eles, porque fala de diplomacia e alto governo, e da sabedoria requerida por aqueles que lideram. Por esta razão, senhor, isto não é de meu interesse presentemente, mas poderá ser daqui a muito tempo. Como o livro veio parar aqui, não sei lhe dizer."

Então o Anjo Senhor tomou o livro e fechou-o e devolveu-o ao sapateiro silenciosamente, e, enquanto ele o pegava das mãos do Anjo, suas faces ruborizaram-se de confusão, porque brilhando na capa estavam gemas de rubi e outras brancas que cintilavam em letras que formaram seu nome em brilho e chamas.

"Mas eu não havia visto isto, senhor," ele disse. "Eu não vi meu nome ali, senão agora."

"Mas é seu, como vê," disse o Anjo Senhor, "e portanto, para sua instrução. Pois saiba, meu amigo, esta esfera é apenas um lugar de descanso para você. Agora que já descansou, deve começar seu trabalho, e que não é aqui, mas naquela alta esfera de que o livro trata e na qual foi escrito."

O sapateiro não conseguia falar, porque estava com medo e encolheu-se e inclinou sua cabeça diante das palavras do Anjo. Apenas isto ele pôde dizer, "Eu sou um sapateiro, senhor; não sou líder de homens. E eu estou contente com o lugar humilde neste lar brilhante que é o Céu, indubitavelmente, para os que são como eu."

Mas o Anjo disse, "Agora, apenas pelo que disse, você deveria ter uma promoção. Pois você deve saber que a humildade é uma das proteções e salvaguardas certas daqueles que permanecem nos altos lugares de comando. Mas você tem mais armas que esta proteção de humildade, que é protetora de uma forma passiva. Armas de ofensiva que você também temperou e afiou naquela vida na terra. Quando você fazia botas, seus pensamentos eram para fazê-los de tal forma que agüentassem um longo uso e protegessem o bolso de seu pobre comprador. Você pensou mais nisso que no preço que cobraria. Isto, sem dúvida, você fez ser uma regra; aquela regra cresceu em você e tornou-se parte de seu caráter. Aqui, tal virtude não é pouco estimada.

"Novamente, apesar de que fortemente pressionado para pagar seus compromissos, mesmo assim, de tempo em tempo você deu uma hora de seu dia para ajudar algum amigo recolher sua colheita, plantar seu pedaço de chão, cobrir com palha seu telhado ou amontoar o feno, ou talvez olhar algum doente, ficando ao lado de sua cama. As horas assim dadas, e que você repôs à luz de velas, para você foram pobres. Isto também foi notado neste lado, pela razão do aumento de brilho de sua alma, porque podemos ver o mundo dos homens pelo nosso vantajoso ponto de vista, onde a luz das esferas, perpassando pelos nossos ombros vinda de trás, atinge os na vida terrestre e é refletida de volta pelas virtudes dos homens, e não acham refletores em seus vícios. Portanto os espíritos daqueles que vivem bem são iluminados, mas escuras e sombrias mostram-se as almas daqueles que vivem suas vidas doentias.

"Outras coisas eu poderia dizer-lhe sobre o que fez e o por quê. Mas deixe-as para um tempo suficiente, enquanto agora transmito-lhe minha mensagem. Na esfera que este livro descreve, ali um grupo de pessoas aguarda você. Eles foram treinados e organizados. A missão deles é visitar a esfera próxima da terra de vez em quando e receberem, das mãos de quem os traz, espíritos que tardiamente chegaram ali. A tarefa deles é estudar estes recém-chegados e colocar cada um em seu próprio local, e mandá-lo para lá por um grupo de socorristas que atendem a este propósito. Eles estão prontos para começar a qualquer momento e apenas estão esperando por seu líder. Venha, bom amigo, e mostrar-lhe-ei o caminho ao local onde eles estão esperando por você."

Então o sapateiro ajoelhou-se e colocou sua face no chão aos pés do Anjo e lamentou e disse, “Se eu fosse apto, senhor, para este grande serviço... Mas, ai de mim, não o sou. Nem conheço este grupo, nem sei se me seguiriam.”

E o Anjo replicou, “As mensagens vêm d’Aquele Que não erra na escolha das pessoas. Venha, você não encontrará um grupo de estranhos ali. Porque, freqüentemente, quando seu corpo cansado dormia, você foi levado àquela mesma esfera, sempre, mesmo na sua vida na terra isto foi feito. Ali você também foi treinado, e ali aprendeu, primeiro a obedecer, e mais tarde a comandar. Conhecê-los-á bem quando os vir, e eles também o conhecem bem. Ele será sua força, e você cumprirá corajosamente.”

Então ele o levou para fora de casa, e pelas ruas desceram, passando à trilha da montanha em frente. Conforme iam andando, sua roupa tornou-se mais brilhante e mais leve na textura, e seu corpo ganhou estatura e muita iluminação, e, enquanto subiam, desta forma o sapateiro ia ficando para trás, para surgir emergente o Príncipe e Líder.

Depois de uma longa jornada e muito agradável, muita coisa afastada para que a mudança fosse forjada o mais suavemente possível, eles chegaram ao grupo. Ele os reconheceu um a um, e eles, por sua vez, vieram e postaram-se diante dele, e ele soube que poderia liderá-los bem, pelo vislumbre de amor que ele viu em seus olhares.

CAPÍTULO III

COMUNICAÇÃO CONCERNENTE

Sexta, 16 de novembro de 1917.

Muito daquilo que dizemos a você, amigo, sem dúvida parece estranho a seus ouvidos, a você que não viu nem ouviu o que somos privilegiados ao vermos e ouvirmos. Mas, se de alguma maneira deixa-o perplexo, esteja bem seguro disto: que as nuvens de névoa que agora você enfrenta, nós também um dia enfrentamos, antes de você. Nós, portanto, não estranhamos suas dificuldades e suas dúvidas, e não nos espantamos com a sua hesitação freqüente. Contudo, abandone o que vem à sua mente; mais tarde leia tudo criticamente e talvez admitirá que no resultado total valeu a pena o trabalho, com imperfeições como bem pode ser, tanto no corpo quanto nos detalhes. O corpo é de maior importância que os detalhes, lembre-se, e íntimo a ambos está a alma. Deixe-nos o que é de seu vocabulário, pois se há algum valor naquilo que lhe damos, é lá que pode ser achado.

Sua fraseologia é um tanto antiga. Suponho que a considere mais fácil que o Inglês moderno. É assim? Estive quase escrevendo uma frase numa maneira mais moderna, e imediatamente algumas palavras pitorescas parecem vir à mente e fazem-me desistir.

Você não está longe do que acontece, meu amigo. Pois sem dúvida encontramos mais facilidade para usarmos o que vem em sua mente da maneira antiga quanto ao palavreado e seus usos e arranjos. Mas, se preferir, nós nos esforçaremos então em usar seu cérebro para empregar o que encontramos ali de estilo mais moderno. Tentaremos, se assim o deseja.

Não importa. Eu meramente reparei nisto como sendo não muito dentro do padrão ordinário das coisas. Por exemplo, quando estou pregando, o amigo que me ajuda ali não me faz usar a fraseologia antiga.

Não, há muitas diferenças mínimas no métodos pelos quais fazemos nosso trabalho. Viriam lapsos mais facilmente a ele, sem dúvida, pelo menos ocasionalmente, na maneira de falar que ele aprendeu quando estava no seu plano. Mas pela prática ele conduziu a eliminar isto e usar seu próprio estoque de palavras, para que não causasse estranheza a ouvintes espantados e desse a eles motivo de questionarem se a pose seria sua, o que faria desmerecer um pastor simples e manso. Por outro lado, conversando assim, para que seja escrito, temos palavras e expressões que não podemos usar a não ser que forcemos sua mente e então você, em sua perplexidade, hesitaria, e nós nos desencaminharíamos do propósito do nosso tema.

Como é que conduzem o assunto então?

Bem, de qualquer forma somente em parte somos capazes de fazer claro a você o método que estamos empregando neste caso em particular. E assim continuaremos tanto quanto possamos. Primeiro de tudo, aqui nesta noite estamos num grupo de sete - algumas vezes somos mais, algumas vezes menos. Nós já trazemos decidido na forma geral o que diremos a você, mas deixamos o vocabulário preciso até o momento em que o vemos e sentimos sua disposição mental, e também o que há guardado à disposição em sua mente para aquele dia. Então permanecemos à uma pequena distância, para que nossa influência, emanações de nossas várias cabeças, não o alcance em partes, mas como uma corrente, e não como muitas, que de desta forma o confundiriam. Mas, da pequena distância na qual permanecemos, elas emergem e mesclam-se, e são focalizadas em uma; assim nos nossos pensamentos, ao chegarem em você, há unidade e não multiplicidade de dicção. Algumas vezes você hesita, duvidoso de uma palavra ou frase; é quando nossos pensamentos, misturando-se em um só, não estão bem adequados à palavra especial requerida. Você dá uma pausa e, continuando a mesclarmos juntos, nossos pensamentos finalmente assumem unidade, e então você obtém sua idéia e continua em seu caminho. Você percebeu isso, claro?

Sim, mas não sabia da causa.

Não. Bem, então continuemos agora. Pensamos nossos pensamentos para você, e algumas vezes eles estão em palavras tais que são antiquadas demais, como diz você, para você apreender prontamente. Isto é remediado, quando as filtramos através de um instrumento mais moderno, e é sobre ele que falaremos agora.

Este instrumento é sua amiguinha Kathleen, que é bondosa o suficiente para estar entre nós e você, e desta forma fazer com que nossos pensamentos estejam disponíveis a você. Isto é por mais de uma causa. Primeiro, porque ela está mais próxima a você em status que nós que, estando mais longe daqui, tornamo-nos algo deslocados da terra, das maneiras e das formas da terra. Ela é mais recém-chegada para cá, e ainda não está tão distante que não dê para, ao falar, não ser entendida. Ainda por outra razão parecida também ela está entre nós; é o vocabulário que forma o atual estoque dela. Ela ainda pode pensar em sua antiga língua da terra e é mais moderna que a nossa - apesar de que nós não gostamos desta linguagem, porque nos parece mais complexa e menos precisa. Mas não devemos achar falhas naquilo que está maravilhoso. Temos, sem dúvida, ainda nossos preconceitos e a estreiteza mental. Estes não surgiram recentemente, mas, quando descemos para cá, nada podemos a não ser retomar novamente alguns daqueles tratos que uma vez tivemos mas, gradualmente, deixamos de lado no nosso caminho em frente. Quando retornamos assim, rememoramos seu conhecimento, e não é maçante; há mais que prazer nisto. Ainda, a senhorita Kathleen está mais perto de você que nós a este respeito; e a corrente de nossas emanações dirigimos sobre você através dela por esta razão. Mais ainda, ficamos um pouco apartados de você porque nossa presença combinada sobrepujaria a sua. Aura é uma palavra que podemos usar - não gostamos muito, mas serve por agora. Nossas auras misturadas afetariam tanto você que você, sem dúvida, nos sentiria com o que seria mais do que prazer - uma espécie de êxtase. Mas você não conseguiria transcrever, e nosso propósito em vir é dar-lhe uma seqüência de palavras que você e os outros possam ler com inteligência, e também com benefício.

Você deu uma olhada no ponteiro de seu mostrador de horas. Você o chama de relógio. Por quê? Isto é um pequeno exemplo de nossa preferência por sua mais antiga forma de falar. Mostrador de horas parece-nos mais explícito que outra palavra. Mas não pressionamos suas opiniões a fim de que não pareçamos falhos em nossa cortesia. E o significado de sua olhada é claro, não importa o nome que se dê à coisa para a qual olhou. Assim desejamo-lhe boa noite, bom amigo, e as justas bênçãos de Deus para você e os seus. Boa noite.

.....

Poderia a Kathleen acrescentar uma palavra, por favor?

Sim, é claro.

Estes bons amigos estão conversando juntos, porque usualmente prolongam-se por aqui um pouco mais, como nos velhos tempos, antes de irem. Sempre sei que estão indo, porque a última coisa que fazem é virarem-se para mim e darem seus agradecimentos e despedidas. Eles são um grupo de cavalheiros brilhantes e gentis, e algumas vezes trazem uma mulher com eles. Penso que é quando vão falar sobre algum assunto onde uma mente meramente masculina não pode abranger tudo. Não sei quem ela é, mas é muito digna, bonita e de aparência bondosa. Até logo, por enquanto, meu querido amigo, estarei logo com você novamente. Muito obrigada por me deixar escrever com você.

Até logo, Kathleen, minha querida. Mas penso eu que os agradecimentos deveriam partir de mim.

E você estava relutante em começar, não estava?

Sim, estava. Tenho muito o que fazer nesta época. Também não esqueço a tensão quando escrevi aquelas outras mensagens quatro anos atrás.

E mesmo assim o tempo para nós foi arranjado, não foi? Percebeu isto? E a tensão não é tão grande quanto você esperava. Não é assim?

Certo nos dois itens.

Bem, o último item é correto, como você colocou, porque sua indigna amiguinha Kathleen fez seu papel em vir intermediar. Portanto não deixe de me levar em conta no futuro, está bem? Até logo, e mais uma vez obrigada. Ruby (1) diria “e beijos”, mas isto é privilégio de ter sido sua filha, vê? Então apenas digo: até mais, com amor e bons pensamentos.

KATHLEEN

(1) ver prefácio

Sábado, 17 de novembro de 1917.

Por causa de muitas complicações intrincadas, às vezes quando lemos a mensagem que enviamos, vemos que aquilo que tentamos imprimir não está patente ali, e algumas vezes aparece, em menor quantidade, aquilo que não tínhamos em mente. Isto é apenas uma natural conseqüência da intervenção de um véu tão espesso entre a esfera de onde falamos e aquela onde o que está registrando vive sua vida. A atmosfera das duas esferas é tão diversa em qualidade que, em passando de uma para outra, há uma diminuição de velocidade tão repentina e tão marcante que um choque é dado à corrente de nossos pensamentos, e é produzido ali, justamente na linha de fronteira, alguma confusão inevitável. É como um rio vertendo de uma represa para um nível mais baixo, onde a superfície é um palmo de águas agitadas. Tentamos passar por baixo, onde a corrente não é tão perturbada, e então nossa mensagem chega mais clara. Mas esta é uma das muitas dificuldades que encontramos.

E aqui está outra. O cérebro humano é um instrumento muito maravilhoso, mas é de substância material, e mesmo quando a corrente de nossos pensamentos o alcança e imprime sobre ele, mesmo assim, por causa da densidade, a penetração é impedida, e às vezes tudo leva a uma parada. Pois as vibrações, da forma que elas saem de nós, são de alta intensidade, e a finura de sua qualidade é um obstáculo a uma correspondência efetiva no cérebro humano, que é grosseiro por comparação.

Mais uma vez, há muitas coisas aqui para as quais não há palavras em nenhuma das linguagens terrestres que expressem seus significados. Há cores que seus olhos não vêem, mas estão presentes em seu espectro; e há mais outras cores que são de uma sublimidade mais elevada do que pode ser reproduzido por um meio que mostre as cores da terra a você e registre aquelas invisíveis a vocês, mas presentes também. Há também notas e tons sonoros da natureza finos demais para um registro pela atmosfera terrestre. Também há forças semelhantes não disponíveis a vocês, nem há como serem expressas a vocês que não têm experiência, ou o conhecimento empírico delas. Algumas vezes diz-se que estas constituem a Quarta Dimensão. Não é uma maneira verdadeira de expressar o fato como ele é, mas talvez é melhor que deixá-lo sem ser mencionado totalmente, e isto não é para valorizar tal explanação como elevada, afinal de contas. Esta e outras matérias ali estão interpenetrando-se todas em nossas vidas e formando nosso ambiente. E quando chegamos para falar de nossa vida aqui, ou das causas que vemos atuando, das quais você vê os efeitos apenas, ficamos muito perplexos e continuamente esforçamo-nos para achar apenas um modo de dizê-lo, para que tudo seja entendido por vocês, e também que o objetivo não seja tão amplo como o conhecemos.

Assim você verá que temos uma tarefa a cumprir, ao falarmos em sua esfera sobre a nossa, o que não é fácil. Ainda assim vale a pena fazê-lo, e redigimos da melhor forma e tentamos ficar satisfeitos.

Isto poderia ser feito mais facilmente se os homens fossem mais propensos em acreditar na nossa presença e companheirismo do que atualmente são. Fosse a crença mais ousada e vivaz, e mais simples os corações dos homens, e com mais crença, então seu ambiente espiritual seria muito mais elevado em tom e textura, e faria nossa tarefa prontamente executada, e mais prazer obteríamos em nossos esforços em ajudá-los.

É mais fácil falar a um Hindu que a vocês, porque ele dá mais abertura aos assuntos espirituais que vocês. A vocês aqui no Ocidente, a ciência das coisas orgânicas e das coisas inorgânicas - como vocês supõe que elas são, e erradamente -, das coisas substanciais e também a ciência da organização exterior (que são os negócios de política de estado), são assuntos que pareciam ter maior urgência. E este trabalho vocês fizeram muito bem, e foi

necessário que fizessem. Foi necessário também que seus maiores esforços fossem concentrados no aspecto das negociações do mundo. Mas agora a situação está quase completa, tudo quanto concerne a esta época, e esperamos que sintonizem a mentalidade para um canal mais alto, para a frente e para o alto da vida espiritual. E quando isto for atingido, então estes que esperam pela oportunidade de falar com os homens encontrá-la-ão, e não deixarão passar. O tempo está bem próximo agora, e muito daquilo que é útil poderá ser procurado e esperado. Pois temos visto que a batalha mais dura diante de nós é conquistar o materialismo do Ocidente, e regozijamo-nos nesta luta dura, como você faz, e mais ainda, não nos cansaremos tão cedo.

Não seguiremos adiante com isto agora, já que você se cansou. Assim, boa noite, amigo, e a paz de Deus a você.

Quinta, 22 de novembro de 1917.

Se puder dar sua mente a nós por uns instantinhos, tentaremos explicar mais a você no que se refere ao nosso método de trabalhar e servir aos homens. Você entenderá que, sendo estas regiões muito vastas em área, e sendo incontáveis os habitantes das esferas, os métodos de trabalho variam nos diferentes lugares, e de acordo com a evolução de organização atingida em cada um. Falamos, portanto, neste momento, apenas de nosso próprio local, não de outros. Precisamos fazer assim, porque para uma comunidade são dados os procedimentos de outras para que sejam estudados, tanto para a edificação quanto para a coordenação também. Mas ficaremos restritos ao nosso próprio lugar agora.

Há muita coisa para se fazer a fim de ajudar a humanidade que está confiada a nós como nossa tarefa peculiar na esfera de onde viemos. Estes compromissos estão divididos, e uma tarefa mais especial é dedicada aos grupos de trabalhadores. Destes grupos, em número de sete, nós aqui presentes formamos o que vocês chamariam de uma seção ou destacamento. Fomos delegados para este trabalho que agora temos em mãos, que é o envio de uma série de mensagens através de Kathleen, sua pequena amiga e, na seqüência, a você. O grupo ao qual pertencemos varia em número de vez em quando, conforme novos membros são iniciados, ou os membros progridem e são chamados para a próxima esfera acima. Neste presente momento o total do grupo é de trinta e seis, e trabalhamos normalmente em destacamentos de seis com um líder, mas algumas vezes com mais, algumas vezes menos, de acordo com a natureza do trabalho que devemos fazer. A razão de trabalharmos em grupos, e não sozinhos, não é apenas para um aumento de forças ou para maior poder, mas também para a combinação de influências a serem expostas e misturadas num todo. Isto nós já explicamos a você. Esta mistura, para ser efetiva, deve harmonizar-se com a personalidade ou personalidades através de quem trabalhamos, ou de outra forma o efeito seria de qualidade incerta e propensa a erros de maior ou menor grau. Há outros serviços de outras espécies aos quais isto não se aplica, mas deixamos de lado estes por um tempo e falaremos de nosso atual trabalho.

Há apenas duas personalidades que temos atualmente a considerar: a de Kathleen e a sua. Falamos apenas de duas, nossa intérprete - você assim a chamaria - é uma de nós. Vocês dois estiveram sob nossa observação por muitos meses no passado. Primeiro nós o encontramos. Nós soubemos de você através de seus escritos para a senhora sua mãe e seu grupo, e mais tarde para meu senhor Zabdiel.

Pode dizer algo dele?

Muito seguramente, amigo, e assim faremos num tempo apropriado, mas não nesta noite.

Nós, portanto, estudamos e analisamos sua mentalidade e o que você guardou lá nos anos de sua vida terrestre, e sua alma - que é seu corpo espiritual, assim empregamos a palavra aqui nestes escritos - e a saúde dele, e em quais membros a saúde requeria uma melhora a mais; e também, tanto quanto pudemos, estudamos a qualidade e o caráter de suas facetas, o espírito em si. Isto foi passado através do espectro que usamos - não muito parecido com aquele sobre o qual seus cientistas falam, mas que é aplicado por nós, nos homens e suas emanações, como seus cientistas fazem com o raio de luz. Assim você foi, mesmo que desconhecendo, vasculhado e testado com muito cuidado e detalhamento. Fizemos nosso

diagnóstico, cuidadosamente escrito em detalhes, e então comparamos com aquele que foi feito quando meu senhor Zabdiel usou você, e também com o registro mais cru, mas bastante completo, usado quando sua mãe veio a você pela primeira vez e, com suas companhias, imprimiu em você seus pensamentos.

Estes três registros mostraram seu progresso. Em algumas coisas você... pensou que diríamos algo de você, amigo?

Sim, por favor.

Em algumas coisas você progrediu e em outras falhou, mais pela razão de muito serviço em seu tempo e pensamentos postos a trabalhar provindos desta guerra atual. Num balanço total, penso eu, podemos dizer que achamos você, como instrumento, um pouquinho inferior do que você era anos atrás. Concordamos que seríamos capazes de usar sua mente quase que completamente como já fizeram antes. Mas foi nas coisas mais profundas onde foi achada uma falta em você - aquelas que levam para um vôo espiritual e êxtase, e nos permitem trabalhar na faculdade imaginativa, que é o que deveria ser chamada uma clarividência interior, e também na escuta interior. Apesar disto, achamos você um instrumento que poderia ser usado e deve, talvez, progredir com o uso, e estamos felizes em usar você.

Outra coisa mais, descobrimos que as linhas de progresso para cima e para baixo não se encontram sempre continuamente em linha reta, quando colocamos os três registros emendados numa seqüência. Houve discrepâncias, e aquelas que são concernentes aos dois últimos registros, o nosso e o de antes de nós, descobriu-se que eram da nossa conta, não daqueles que fizeram o registro por meu senhor Zabdiel. Isto não é para espantar, se você pudesse conhecer o método empregado por nós. No seu progresso, não sendo sempre na mesma direção, as linhas entrecruzaram-se e envolveram-se uma à outra, o que resultou em confusão. Mas os erros foram todos nossos.

Pararemos por aqui, e espero continuarmos este mesmo tema amanhã à noite, pois você teve mais de uma interrupção, o que é mais que bastante, e não está fácil usá-lo esta noite por causa delas. Precisamos nos esforçar por combinarmos melhor, se pudermos, para que isso seja evitado daqui para frente. Tentaremos. Boa noite, amigo, e que as bênçãos de Deus possam estar no caminho por onde passa.

Sexta, 23 de novembro de 1917.

Continuaremos, amigo.

O elo que se estende entre a redação na sua mente e o lápis e papel pelo qual passa esta corrente de pensamentos a outros, está agora caminhando para a perfeição. Feita a procura, levando-se em consideração sua personalidade própria e os traços particulares, encontramos uma ligação entre nós e você - aquele que poderia receber esta mesma corrente da união de nossas mentes, refratá-la, em certa medida transmutá-la, eliminar dela aqueles elementos que num espectro não são de utilidade ao olho humano, nem de efeito sobre a retina, e transmitir o residual a você. O que chega a você vindo de nós, entretanto, não é a soma total do que inicialmente foi enviado a você. É análogo a que chamam a parte visível do espectro, isto é, é tudo o que pode ser feito visível ao olho humano - aquela luz composta de vibrações de raios que nem são ultra, nem a base. Isto, em si, é uma explicação das muitas dificuldades de comunicação que freqüentemente parecem ser irracionais no elo final de sua corrente. Agora, todas as leis são coerentes e têm certos pontos de semelhança. É assim agora. Pois, assim como aquela luz branca pela qual você vê não é uma única, mas uma unificação, assim é conosco. A luz branca unifica em si mais cores que uma, que, combinadas, produzem uma corrente de luz de uma só cor, e neutra. Assim nós, nossas mentes combinadas, não produzimos a você cada um dos próprios elementos em separado, mas uma corrente coerente, como se proviesse de uma só mente. Esta ilusão é obtida também por causa de nossa transmissão desta corrente, que é através de nossa excelente amiguinha e médium de transmissão, Kathleen. Perceba também que estes elementos devem ser misturados na proporção certa, e cada qual em sua quantidade adequada, ou o efeito estaria arruinado, como se a luz não fosse branca, mas mesclada, havendo uma cor predominando acima de sua proporção justa, na mistura de todos.

Nós estamos coletando nossos materiais para o pudim, veja você, mas ainda não estão prontos para a mistura. Nós acabamos de entrar em contato com um elemento muito importante. Encontramos a senhorita Kathleen e, por causa de sua amizade com ela, e afinidade, alguém de seu próprio sangue.

Você quer dizer Ruby?

Ela mesma, quem mais? Sua filha Ruby é, para Kathleen, tanto amiga como instrutora. Muito bem. Convidamo-la como convidamos você, um pouco mais ou pouco menos, e chegamos a um problema grande e muito delicado, do qual depende grandemente o sucesso e a ventura de nosso serviço. Nós éramos seis homens, e Kathleen mulher. O sexo predomina muito em nossa ciência aqui, como acontece com vocês. Poderíamos trabalhar mais facilmente por um cérebro masculino, até mesmo como os nossos. Portanto, não puxando demais por sua paciência, deixe-nos dizer que encontramos alguém cujo pensamento por um lado corresponderia com o nosso, e por outro lado, fosse uma mente com um toque feminino. Esta é a senhora que atua na função de intérprete. Ela é de nossa esfera, também é de nosso grupo, e ainda mais, tem muita prática, e está por muito tempo em nossa companhia. Ela está sintonizada conosco como uma das nossas, e sintonizada com a Kathleen pelo lado feminino. Ela é quem resume e mistura o total de nossas mentalizações - pensamentos - e os transmite a você através de Kathleen. Você perceberá que estas mensagens têm, na sua maioria, o tom masculino de pensamento e expressão. É por causa da predominância do elemento masculino na composição deste destacamento do grupo. Mas às vezes você poderá, talvez, detectar o elemento feminino com mais proeminência. Isto acontece quando o tema é tal que fica mais conveniente que a mente feminina dirija, e que nós, pobres homens, apenas sigamos, aplicando nossos poderes mais brutos às rodas, assim incrementando o elemento dinâmico na aventura. Mesmo Kathleen, às vezes, irá dar uma espiada naquilo que for de seu trabalho, e sem dúvida será agradável para você, como ela é para nós, na sua doce e ingênua maneira de ser.

Você fala como se pretendesse que esta série seja bem longa. Não pretendo parecer grosseiro, mas achei que aquela outra foi bem extenuante.

E não somente isso, amigo. Não se alarme. Passamos alguns sofrimentos para preparar esta empreitada - é uma empreitada menor. Você parará de escrever para nós assim que o desejar. Mas não penso que estará disposto a desistir de nossa companhia. Você já está achando, de alguma forma, muito agradável vir, e estar próximo a nós, e escutar nossa mensagem. Isto continuará, como penso. Mas, para seu conforto, direi que nosso propósito não é mais que dar o que meu senhor Zabdiel deu, porém algo que não será tão extenuante em sua natureza, mas será lucrativo, esperamos.

Algumas vezes você diz "eu" e algumas vezes diz "nós." Suponho que seja porque há dois aspectos em sua mensagem: A única corrente e os vários elementos que concorrem para formar a corrente; vocês sete falando algumas vezes no plural e algumas vezes como um. É assim?

Não é uma má explanação, amigo, e é parcialmente verdadeira, mas somente em parte. Quando dizemos "eu", falamos em nome do líder (1) de todo o grupo de trinta e seis, como hoje está assim composto. Quando eu digo "nós", estou falando naquele momento no comportamento dos outros seis neste detalhe. Agora há uma coisa para você pensar: como a unidade e a diversidade, como o singular e o plural podem ser intercambiáveis e com que tamanha facilidade isso é visto nestas mensagens.

Amigo, há uma profundidade aqui na qual você falhará no significado enquanto estiver na carne, tente como queira, pois é um círculo externo do mais íntimo santuário onde está o sublime Mistério dos Três em Um.

(1) Na quarta-feira subsequente a esta, o Sr. Vale Owen foi questionado nas seguintes perguntas através da prancheta usada pela sua esposa:

"Estará George na Igreja amanhã por si mesmo? Porque o Líder gostaria que ele ficasse calado; não o pressione apresentando as pessoas que chegam para falar com ele. Estarei chegando amanhã bem cedo para prepará-lo para um Líder disposto. Kathleen."

(G.V.O.) - "Você quer dizer que o Líder do grupo que vem com você está disposto?"

"Sim, nós sempre o chamamos de "Líder!"

Nota: - O Sr. Vale Owen decidiu, depois desta mensagem em prancheta acima, atribuir todas as mensagens não assinadas neste volume como vindas do Líder. (Veja o começo do Capítulo VI)

CAPÍTULO IV

O MINISTÉRIO ANGÉLICO NAS ESFERAS INFERIORES

Terça, 27 de novembro de 1917.

Nós temos nossa matéria pronta em mãos, amigo, e pedimos que nos dê sua mente, para que possamos contar-lhe de um incidente que aconteceu recentemente na esfera onde sempre estamos para supervisionar um trabalho que há ali.

É a construção de um prédio semelhante a um templo; seu propósito, quando completo, é o de coordenação de energias com a finalidade de aqueles da vida da terra poderem receber lá, o mais rapidamente possível, nossos pensamentos vindos de cá. Este prédio está sendo construído devagar já por algum tempo, e está perto de terminar. Descrevê-lo-emos tão bem quanto pudermos, e posteriormente o uso que lhe será dado em breve.

O material é de várias cores e de várias densidades. Não é feito de tijolos agrupados, nem de blocos como os de pedra da terra, mas cresce em uma única peça apenas. Quando decidimos o seu projeto, fomos ao lugar já escolhido onde ele ficaria. O lugar foi um platô entre o mais baixo e o mais alto dos planos da Esfera Cinco. Repare que estamos, nestas mensagens, seguindo a linha que Zabdiel deixou ao enumerar as esferas. Outros, algumas vezes, adotam este método, e outros, de outra forma própria. Mas você está mais ou menos familiarizado com esta forma, então nós a usamos. E é, ainda mais, um sistema mais conveniente de graduação que alguns outros, que freqüentemente são mais complicados, ou ainda genéricos demais. Meu senhor Zabdiel escolheu uma espécie de medida, e então deixemos ficar aqui e agora.

Nós nos reunimos, portanto, e, depois de um silêncio a fim de harmonizarmos nossas personalidades em direção à empreitada única, concentramos nossas mentes criativamente nas fundações e, gradualmente e muito vagarosamente, emanamos o fluido do poder de nossa vontade do chão para cima, e mais alto, até que chegamos ao andar semelhante a uma cúpula, e ali ficamos enquanto o Senhor Anjo, nosso líder, agrupou o total de nossas energias em si, e foi gentilmente ondulando o fruto de nosso empenho à medida que desviava a corrente poderosa da vontade para o espaço enquanto permanecíamos com a corrente de cada um de nós pulsando.

Agora, isto pode soar estranho em sua mente, amigo. Mas a razão disto foi: nós, como uma companhia, somos bem treinados e por longo tempo temos exercitado para atuar em concordância. No entanto, ao terminar o primeiro andar daquela frágil estrutura, foi preciso um maior controle das personalidades, mais potente do que a que pusemos em operação, ou o edifício teria tido sua forma arruinada ou a estrutura rompida, e nossos esforços teriam sido por nada. Uma razão a mais achamos difícil alcançar, assim como você poderia entender nossas palavras. Pode ser, pensando no assunto, que entenda a razão disto, se não entender o método. Pense nas linhas de corte do cordão umbilical, e também no outro cordão vital da morte, ou no fechar rápido demais de um conduto por uma porta de eclusa, ou alguma coisa da mesma natureza, e você poderá vislumbrar o que de bom grado diríamos, mas há falta de palavras.

Então o primeiro passo era o exterior do prédio na totalidade, mas esmaecido na fachada e de duração transitória. Assim, depois de descansarmos um pouco, recomeçamos mais uma vez nossa tarefa, e começando nas fundações como antes, reforçando cada pilar e porta e torres e torretes, conforme subíamos vagarosamente, até que o domo foi alcançado. Fizemos isto muitas vezes, e então deixamos a estrutura assim, a forma externa somente, mas já completada em sua forma. O que estava faltando era, principalmente, profundidade nas cores, a complementação da ornamentação mais delicada e então, quando isso fosse feito, a solidificação do todo, até que fique tão forte que possa suportar muitas eras.

Fomos ao processo por muitas vezes, e freqüentemente, conforme nossas forças se renovavam, e mais encantadora e feliz era a elaboração da beleza. O Templo é muito majestoso, tanto em proporção quanto em tamanho, e também em projeto - um objeto de muita

beleza, sempre crescendo mais bonito, enquanto cada um de nós dá de si mesmo para gerá-lo. Os prédios nem sempre são erigidos desta forma nas esferas; há muitos métodos para a sua construção. Mas quando são feitos assim, tornam-se não tanto um trabalho dos construtores, mas nossas crianças muito amadas, porque são parte de nossa própria vitalidade e de nossa idealização. Tais prédios como esse também são mais receptivos às aspirações daqueles que vêm a eles depois, como trabalhadores, pois as construções têm uma certa vida, talvez não uma vida completamente consciente mas, mais corretamente, estão dotados de sensibilidade. Penso que deveríamos colocar este fato assim: Que enquanto uma casa como esta não termina, sua função é, para nós, seus criadores, como o corpo humano é para o espírito que o usa, tanto dormindo quanto acordado. Nós estamos sempre em contato com o trabalho ali realizado, através de sua sensibilidade. E não importa para que esferas, num tempo futuro qualquer, a companhia que o criou tenha se dispersado, sempre haverá naquele prédio um foco de comunhão real e vívida, e a alegria de todos eles é justamente aquela que você conhecerá quando se agregar aos criadores nestas esferas, se esta for a linha de sua subida no Reino de Deus.

Agora, quando a parte externa foi feita e confirmada, ali restou o trabalho interno, de maiores detalhes: a decoração das câmaras, saguões e capelas; a colocação dos pilares em colunatas; as águas das fontes para estarem em perpétuo fluir, e muitas outras formas de detalhamento. Primeiramente permanecemos juntos do lado de fora e concentramo-nos nos pilares de suporte e paredes divisórias, e quando estes foram assentados, fomos para dentro e visualizamos o trabalho artesanal, como diriam vocês, mas nossas mãos não trabalharam muito, nossas cabeças e corações foram os construtores.

Então, lá dentro levantamos a abóbada, e, conforme você descreveria, diariamente fomos de câmara para câmara, hall e corredor, e decoramos cada um, pouco a pouco, seguindo o projeto original e o esquema, até que tudo estivesse feito, terminando com o embelezamento do conjunto.

Então, que maravilha de encantamento foi para nós, quando nosso Grande Diretor desceu de seu alto reino mais uma vez para ver o trabalho e aprovar nossos esforços. Muitos pequenos detalhes foram corrigidos por ele, a maior parte pelo exercício de sua própria vontade criativa. Mas alguns ele nos convidou a terminar e remodelar para o nosso próprio treinamento.

E então chegou o dia em que tudo estava pronto, e ele retornou com outro, um poderoso Senhor, cujo nível hierárquico era de uma sublimidade mais alta que a sua, e cujos poderes eram o que em Israel seriam chamados como os de Aarão, e daqueles que o seguiram; e pelos gregos, Hierofante; e pelos cristãos, Arcebispo. O processo que ele veio ordenar foi o que você chamaria santificação.

Consagração?

Aquela palavra servirá muito bem. É o que liga um edifício a qualquer esfera - terrestre ou outra - àqueles que habitam em algum reino mais alto, para proteção e também para o contato de graça e poder aos que usarem o lugar para isto.

Na terra seus templos são apenas uma cópia bem tênue destes dos nossos reinos. Mas eles são, em essência, do mesmo propósito e uso. Em Israel a nuvem mostrou a comunhão entre as duas esferas da terra e o céu de Jeová. No Egito a nuvem foi também usada nos primórdios. Nas colônias da Grécia os templos eram de menor vitalidade no efeito, mas não sem vibrações. O Islã parece dar-se menos que todos a este aspecto especial de ajuda e elevação a estes Reinos. Visitei as esferas do Islã aqui, e encontro este trabalho particular de comunhão e graça sendo administrado principalmente de outras formas. É assim nas Igrejas de Cristo em grande diversidade de graus. Em alguns dos templos consagrados ao Cristo Sua Presença e aqueles Seus Servos tudo é apenas visível, e penso que brevemente tornem-se visíveis àqueles que desejam.

Assim na terra você tem o princípio operando, e tem sido assim por longas eras passadas. Mas aqui é mais poderoso em efeito e mais visível em operação, e muito bonito e acentuado, com muitas bênçãos àqueles que estão galgando os degraus dos Altos Planos Celestiais de esfera em esfera.

Qual é o uso particular do Templo?

Está começando agora a ser usado para armazenar energia na qual serão iniciados os que vêm de partes diferentes da esfera Cinco, e também das esferas abaixo, de tempo em tempo. Eles são imersos nas vibrações da cor dele, lavados nas correntes e fontes de água que estão lá dentro, ou envolvidos na trama e no enlevo da música; com o passar do tempo e sua natureza correspondendo, eles são fortalecidos na parte que lhes faltava força, e iluminados naquelas outras partes onde o intelecto estava toldado. Mas, repare, não é meramente um sanatório, mas, deveria dizer, um da mais alta qualidade. Seu uso será para o corpo e para a personalidade, para ajustar o espírito para a jornada para frente, não somente em força corporal, mas também em lucidez intelectual, pelas quais ele poderá lucrar mais rapidamente e mais grandemente pelo conhecimento que é seu, a ser alcançado. Mas também o templo está sintonizado com aqueles cujo amor e vida estão focados no Templo Glorioso que espera pelos peregrinos chegando a seus altos planos.

Todos têm que passar por aquele Templo em sua ascensão?

Não, não todos, amigo, mas a maioria da Esfera Cinco. É uma esfera onde alguns, não muitos, ficam muito tempo. É uma esfera crítica onde a sintonia tem que ser feita nos vários traços do homem, e todas as desarmonias superadas. É uma esfera difícil de ser ultrapassada, e onde encontramos muitas delongas constantemente. É por isso que construímos o Templo, pois a necessidade foi grande. Ele ainda é novo, mas já temos que ver de que forma servirá, e indubitavelmente, conforme as experiências continuem, modificações nos detalhes serão feitas.

Mas há alguns que vêm e olham em torno deles e nada encontram para si aqui, para aprender ou compor em si mesmos. Estes, calados, fortes, passam adiante, abençoando conforme seguem, e o caminho que tomam fica mais brilhante porque por ali passaram; e aqueles que estão por perto ficam felizes e encorajam-se por vê-los. Mas aqueles que vêm de muito alto, longe daqui, são de uma graça e de tal beleza de espírito, mais encantadora e forte, que acrescentam graça à sua graça, e certificam a realidade da Irmandade de Todos.

Quarta, 28 de novembro de 1917.

Faça o sinal da cruz quando se sentir duvidoso de nossa presença perto de você. Isto o ajudará a perceber nossa proteção e perceber que está livre de toda a intrusão daqueles que, intervindo, poderiam ser contra nós. Não no corpo, mas pela projeção de suas influências de pensamento, que fazem uma névoa que obscurece. Leve em consideração, amigo, que em grau eles se aproximam mais de você que nós, e tenha aí o ganho de vantagem que nós queremos.

Como este sinal ajuda?

Por causa da realidade que representa. Quando você ponderar nisto, muito se elabora por sinais, não porque estes sinais tenham neles algum valor dinâmico, ou vindo deles, mas pela potência destas pessoas, ou forças que eles representam.

Por exemplo?

Por exemplo, as letras com as quais você está escrevendo no momento são apenas sinais, e aqueles que as lerem com simpatia e amor vão se colocar diante da aptidão armazenada neles mesmos, para progredirem quando chegarem aqui mais rapidamente do que aqueles que nem viram estes sinais. O nome de um rei é apenas um sinal daquele para o qual representa. Já ele, que pouco o usa em seus lábios, se se descuidar de algum comando escrito sob aquele nome, será bastante responsabilizado, como também em qualquer ordenação expressa regularmente. Por outro lado, o progresso daquele estado teria muitos obstáculos por causa da desordem e da falta de unidade resultante. Os nomes são, portanto, considerados com reverência, não somente nos assuntos da terra, mas nestes reinos celestes também. Pois aquele que nomeia um grande Anjo Senhor compromete aquela pessoa com qualquer que seja o trabalho que tenha que ser feito. Isto é assim ordenado; e o mais alto de todos, Seu Nome, deve ser tido na mais profunda reverência, assim como em sua própria lei sagrada está também determinado.

O Sinal da Cruz é apenas um dos sinais de Santidade que nós conhecemos, e temos feito as crianças da terra conhecerem-no no passado e no presente. Mas é, no atual estágio de evolução, o sinal mais poderoso que qualquer outro, porque é o sinal de vida d'Aquele que Vive, emanado para o progresso na terra. E como outras épocas têm sido períodos de manifestações de Deus por outros - escreva isto, amigo, não hesite - Cristos de Deus Sua Majestade, assim esta era é uma era peculiar daquele Cristo de Deus Que, vindo por último daquele alto grupo, é Príncipe de Todos, Filho tanto de Deus quanto do Homem. Eles, portanto, que usam este sinal, usam Seu Sinal - escrito manualmente em sangue, o qual é a Vida, e antes disto mesmo aqueles nossos companheiros que não têm Sua Soberania nem entendem Seu Amor, devem respeitar, porque conhecem e temem Seu poder.

Mesmo aqueles nos infernos, então, conhecem Seu Sinal. Não é assim?

Mais verdadeiro e terrível que isso. Por uns instantes deixe-me ficar neste tema, porque podem haver muitos, como sabemos, que na terra não reverenciam este sinal o suficiente, porque não o entendem. Estive nas regiões de trevas várias vezes, mas quando vou lá - faz muito que não vou lá, tenho outros assuntos a tratar - eu uso este sinal muito pouco, sabendo da agonia a mais que ele provoca naquelas pobres almas que já tinham muita agonia em si mesmos desde antes.

Você vai contar algum exemplo de quando usou este sinal?

Uma vez fui mandado para um homem que tinha, bastante estranhamente, sido trazido, na sua passagem da terra, para a segunda Esfera. Mas ele não se adaptou para habitar ali e gravitou para as esferas abaixo. Não pararei para explicar esse assunto em particular. É raro que tal se passe – mas não é novidade. Tais erros são cometidos aqui e ali pelos guias de menor conhecimento. O zelo deles extrapola seus poderes de discernimento e de penetração, e quando uma personalidade difícil ou complexa chega aqui, algumas vezes os erros são cometidos. Eu desci para as esferas de treva, portanto, e quando, de certa forma, condicionei-me para estar ali, comecei minha pesquisa. Fui de cidade em cidade, e finalmente cheguei num portão onde senti sua presença lá dentro. Talvez você não entenderá prontamente o que acabei de lhe passar. Deixe estar, um dia você entenderá. Passando para dentro, atravessando um brilho obscurecido de uma luz, cheguei numa quadra onde um multidão estava reunida. O ar parecia de uma tonalidade avermelhada, como numa casa de um ferreiro, flamejando e bruxuleando conforme a multidão ficava animada ou deprimida, tornando-se raivosa ou cansada. Em cima de um bloco de pedra estava o homem que eu procurava. Ele falava seriamente às pessoas numa voz severa, e eu fiquei atrás deles e escutei por um tempo.

Ele estava falando a eles da redenção e do Redentor - não pelo nome, repare, mas pela alusão. Por duas ou três vezes vi o nome em seus lábios, mas não veio à tona, pois quando isto acontecia ali, vi que uma onda de sofrimento tomava sua face e suas mãos crispavam-se, e ele permanecia em silêncio por instantes, e então prosseguia. Mas d'Ele, de Quem ele falava, ninguém poderia duvidar a Personalidade. Por um longo tempo ele os convidou ao arrependimento, e contava-lhes o que a falta de conhecimento espiritual fez a ele, trazendo-o para baixo, querendo ou não, lá de sua rápida parada no Céu e na luz em direção à escuridão profunda destes mundos inferiores de sofrimento e remorso. O que ele lhes recomendava fazer era isto: ele disse que tinha chegado do alto com os olhos abertos, e marcou bem o caminho, o suficiente para retornar em seus passos e alcançar a luz finalmente. Mas o caminho era longo, e de subida sofrida, e muita escuridão. Ele, portanto, conclamava aqueles que quereriam fazer sua partida com ele, e todos juntos, como um rebanho de carneiros, para companhia e ajuda mútua, e poderiam descansar no final. Somente para não deixá-los ir sem destino pela estrada, pelos desfiladeiros e terras de florestas fechadas que deveriam passar ao lado, e os que se perdessem, perderiam a trilha por eras e vagariam sozinhos, até que ponto ele não saberia dizer, mas sempre na escuridão e no perigo da crueldade de quem espreita nestas regiões, para desafogar suas ânsias em quem venha contra seu poder. Então, que seguissem a Bandeira que ele transportaria à frente deles, e eles então não teriam nada a temer. Porque a Bandeira que ele faria para eles ser-lhes-ia um símbolo de grande força durante o caminho.

Este foi o fulcro de seu discurso a eles, e eles pareciam nem se lembrar de responder. Ele ficou ali, silencioso, por um tempo, e então dali veio uma voz de alguém da multidão, que gritou: "De que bandeira você fala? Com que armas vai enfeitar o brasão, para que saibamos qual é o líder que seguimos?"

Então, o homem que estava em cima da pedra no meio do terreno levantou sua mão para o alto e tentou forçá-la para baixo para que fizesse um risco, mas não pôde. Tentou fazer isto muitas vezes, mas seu braço parecia paralisado a cada vez que tentava movê-lo para baixo deliberadamente. Então, no final, - era uma visão muito dolorosa para mim que o conhecia - ele o levantou, num alto suspiro e cheio de lágrimas de agonia, e sua mão caiu sobre si mesma e ficou pendurada ao seu lado.

Logo ele recomeçou, e ficou ereto mais uma vez, com determinação em seu rosto. Percebera que tinha feito uma linha vertical no ar, e eis que brilhou ali, ao longo do caminho que fez sua mão ao cair, um fraco raio de luz que permaneceu diante dele. Assim, com muito esforço e cuidado, ele mais uma vez levantou sua mão, esticou-a pela linha e um pouco acima do meio de seu comprimento, e buscou aproximar e cruzar através dela, mas novamente não pôde.

Eu podia ler sua mente e o que estava nela. Ele estava tentando dar a eles a Insígnia para a bandeira que deveriam seguir - o Sinal da Cruz. Então, penalizado, impeli-me em sua direção, e finalmente me pus ao seu lado. Tracei primeiro a linha vertical mais visível. Tracei-a vagarosamente e, enquanto o fazia, ela brilhou com uma luminosidade que iluminou o terreno e as faces da multidão reunida. Então fiz o desenho da cruz, e ela brilhou diante de nós, e nós, encobertos por sua irradiação, permanecemos atrás dela sem sermos vistos por eles.

Mas escutei uma gritaria selvagem e um grande lamento, e olhei novamente. A Cruz perdeu um pouco de seu brilho, e vi a multidão prostrada, enquanto se estorcia na areia do grande terreno, procurando esconder suas faces e arrancar de sua memória este sinal. Não era aquilo que eles odiavam - estes vinham através do caminho do remorso - mas foi o grande progresso feito em direção ao arrependimento que causou esta dor neste momento. O remorso estava misturado com a tristeza pelo pecado e a ingratidão deles, e este progresso acrescentou amargura à sua tristeza.

O homem ao meu lado não rastejou como os outros, mas ajoelhou-se com sua face coberta com suas mãos, e suas mãos em seus joelhos - dobrado em agonia e arrependimento.

Agora eu tinha muito o que me apressar, já que o que eu tinha pensado para seu conforto causou sua desagregação, portanto teria muito trabalho para reestabelecê-los mais uma vez ao seu próprio modo calmo de ser, no qual eu deveria, tomando o trabalho de meu amigo para mim, começar a contatar a sintonização que ele começara. Ao final eu havia obtido sucesso em minha tarefa, mas fiz minha resolução, ali e naquela hora, de ser mais restrito no uso daquele potente sinal nestes reinos escuros, pois poderia causar mais dor àqueles que já tinham muita em suas costas para suportar.

Você chamou o orador de seu amigo?

Sim, ele foi meu amigo. Ele e eu ensinávamos filosofia na mesma universidade, quando na vida terrena. Ele tinha uma vida direita, e com impulsos generosos em algumas ocasiões. Brilhante, entretanto, mais do que devoto, e - bem, ele está no caminho de subida agora, e praticando muito o bem entre seus camaradas.

Eles tinham sua bandeira afinal, como eu tentei contar-lhe. Mas não era fruto de um excelente artesanato - meramente um par de galhos de árvore, muito retorcidos e ásperos, do jeito que as árvores crescem aqui nestes territórios escuros - mas eles os ajuntaram e chamaram isto de cruz, mas a peça em cruz inclinava-se às vezes para cima, às vezes para baixo, e era grotesco apenas pela seriedade deles e o que aquilo significava para eles; porque a eles era o poder que ela significava, e era Ele, de Quem o poder fluía, e desta forma, para eles, era sem dúvida o Sinal mais Sagrado e que devia ser seguido bravamente, mas em silêncio e em reverência. E a faixa vermelha de tecido com que amarraram na interseção caía como uma torrente de sangue. E eles seguiam onde a viam indo na frente deles ao longo do caminho, longa jornada, cansativa e sempre com os pés doloridos, mas sempre em direção aos Planos Superiores, onde sabiam que encontrariam luz.

Obrigado. Antes que paremos, gostaria de fazer-lhe uma pergunta. Aquele templo sobre o qual falou ontem à noite. Na primeira parte você disse que o propósito dele era ajudar

as pessoas na esfera terrestre. Mas depois mencionou um propósito bem diferente, não é? Não estou satisfeito. Poderia, por favor, explicar?

O que dissemos, amigo, foi suficientemente verdadeiro, apesar de não tão claro quanto poderíamos ter dito. Sua mente estava de alguma forma pesada ontem à noite. E agora também você está fatigado. Explicaremos o que estava em sua mente quando da próxima vez que se sentar para nós, portanto as bênçãos de Deus e boa noite.

Quinta, 29 de novembro de 1917.

Prometemos explicar-lhe sua dúvida sobre o Templo. Há realmente algo de difícil entendimento. Pensará que dissemos que era para o propósito do serviço a ser rendido aos da Esfera Cinco e das esferas inferiores. Incluídas nestas está a terra, que não é diversa daquilo que você distingue pelo nome de esferas espirituais, exceto em sua manifestação exterior. As influências projetadas daquele prédio vão longe, através das esferas abaixo e para a terra. Nós não fomos muito explícitos, não por causa de nossa pressa, mas por suas limitações, tanto de relaxamento quanto de receptividade, um dependendo grandemente do outro. Pois aqueles que não relaxam silenciosamente e em paz não são capazes de responder aos nossos pensamentos que vêm de reinos tão diferentes, e ao virmos trazemos conosco, sempre na proximidade de seu plano, muito daquela força pacífica que temos em nós quando começamos esta jornada. Nem toda ela é dispersa de nós pelas esferas conforme chegamos de lá; e o que permanece sempre procuramos repartir com aqueles da terra que correspondem à nossa busca, e com quem precisa muito da paz que temos para dar. Quando nós, também, nos esvaziamos de nossa graça e do poder compartilhado com vocês, com o pouquinho que nos resta, então, voltamos para casa para preencher a cisterna no ar livre e claro dos Céus de Deus, dos quais vêm toda a força e paz .

Isto foi apresentado no tema do templo, porque este é um de seus usos: ser reservatório no qual sejam acumulados tanto os poderes quanto as bênçãos dos altos reinos, para serem ofertados, conforme a oportunidade aparecer, para aqueles na terra e nas esferas próximas, na ordem de ascensão.

Como o trabalho deverá evoluir, outros usos para ele serão encontrados, e coordenados com o trabalho feito atualmente perto dali.

Agora você foi impedido de vir para nós esta noite, e até que o próximo compromisso com os seus familiares leve você daqui mais uma vez, o tempo não é muito longo. Assim, seremos resumidos esta noite e diremos apenas umas poucas palavras mais, e num tema que você não entendeu muito claramente.

Quando chegamos à terra, nós, crianças dos Céus, às vezes temos muitas dificuldades em entrar em contato com aqueles que esperam por nós e ouvem nossa chegada. Você mesmo é um exemplo disto. Pois freqüentemente percebemos que você praticamente acorda com a nossa presença próxima a você e, tendo nos escutado, termina duvidando, e algumas vezes conclui que é apenas sua própria imaginação, e que não é a respiração de seus amigos espirituais aquilo que você sente e ouve. Agora, a razão destas falhas de nossa parte em dar, e da sua em receber, é principalmente a falta de coragem de acreditar. Você pensou que tinha esta coragem em si, e em algumas coisas é verdade. Mas, em matéria de comunhão espiritual, você freqüentemente está temeroso demais de errar para ser útil no trabalho da verdade. Não é demais dizer isso, se colocarmos desta forma. Em todas as vezes, a qualquer tempo que nos sinta por perto, aquilo é o efeito de alguma causa. A causa pode ser, ou não, aquela que você deseja, ou como você sente que discerniu. Mas a causa lá está e, em tais ocasiões, se ficasse apenas quieto e escutasse, então a natureza da causa apareceria mais clara. Pode ser que você pense que algum amigo está perto, quando não é ele, mas outro. Mas qual deles é ficará bem claro no processo de transmissão de seus pensamentos. Assim, quando se sentir ciente de alguém próximo a você, pare, tanto quanto possa, com as dúvidas, e completamente com o temor de errar. Receba o que está sendo dado a você, e deste assunto assim recebido extraia seu julgamento da questão.

Nada mais agora, porque você tem que ir a outro trabalho. Possa nosso Pai estar com você nele e em tudo o que faz no dia a dia.

Sexta, 30 de novembro de 1917.

Tudo o que é lindo é sempre verdadeiro, e esta é uma das leis que permanecem à frente de outras nestes reinos brilhantes. Reciprocamente também, aquilo que é feio e doentio na forma exterior, será, em estudo minucioso, encontrado em falta da graça da verdade. Verdade, como usamos a palavra, significa estar consoante com a Mente Última a Quem chamam de Deus e Pai. Tudo o que flui d'Ele é ordenado e harmônico com as nossas mais altas e mais justas aspirações, Suas emanações. E o que responde a esta qualidade é o belo, pois o belo é o que agrada; e a harmonia é a roupagem do amor que é sempre desejada por aqueles que, por sua natureza, correspondem ao prazer do amor. Somente naqueles nos quais há alguma pincelada do oposto do amor é que não há paladar para aquele banquete que somente o amor pode proporcionar. E, pense bem, o Amor não é somente de Deus, mas é Deus em Si.

Assim, toda a beleza da paisagem e das águas, e os atrativos de uma face ou de uma forma, sabemos que são uma manifestação d'Ele, de Quem derivam suas belezas, e, como a verdade é somente o que está em concordância com os pensamentos d'Ele, assim nós dizemos que tudo o que é belo é verdadeiro, e o que é verdadeiro deve manifestar-se em beleza.

É quando algumas correntes de forças oponentes cruzam e entram na corrente principal de Deus, Sua Vida e poder, que a água ali torna-se turva pela sujeira e o lodo. Isto é tão verdadeiro com a humanidade quanto com as coisas concretas, porque a desarmonia em família ou num Estado não têm sua origem em si mesma, mas surgem daquela longínqua fonte de poder que está apartada do propósito e do desejo do Único Supremo.

Mas tão maravilhoso é Ele em Sua energia operante, que estas coisas Ele deseja que se voltem totalmente à boa causa, como também que sejam extraídas de cada uma as tais manifestações oponentes às forças de Sua Vida que foram erradamente usadas, para uma ajuda para a melhoria da raça dos homens e anjos.

Não sei se entendi direito; de qualquer forma, poderia, por favor, tentar dar-me algo mais explicitante e menos complicado em expressão?

Tentaremos, amigo, descrever a você um pouco mais do templo sobre o qual você já escreveu. Podemos usar sua visão interior nisto tão bem quanto sua audição, e será mais simples para nós ao transmitirmos, e para você para receber. Esta noite você não está com a mente silenciosa como gostaríamos.

Havia um canto da Grande Torre que não compreendíamos. A Torre estava num canto do prédio, e era quadrada. Um dos cantos não era como os outros três. Mas, estranhamente para nós, nenhum de nós podia, comparando-os, dizer o que faltava naquele que o tornava diferente dos outros. Conforme eu olhava para eles, em minha mente parecia que o canto defeituoso tinha a mesma proporção e tamanho que os seus pares. Mas quando eu olhava para os outros, e então para aquele de novo, andando em volta da base de vez em quando, sempre aparecia como estando fora de harmonia em relação aos demais. Não vou ficar neste detalhe, apenas vou dizer-lhe de uma vez o que foi achado. Não foi um de nossos arquitetos que descobriu o tipo de defeito, apesar de que tínhamos vários observando a torre. Foi alguém da esfera acima, que estava passando através da Esfera Cinco, que nos explicou o que acontecia. Ele era um daqueles cujo trabalho era descer aos reinos mais escuros nas ocasiões em que alguma localidade estivesse revoltada demais, com divergências e tumultos que afetem dolorosamente os da esfera próxima à frente e adjacências. Tal efervescência lança uma espécie de influência aflitiva que, ao subir para a esfera acima, impede o progresso que lá esteja sendo alcançado, e puxa de volta aqueles que não são espíritos muito fortes e cujo grupo pertence a estes lugares sombrios, então seus corações enfraquecem-se e naqueles momentos param com sua luta em continuar seu caminho para fora das trevas em direção à luz das esferas superiores. Isto não é tão fortemente sentido por eles a ponto de trazer o esmorecimento do desespero, a não ser que o tumulto abaixo deles seja extrardinariamente veemente. Quando isto acontece, então aquele que mencionei desce com outros e acalma os pobres abalados com uma certa apatia, para que sua angústia não afete aqueles que tenham vencido o pequeno caminho adiante em ascensão.

Foi por ele ter se tornado qualificado neste trabalho por longo e muito serviço, que era capaz de nos ajudar em nossa perplexidade diante da Torre. Tendo examinado muito cuidadosamente e testado todas as quatro paredes, ele se afastou numa longa distância e, subindo numa colina, virou-se e sentou, mirando firmemente e por longo tempo, a longínqua Torre. Então retornou a nós, e, juntando-se a nós na planície, contou-nos o que estava faltando nestas poucas palavras:

"Meus irmãos, quando vocês estavam construindo este templo, deixaram esta Torre até que todas as outras estivessem formadas. Então deram toda a sua energia para fazer esta Torre tão forte quanto fosse possível fazerem, acima da força que tinham. Mas houve uma coisa que negligenciaram em sua pressa de terminá-la. Não tomaram cuidado de colocarem um número igual nos quatro lados dela. E também aconteceu que, quando então a Torre que estava sendo levantada, de longe, atingindo sua parte superior, a luz defletiu as forças daqueles que estavam embaixo, e eles deixaram partes não tão brilhantes na luz expostas para qualquer corrente de força da vontade que estivesse passando ali. Agora, naquele particular momento havia um grupo nosso chegando do serviço das regiões trevosas e cinzentas, onde nós temos muita atividade para alcançar o propósito para o qual fomos mandados para lá; assim, passando por cima deste plano, estávamos depauperados em nossas energias, e absorvêmo-las conforme passamos. Então foi por causa disto: por uma força desigual aplicada à Torre em seus quatro lados; sem que percebêssemos, absorvemos uma parte da vitalidade que foi projetada em direção a ela. Este é o canto com defeito, e acharão o defeito, não na forma ou proporção, mas na textura do material do qual o canto foi feito. Olhem de novo, agora com o conhecimento que lhes dei, e detectarão no lugar onde está o defeito uma tonalidade mais escura que nas outras partes da Torre. Isto é por causa da vitalidade que extraímos e que faltou no brilho, e portanto a aparência está deformada, mesmo que em si mesma esteja conforme as medidas dos outros cantos."

Vimos que isso estava correto e era simples de remediar, portanto agrupamos os mesmos construtores que tivemos antes, e pusemo-nos a trabalhar novamente. E, conforme a energia que fluiu de nossas vontades foi direcionada para aquelas partes mais escuras, elas se tornaram mais claras em seu matiz e pegaram um brilho igual às outras partes, e cessando quando ficaram exatamente com a mesma intensidade de brilho; ao olharmos para ela, verificamos que estava certa e em perfeita harmonia.

Você verá, amigo, que o que trouxe dano foi, na realidade, a influência que veio atrapalhar, mesmo sem este propósito, nosso trabalho ainda incompleto, daqueles cuja vitalidade tinha sido exaurida nas esferas mais inferiores. Nenhum mal é positivo na natureza, mas sempre negativo. É a negação do bem. Tudo o que for bom, é forte. Foi a força destes bons anjos que foi absorvida por aqueles carecentes de força na região por onde fizeram seu caminho. Reacumulando forças à medida que passaram por nós, eles, por sua ação inconsciente, acabaram por atrapalhar nosso trabalho com aquilo que era realmente a influência daquelas esferas mais escuras, e o resultado foi falta de harmonia, o que significa falta de beleza, que nos traz de volta à primeira palavra, como um gato enrolado no peito com sua cabeça no seu rabo, em círculo. E com o quadro de completa paz de espírito, nós deixamos você com nossas bênçãos.

Segunda, 3 de dezembro de 1917.

Quando chegamos na terra, dizemos um ao outro, pelo caminho, que estamos indo para a terra das brumas e do crepúsculo, que podemos, no mundo particular que lá encontramos, emitir algo de nossa luz e calor em torno de nós. Pois, sem dúvida podemos perceber que estes são muito carentes, mesmo naquelas esferas distantes de onde viemos. Você pode espantar-se com o processo de química ou dinâmica com que isto se faz possível para nós; e, sem dúvida, não nos seria possível explicar o método em detalhes. Mas podemos dar-lhe algo resumido deste tema, e assim o faremos, se for de seu interesse, e daqueles que virão a ler o que estamos dando a você.

Obrigado. Sim, eu gostaria de ouvir sua explicação sobre isto.

Então tentaremos fazer o mais simples que podemos. Você rapidamente entenderá que a primeira e grande necessidade de comunicação já está disponível - aquela do princípio universal que nos banha a todos, vocês e nós, num único e mesmo oceano. Eu falo da vida

espiritual, força e energia. A vida espiritual é para vocês o que é para nós, e é também para aqueles acima de nós, tão longe quanto possamos elevar nossas mentes daqui desta esfera e raciocinar, imaginar o que está adiante de nós. Que a vida espiritual é a causa dos fenômenos da vida, obtidos na esfera da terra, você rapidamente concordará. Conforme você vai progredindo para cima, esta dupla de causa e efeito torna-se mais empática a cada esfera que se sobe. É a razão, portanto, para se concluir que esta constante intensificação procede da mais alta esfera de todas. Lá pode ser tão sublime quanto encontrar perfeição na unidade. Mas achamos que em tal Unidade será achado, pelo que podemos penetrar naqueles Altos Planos, o princípio de causa e efeito na forma mais íntima de todas.

Então, quando falamos de um oceano de energia espiritual, estamos mencionando aquilo que para nós não é teoria meramente especulativa, mas um fato tangível e a ser tomado e usado em qualquer processo de comunhão em que poderíamos pôr as mãos para projetar. Esta é a primeira coisa a se compreender.

A segunda é esta: À medida que se chega da terra para cima, não há nulidade entre duas esferas quaisquer. Sabemos do abismo de seu Livro Sagrado. Mas aquilo não é a nulidade. Há um término para ele. Também não há o nada entre sua terra e nossa esfera, mas assentam-se ao lado na estrada, e não vêm na fila de ascensão.

Cada esfera, conforme progridem, está mesclada à próxima por uma espécie de fronteira. Assim, não há choque para aqueles que passam de uma para a outra. Se bem que você reparará que cada esfera é distinta por si mesma. Nem as terras fronteiriças entre duas esferas são terras neutras. Compartilham das qualidades de ambas. Não há, portanto, nenhum vazio, mas uma gradação muito real e contínua durante todo o caminho. Destas duas premissas você deduzirá bem confortavelmente o fato de que estamos em comunicação direta com a sua potencialidade. Agora devemos nos aplicar em explicar como este meio de comunicação é posto em uso.

Há muitas janelas nesta casa, e todas são usadas. Mas há três que servem para evidenciar as outras.

Há o método do correio contínuo, onde aqueles trabalhadores mais próximos a você portam mensagens e reportam aos da esfera acima, e eles continuam a operação até que a mensagem chegue ao destino onde será mais apropriadamente tratada. Isto é feito prontamente – e, ainda no vôo de qualquer mensagem através das esferas, cada uma é peneirada e então será extraído dela o que é próprio dos trabalhadores daquela particular esfera para que se empreenda sua resposta. Também, mensagens de trabalhadores e pastores da terra são filtradas e tornadas satisfatórias para a transmissão para os planos mais altos. Se isto não fosse feito, sua brutalidade terrena iria pesar-lhes tão fortemente que o que havia nelas de sublimidade não seria suficiente para elevarem-se e chegarem à esfera apropriada, onde encontrariam a destinação. Não vou continuar neste tema - sendo um esboço resumido o que dou, mas devo continuar no próximo método.

Este podemos chamar de método direto. Há aqueles entre vocês que têm guias nas esferas para trabalhos especiais e tutela. Alguns destes guias são anjos muito elevados e brilhantes, e suas próprias casas estão bem distantes destas esferas próximas à terra. Eles podem não estar sempre descendo aos seus tutelados pois, elevados como são, não são todo-poderosos, e descer à terra gasta energia, pela razão da necessidade de condicionarem-se às esferas pelas quais devem passar, e em cada esfera há uma nova condição a ser alcançada até que cheguem à terra. Isto é feito de tempo em tempo, e, sem dúvida, não raramente quando algum trabalho esteja em andamento, como para autorizar tal empreendimento. Mas sempre somos cautelosos com o desperdício, temos muito o que fazer para ajudar outros, e não podemos gastar sendo pródigos, mesmo quando temos aquilo que é infinito em sua reposição. Podemos fazer nosso trabalho melhor, como regra, pelo método da comunhão direta.

Para que isto se estabeleça nós deixamos uma espécie de telefone ou telégrafo - para usar seu próprio vocabulário - uma corda de vibrações e pulsações entre nós e você, e é construída de vitalidades mescladas, do guia e do guiado. Eu uso aqui palavras de que não gosto muito, mão não consigo encontrar outras em seu cérebro para serem usadas, então estas devem ficar. Eu me refiro a palavras tais como *construir, vitalidade* e outras como estas. O relacionamento simpatizante permanece pelo quanto é mantido contínuo e sustentado.

É como o sistema de nervos entre o corpo e o cérebro; está sempre potencialmente operativo, sempre que surge a necessidade de ajuda a ser dada. Sempre quando o tutelado volta-se para seu guia distante em pensamento ou prece, aquele guia está prontamente atento e dá a resposta da maneira que julgar melhor.

Há um terceiro método, mas mais complicado que estes que resumi. Pode, talvez, ser dado a ele o nome de universal, que é muito ruim, mas deve servir. No primeiro processo a corrente de pensamento passando da terra para as esferas mais ou menos remotas é manuseada e modificada em cada esfera, enquanto viaja em seu caminho, como o correio contínuo através dos continentes - somente não há mudança de cavalos nem pausas no caminho. No próximo, a linha está sempre aberta e sempre carregada, como um telefone com eletricidade, e é direta numa linha do homem na terra ao guia em sua própria esfera.

O terceiro processo é distinto dos demais. Isto é porque cada pensamento ou ação do homem é reportada aos céus, e pode, por aqueles que são competentes para isso, ser lido de tempo em tempo. Estes registros são reais e permanentes, mas seu aspecto e seu método de construção não nos é possível explicar. As palavras foram muito espremidas para servirem nas duas primeiras descrições. Aqui, elas falharão totalmente. Direi apenas isto, que cada pensamento de cada homem tem uma aplicação universal e um efeito. Chame assim ou como queira, o fluido que emana destas esferas é tão sensível e tão compacto e a substância tão contínua, que se você olhar para ela numa ponta do universo, o efeito é registrado na outra. Aqui, novamente, ponta não é uma palavra apropriada para se usar, pois no sentido que vocês usam não tem significado aqui. Mas aquilo ao qual tenho tentado tão insatisfatoriamente chegar agora, então nisto posso mostrar algo de sua maravilha para você, é o que o Cristo Salvador tinha em mente quando, mais sábio que eu, Ele não nomeou com nome algum, mas falou disto como achou que devia ser feito, assim: “Nem um fio de sua cabeça cai, nem um passarinho cai de seu ninho, sem que o Pai de Todos seja notificado.”

CAPÍTULO V

O SACRAMENTO DO CRISTO, DO CASAMENTO E DA MORTE

Terça, 4 de dezembro de 1917.

Fique contente, amigo, ao escrever o que podemos pôr em sua mente, e não questione o que vem de nós. Pois, por um lado, mantemos alguma coisa retida quando você escreve assim para nós, e por outro lado, desaprovamos outras encurtando nossa narrativa naquela parte mesmo. Fomos habilitados a isso pela longa preparação, sua e nossa, antes mesmo que lhe fizéssemos saber de nossa vontade pela ajuda de nossa amiguinha Kathleen.

Esta noite falaríamos a você no tema dos Sacramentos, os que estão em uso na Cristandade e que deveriam ser muito concernentes e notáveis por aqueles que professam o Nome do Cristo seu mestre. Isto de Seu corpo e sangue é o único que é contínuo na vida de um Cristão. Tem muitas fases, tanto para a ajuda dada e também em seu ensinamento, e no Sacramento de que desejamos falar agora. Primeiramente em sua fundação:

Você rememorará de seus registros remanescentes que há muito mais deixado sem escrever que aquilo que chegou a vocês através das épocas passadas. A leitura mais superficial mostrará isto. Também isto conta que, nas concordâncias essenciais de cada um com outros, não são claras nos mínimos pontos. Você deve saber que estes registros são apenas poucos de muitos. Os outros foram destruídos, ou perderam-se com o passar do tempo, e um dia acharão seu caminho na luz do dia mais uma vez. Nós temos todos estes registros aqui, e nós os estudamos, e nestes estudos baseamos nossas palavras.

O Mestre Jesus estava quase mudando seu estado de encarnado para desencarnado. Sabendo disto, Ele, estando reunido com os Doze, deu-lhes um Rito de Recordação e Comunhão pelo qual eles, e aqueles que deveriam segui-los, deveriam ser capazes de intensificar, de tempos em tempos, perpetuamente seu contato com Ele, e assim obter d'Ele esta Vida da qual Ele é o reservatório. Mantenha em sua mente aqueles três modos de comunhão que lhe passamos, e será capaz de ver que tão sensível é a tremenda e pulsátil corrente vital vinda d'Ele a você, que o mais desprezível distúrbio no sistema de vibrações, atingindo por sua qualidade especial e peculiar própria toda a extensão de Seu Reino, causará um efeito no Centro e na Fonte dela de uma maneira tão manifesta, que assegura uma resposta imediata. Não há nada na contabilidade da sua esfera terrestre de tão enorme intensidade e impulso que nós possamos usar como uma base para tornarmos claro o que queremos dizer. Deve satisfazer a você, e a nós, que recordemos a você que quanto maior a velocidade de qualquer série de partículas em movimento, maior será o distúrbio no arranjo e na direção aplicados por qualquer influência introduzida.

Isto é o que insinuamos ao falar desta corrente de força vital procedente do Pai, captada no Cristo, tingida com Sua qualidade de vida, e projetada para fora em ondas de radiação em direção à circunferência e fronteira de Seu Reino. Tal distúrbio é criado pela oferta intencional do Pão e do Vinho, com invocação de palavras, naquele Rito de Comunhão que Ele deu. Nos elementos dispostos diante da assembléia ali está, nas palavras do pregador, dirigida esta corrente vital, e elas são interpenetradas com Sua Vida e tornam-se, como Ele disse, Seu Corpo e Sangue. Esta forma de orar que você usa não é a única nos tipos de invocação, mas também é o consentimento daqueles reunidos ao recebimento da Vida vinda d'Ele. Porque sem tal consentimento nenhuma bênção é jamais acreditada pelos homens. Não importa que o consentimento seja íntimo. É o espírito que é a fonte das pulsações em resposta que saltam ao encontro das emanações de Sua Vida em direção à terra e, encontrando a corrente do Cristo - como aqueles que vieram de Salém para encontrá-Lo quando ele veio à cidade pelo monte das Oliveiras - são misturadas e, pelo grande impulso daquela corrente que jorrava d'Ele, voltam-se em retorno e juntas, como numa única corrente, são espargidas sobre a congregação de onde o impulso inicial de pedidos veio.

Assim a bênção é tripla. Primeiro, a comunhão do espírito com o Espírito - isto dos reverentes com seu mestre e Senhor. Segundo, o estímulo a uma maior saúde e vigor de sua cobertura espiritual, a alma. E terceiro, o efeito natural destas operações, ainda procedentes do exterior, isto é, a transfusão da vitalidade íntima para o corpo externo, que é o corpo material.

Esta é a fase que podemos chamar de vitalizante ou estimulante de todo o Corpo de Cristo nos seus membros singulares, um por um, pela comunicação da Vida d'Ele com a Fonte e o Centro, através da maioria até os confins.

Há outro aspecto deste Sacramento que agora trataremos, mas com brevidade. Pois não é de nenhuma utilidade o empenho em dar a você um completo conhecimento de sua total significação. Você não entenderia nossas palavras, as que teriam que ser usadas, e não há nenhuma das suas que nos serviriam. Isto alcança muito distante onde as línguas da terra são lembradas, e fala-se disto, em seu mistério interno, somente nestas formas de linguagem apropriadas às Esferas longínquas pela sublimidade, e próximas à do Cristo.

Como Ele disse, estas duas coisas comuns de origem terrestre, o Pão e o Vinho, realmente transformam-se em Seu Corpo e Seu Sangue. São portanto uma parte d'Ele Que pronuncia estas palavras. Os homens têm questionado como isto poderia ter sido quando da primeira vez que foi mencionado, Ele Próprio estava lá em Corpo de carne e ossos e sangue. Mas ainda assim, todo homem - sem parar, toda a sua vida, e continuadamente - realmente comunica de si a coisas exteriores a ele próprio. Nenhum casaco que somente ele use, posto de lado, deixará de estar marcado com sua personalidade. Nada que ele toque, nenhuma casa que habite, ele sempre deixará sua qualidade ali indelével, para ser lida por aqueles que para isso são capacitados.

Conforme Ele deu de Sua vitalizadora força aos doentes e aos coxos em Judéia e Galiléia, assim Ele bafejou Seu poder espiritual sobre os Apóstolos, e eles se tornaram inspirados por Sua Vida, e desta forma sobre o Pão e o Vinho Ele derramou da corrente vital de Si e eles em verdade tornaram-se Seu Corpo e Seu Sangue.

E assim é hoje. Pois Ele não ofereceu uma coisa tão grande para ser jogada fora tão cedo, assim que aquela refeição terminasse, e Seu Corpo fosse dado para a Árvore. Não, a fonte daquele rio vital operativo no Pão e no Vinho, ou nas pessoas dos Apóstolos, ou nos corpos da multidão, não foi aquele Corpo de carne que Ele usou por tão curto tempo e então deixou de lado como um capote depois de usado. Nem foi o Corpo de substância espiritual, através do qual fluiu como num conduto do Reservatório para as cisternas de uma cidade. Mas foi o Espírito Mesmo, o Cristo, Quem foi e é a Fonte, e que é, também, tanto no Corpo em carne ou fora dela. Porque isto pouco importa nas coisas de força espiritual e poder, exceto nas manifestações. A coisa manifestada é inalterada em si mesma em qualquer que seja a forma de manifestação tomada.

Assim, é verdadeiro dizer que o Pão e o Vinho, na última refeição deles juntos, a Seu desejo e vontade, tornaram-se um repositório de Sua força vital, e assim foram feitos Seu Corpo e Seu Sangue. E então, longe da atual falta daquele Corpo material impedindo agora uma operação semelhante de Sua parte, seria quase verdadeiro dizer que tal ausência do Corpo de carne não se torna obstáculo à corrente de vida vinda d'Ele a estes elementos do Pão e do Vinho.

Portanto, quando o Ministrante, o Pastor, obtém o consentimento da congregação e, estando o Corpo e o Sangue sobre a Mesa, pleiteia o Sacrifício d'Ele Que hoje vive extremamente glorificado, ele em essência coloca sua mão sobre o peito de seu Senhor e olhando para estes Reinos que são o lar dos Anjos, e dos Anjos que governam, olha através da face do Pai e pede o Amor e a submissão de Seu Filho pela pobre humanidade, que seja feita toda bela como Ele. E se ele for simples de mente, e como uma criancinha do Reino de coração, ele sentirá em si o Sopro, e embaixo de sua mão o silencioso e forte bater do único e constante Coração da Cristandade hoje, e saberá que aquilo que a sua fraqueza não suportaria fazer deverá ter reforço da Vida que jorra nele, aquilo que pedir ao Pai não fica sem resposta naquela Esfera brilhante de extrema pureza, e a santidade assim permanecerá; e, como Ele prometeu, Ele cumprirá fazer, e de Seu Coração sai uma prece sussurrada, e as preces de vocês serão aceitas por Sua consideração.

Quarta, 5 de dezembro de 1917.

O que lhe demos na noite passada, amigo, referia-se principalmente àquele sacramento que está proeminente dentre os outros. Agora falaremos a você de alguns dos menores, e qual significado parecem ter para nós, e sua eficácia nas vidas daqueles que adotaram o Cristo como seu Líder e Soberano. Não usamos aqui a palavra “Sacramento” no estreito significado eclesiástico, especificado em suas partes ínfimas, mas na maneira pela qual usaríamos nestes Reinos, onde somos capazes de ver as emanações de poder e vitalidade do ponto de vista mais próximo de sua Fonte.

Primeiramente falaremos a você do Casamento como uma união de duas personalidades em faculdade criadora. As pessoas tomam-no quase que no curso ordinário das coisas em que o sexo deveria estar, e também que o sexo deveria ser completado na mistura do macho com a fêmea. Mas não havia necessidade essencial de que fosse assim, a humanidade podia ter sido hermafrodita. Mas há muito tempo atrás, além do início desta atual eternidade de matéria, quando os Filhos de Deus estavam formando-se evolutivamente, em sua concepção ideal deliberaram juntos e depois disso decretaram que uma das leis que deveria guiar seu futuro trabalho seria, não tanto uma divisão da raça em dois sexos, como você e a filosofia da terra conhecem, mas que o sexo seria um dos novos elementos que entrariam na futura evolução do ser, quando os seres entrassem em curto espaço de tempo na matéria, e assim tomassem forma. A personalidade era anterior à forma. Mas a forma dotou a personalidade de individualidade, e assim o elemento personalidade, pela evolução da forma concreta, resultou em seu complemento de pessoas. Mas conforme vieram pessoas de um só elemento, assim o sexo é a unidade composta de duas espécies. Homens e mulheres formam um só sexo, como carne e sangue formam um só corpo.

Até onde podemos penetrar na razão desta decisão da parte daqueles Mais Elevados, foi para que aquela humanidade melhor conhecesse a si. É um grande mistério, e não possuímos a chave para a totalidade dele mesmo aqui. Mas entendemos que na criação dos dois elementos, macho e fêmea, o processo foi feito mais simples para que a raça humana entenda finalmente os elementos de Unidade, do qual foi emanado, e em direção ao qual mais uma vez retornará, quando estiver caminhando plenamente adentrado no trecho final da caminhada da matéria em direção ao espírito.

Fizeram dois grandes princípios que estão incluídos na Unidade da Mente de Deus aparecerem como duas coisas separadas, para que estes dois princípios pudessem ser estudados em detalhes por aqueles que ainda não eram competentes para estudá-los como Unidade. Quando um macho considera a fêmea, ele está apenas tendo um maior entendimento da uma parte de si mesmo, e é assim quando a fêmea raciocina em relação ao macho. Pois assim como eles não eram separados nas eternidades da evolução que vieram antes desta eternidade atual de matéria e forma, assim estes dois elementos deverão tornar-se Um novamente nestas eternidades que estão por vir.

Para que a unidade essencial de obtenção de seres desde aqueles longínquos tempos atrás de nós sejam levadas adiante nestes que agora estão por vir, foi necessário que os dois elementos fossem incluídos em cada indivíduo que se constitui um item de toda uma raça. Então evoluiu o casamento, e no casamento nós temos o ponto de retorno do destino da raça.

Desde o tempo quando do Coração do Máximo veio vindo a primeira ordem daquele movimento que resultou numa série de eras de desenvolvimento, a única notação-chave do todo tem sido o desenvolvimento rumo à diversidade, até que vieram ao oceano do ser, um depois de outro, os princípios de personalidade, individualidade e forma. O último e mais extremo ato de diversidade foi a criação dos dois aspectos da faculdade de reprodução, que vocês chamam de sexo. Este foi o ponto mais extremado da diversidade em princípio e ato.

Aí veio o impulso reflexo dado para a evolução necessária, quando os dois são mesclados em um novamente e o primeiro passo repassado em direção à Unidade de Ser, que é Deus.

Então da mistura dos dois elementos, espiritual e corpóreo, nasce um Terceiro Que em Si une estes dois elementos em Sua única Pessoa. O Senhor Jesus foi o Filho perfeito da Humanidade e Sua natureza, considerado espiritualmente é uma mescla das virtudes masculinas e femininas em partes dualmente iguais.

Corporalmente também esta grande lei é verdadeira, pois sobre seu peito o homem suporta a insígnia dupla de sua feminilidade anterior, e os fisiologistas dirão a você que uma correspondência semelhante não é desejada na outra metade que, com ele próprio, faz da humanidade uma só unidade.

Por esta experiência dos dois em unidade, o ser humano aperfeiçoado, eras adiante, em outros mundos superiores, vai se apressar a caminhar na direção do estado de Ser consumado, o homem chegará ao conhecimento de como isto é possível: ao amar outro e dar ao outro através da negação de si, ele estará amando a si mesmo e mais generosamente dando a si mesmo pela mesma negação de si; e aquilo que quanto mais odiar em sua vida, tanto mais encontra-lo-á naquelas eternas esferas brilhantes - você sabe Quem ensinou isto, e Ele não falava de coisas estranhas nem de algum princípio sendo testado. Você e nós, amigo, estamos ainda aprendendo esta lição tão sublime, e lá adiante está nossa estrada, diante daquilo que aprendermos disto em sua profundidade. Mas Ele já a atingiu.

Quinta, 6 de dezembro de 1917.

O que já escrevemos, amigo, escrevemos resumidamente e sem expansividade. Pois não era possível dizer-lhe tudo, mesmo daquilo que devíamos, porque serviria somente para fazer maior a carga, e também prestaria um desserviço por não deixar espaço suficiente a você para exercitar sua própria mente em penetrar no significado real das coisas. Nós damos a você o milho suficiente para fazer seu bolo. Se, ao comê-lo, achar gostoso, então plante mais milho para você, debulhe, moa, misture, e quanto mais retiver do que assim obtiver, maior será o benefício a si e aos outros que lerem o que escrevemos. Portanto, às próximas palavras.

Quando dissemos que o casamento era o ponto de retorno do ciclo evolutivo do ser, falamos da matéria em geral, não em particular. Agora vamos detalhar mais especificamente e falaremos do resultado do casamento, a unidade humana, macho ou fêmea conforme seja o caso.

Ela nasceu, você perceberá, de um quádruplo elemento. Há o elemento macho e fêmea do senhor, e também o fêmea e macho da senhora. No pai, a expressão dominante é a da masculinidade; na mãe, a da feminilidade. Pela incorporação destes quatro elementos, ou ainda quatro aspectos de um elemento, ou, mais proximamente ainda, estes dois aspectos e dois outros sub-aspectos de uma única coisa, na única pessoa emanada há, primeiro multiplicadas e então unificadas novamente, algumas destas variações que são a expressão externa do mais íntimo princípio do sexo.

Assim ele começa a viver sua própria vida, esta criança de eternidades passadas, e para olhar em direção às eternidades futuras.

Você está esperando que falemos do Batismo, e seu complemento, a Imposição de mãos. Libere sua mente, amigo, e deixe-nos seguir de nosso jeito com você e, com sua licença satisfatória talvez consigamos ajudá-lo melhor do que faríamos se você decidisse o curso em que devemos navegar. Nós já temos a nossa carta detalhada e pronta. Portanto escreva o que lhe dizemos, e não vá tendo idéias em sua mente a respeito do que teremos esta noite ou amanhã. Desejamos que sua mente esteja livre para que possamos não ter promontórios a circundar, nem estreitos para desbravarmos precariamente em nosso caminho. Deveremos fazer melhor no nosso próprio caminho, e não tão bem no seu.

Desculpe. Sim, certamente eu estava esperando que falassem em seguida do Batismo. Parecem estar um pouco erráticos em sua ordem de Sacramentos - sagrada Comunhão, aí o Casamento. Bem, senhor, qual seria o próximo, por favor?

O Sacramento da Morte, amigo, o que o surpreende. Bem, o que seria de sua vida sem surpresas, já que elas são como as estações do ano e servem para enfatizar o fato de que a inércia não é progressiva... E progressão é um dos grandes objetos do Universo de Deus.

Vocês não deveriam dar este nome para a Morte. Mas olhamos para o Nascimento e para a Morte como sendo ambos Sacramentos muito reais. Se o Casamento for chamado da forma certa, então o Nascimento segue naturalmente no mesmo grupo, e a Morte é apenas o

Nascimento progredido até a consumação. No nascimento a criança sai da escuridão em direção à luz do sol. Na morte, a criança nasce para a maior luz dos Céus de Deus - nem mais, nem menos. No nascimento a criança é libertada no Império de Deus. No Batismo é incorporado ao Reino dos Filhos de Deus. Pela morte ele é feito livre destes Reinos para os quais ele foi treinado para servir, naquela parte do Reino que é a terra.

No nascimento, ele se torna um homem. No Batismo, ele percebe sua masculinidade ao tomar este serviço sob a bandeira de seu Rei. Pela morte, vai em direção a um serviço mais amplo: aqueles que fizeram bem, como veteranos testados e tidos como leais e bons; aqueles que fizeram melhor, como oficiais para comandar; e aqueles que fizeram muito bem, como Senhores para governar.

A Morte, portanto, nada encerra, apenas carrega adiante o que foi iniciado e, enquanto permanece entre a fase terrestre de vida e a vida das Esferas, é uma coisa sagrada entesourando uma transação mesclada de ambos, e como um sacramento, como nós usamos e entendemos esta palavra.

Então falamos do Batismo, finalmente, e, se não ficamos nisto, acredite-me, não é porque não entendemos seu grande momento na carreira de servo do Cristo, mas é porque temos outras coisas a dizer-lhe que não ficamos naquilo que você entende melhor. Assim, umas poucas palavras no Sacramento da Morte, e pararemos por esta vez, porque notamos que você tem outro trabalho para fazer.

Quando o homem chega perto daquela hora em que deverá mudar sua esfera, aí ocorre em seu ser um reagrupamento dos tais elementos que foram juntados e engendrados durante sua vida na terra. Estes são as partículas residuais daquelas experiências através das quais ele passou - de esperança e motivação e aspiração e amor e outras expressões de valor verdadeiro, interiores do homem em si. Estas estão dispersas na contabilidade de seu ser, e são seu ambiente mesmo ausentes. Assim que a mudança aproxima-se, são todas puxadas e agrupadas em sua alma, e então esta alma é cuidadosamente puxada do envoltório material e liberado, como sendo o corpo do homem para a próxima fase de progresso nos Céus do Senhor.

Mas a morte, algumas vezes, vem de um choque e numa fração de tempo. Então a alma não está completa totalmente, estando cheia de saúde ou forte, para seguir adiante. É necessário permanecer em processo progressivo até que os mesmos elementos tenham sido agrupados do corpo material e apropriadamente incorporados no corpo espiritual. Sem dúvida, até que isto seja bem feito e completamente, o homem não é bem nascido em espírito. É como um nascimento antes de ser completado o tempo na vida da terra, quando a criança é fraca e cresce apenas gradualmente, fortalecendo-se conforme puxa para si aquelas forças que lhe faltavam quando veio à luz do sol.

Assim dizemos que a Morte é um sacramento, e indubitavelmente é muito sagrado. Alguns poucos de sua raça - e mais dos que você conhece, além disso - despiram-se de seus corpos na terra sem passarem lentamente por esta desintegração que é a morte aos olhos dos homens. Mas o ato essencial é idêntico em ambos. E para que a morte tenha a honra justa na sua forma mais usual, Ele Que é Senhor da Vida não duvidou em passar daquela forma da vida para a vida eterna, e pela forma de Sua morte Ele mostrou que, qualquer que seja a forma ou o valor aos olhos do homem, é um ato normal da jornada da humanidade, já que impulsiona em direção ao mais alto curso do Rio da Vida, que vem do Coração de Deus.

CAPÍTULO VI

CHEGADAS À VIDA ESPIRITUAL E UMA MANIFESTAÇÃO DO CRISTO VENCEDOR

Sexta, 7 de dezembro de 1917.

Fora da escuridão que paira sobre a esfera terrestre, e através da qual aqueles que vêm a você destes reinos mais brilhantes devem penetrar, emerge continuamente uma corrente de pessoas que passaram pelo Vale do Conflito para estes planos de luz do sol e daquela paz que raramente é conhecida entre vocês na terra. Falamos agora não daqueles que falham em perceber seu elevado destino, mas daqueles que, esforçando-se em conhecer, sondam o significado de Ser, e de sua parte e relação nele, encaminharam sua vida no compasso de Seu Amor. Estes souberam que sobre toda esta treva e além de toda a perplexidade do crepúsculo, o sol que brilha é o sol da Integridade e da Justiça e do Amor.

Então, estes vêm para cá algo preparados para corrigir aquilo que parecia ser errado, e com confiança naqueles que ajudaram a guiar seus passos hesitantes para que não tropeçassem demais ou perdessem seu caminho na peregrinação para a Cidade Celeste.

Isto com muita certeza. E ainda há poucos, ou realmente quase nenhum, que não levantam suas pálpebras de surpresa e assombram-se pela grande beleza e serenidade que estão para sua imaginação assim como uma pessoa viva está para o quadro que, em um retrato plano de luz e sombra, esforça-se em vão para transmitir a vida pulsante do original.

Sim, posso bem acreditar tudo isso, Líder... é assim que é chamado, Kathleen contou-me. Mas poderia, por favor, dar-me um exemplo disto? Quero dizer algo individual e definido.*

Dentre tantos, é difícil escolher. Assim, contaremos a você de um destes que vieram para cá recentemente. Não é das obrigações do nosso grupo no atual estágio ir próximo à fronteira e trazer aqueles que vêm em direção aos seus próprios lugares. Mas estamos sempre em contato com aqueles cujo trabalho é fazer isto, e sua experiência deve ser trazida para nós. Era um jovem que veio através da parede bem recentemente, e estava deitado no gramado ao lado da estrada.

Poderia explicar o que quer dizer com parede?

Em seu reino material, uma parede é, diremos, de pedra ou tijolos. A pedra com a qual a parede é construída não é sólida no sentido de estar absolutamente coagulada. Cada partícula de que a pedra é feita está em movimento, como sua ciência apenas recentemente descobriu. E as próprias partículas também são constituídas de movimento mais denso que o éter, que é como chamam o elemento no qual elas flutuam. O movimento é conseqüência da vontade, e a vontade é posta em ação pela personalidade. Ela portanto resulta nisto, considerando-se inversamente: Uma pessoa ou um grupo de pessoas concentram sua vontade no éter, que é colocado em vibração, e desta vibração são resultantes partículas. Isto também pela operação da vontade de outros grupos - hierarquias, se quiser - adicionarão em formação mais ou menos densa, e o resultado será água ou pedra ou madeira. Todas as espécies de matéria, portanto, são apenas uma manifestação externa de personalidade, e variam em composição e densidade de acordo com o tipo de personalidade, atuando sozinha ou em conjunto, com o exercício contínuo da força da vontade produz a manifestação que seja apropriada para sua classe.

Aqui se obtém um sistema de lei operativa muito parecido com este que lhe detalhamos como o obtido entre os reinos espirituais e a sua contabilidade de matéria.

A Parede da qual falamos é produzida e sustentada na posição pela força de vontade residente e operativa na esfera da terra. É encontrada neste lado pelo poder de vontade apropriado e operativo nas Esferas acima da terra e, sendo rebatida, torna-se condensada e

soldada numa parede de uma densidade e de uma substância quase apalpáveis por nós que somos de natureza mais sensitiva e refinada, mas que a vocês encarnados em corpos de substância mais bruta é perceptível somente como um estado mental de densidade impenetrável, e da qual falam como se fôra uma nuvem de perplexidade, ou treva espiritual, ou algo parecido.

Quando dizemos que é produzida pelas vontades de vocês da terra, falamos no sentido literal da faculdade criativa do espírito. Todo espírito é criativo, e vocês na carne são espíritos, cada um sendo ponto focal do Espírito Universal, assim como nós. Esta nuvem de vapor, portanto, que vem contra nossa Fronteira vinda da terra, é criação espiritual, da mesma forma que estas que provêm contra ela continuamente, vindas destes Reinos mais elevados, mantendo-a constantemente no lugar. Não é uma diferença de natureza ou de espécie, somente de grau. É o encontro do mais alto e o mais baixo e, nesta extensão, conforme uma ou outra sobe ou desce em intensidade, assim é produzida a parede em nossa direção, ou empurrada em direção à terra. Mas seu lugar é quase constante, e nunca é encontrada distante de seu lugar principal.

Você nos determinou uma tarefa, amigo, ao fazer sua pergunta. Seria para dizer-lhe nas palavras da terra sobre um destes temas que ainda estão adiante de sua ciência, conforme você entende o termo entre vocês hoje em dia. Algum dia, quando sua ciência tiver ampliado suas fronteiras para mais adiante, alguns de vocês serão capazes, talvez, com palavras mais familiares a você pelo uso, tornar conhecido mais facilmente aquilo que temos encontrado dificuldade em demonstrar.

Penso que peguei um desvio do assunto. Obrigado pelo seu esforço de qualquer maneira.

Assim, acharam-no deitado na relva próxima ao portal através do qual ele entrara, suspenso por aqueles que o trouxeram até aqui. Logo abriu seus olhos e olhou em torno de si com muito espanto, e quando acostumou seus olhos à nova luz, tornou-se capaz de ver aqueles que vieram para guiá-lo no segundo estágio de sua jornada para sua nova casa.

Sua primeira pergunta foi bem pitoresca. Ele perguntou-lhes, “Por favor, o que foi feito de meu equipamento? Perdi?”

Um deles, que guiava os outros, respondeu, “Sim, meu menino, temo que sim. Mas neste lugar podemos dar-lhe outro equipamento, e melhor.”

Ele estava quase respondendo quando percebeu o aspecto da paisagem e disse, “Mas quem me trouxe até aqui? Não me lembro deste país. Não é parecido com o que eu estava quando fui abatido.” Então arregalou os olhos e perguntou sussurrando, “Diga, senhor, parti para o outro lado?”

“Foi o que aconteceu, meu menino,” foi a resposta, “você partiu para o outro lado. Mas não são muitos os que percebem o fato tão cedo. Nós observamos você todo o tempo, observamos você crescer, e em seu escritório, e no seu campo de treinamento, e no seu trabalho no exército até que foi abatido, e sabemos que tentou fazer o que sentia que era o certo. Nem sempre, mas, no total, você tomou o caminho mais alto, e agora mostraremos seu novo lar.”

Ficou em silêncio por um tempo, e então disse, “Posso fazer perguntas, ou é contra as regras?”

“Não, faça suas perguntas, nós estamos aqui para respondê-las.”

“Bem, então, foi o senhor que veio a mim numa noite de sentinela e conversou comigo a respeito de partir para o outro lado?”

“Não, não foi nenhum de nós daqui. Este está esperando por você ali um pouquinho mais adiante nesta estrada. Se você for forte o bastante, vamos levá-lo até ele. Tente levantar-se e veja se pode andar.”

Ele levantou-se rapidamente e colocou-se em prontidão pelo hábito que formara, e o líder sorriu e disse, “Meu querido menino, tudo isto já passou. A disciplina aqui é bem diferente daquela que você conheceu lá. Conte conosco como seus amigos, e venha conosco agora. Serão dados comandos a você, e você vai obedecê-los, mas por enquanto ainda não. Quando este tempo chegar, tais comandos serão dados por aqueles que são mais altos que nós, e você vai obedecê-los, não por medo de reprimenda, mas pela grandeza de seu amor.”

Ele simplesmente disse, “Obrigado, senhor, “ e foi com eles à frente, ao longo da estrada, silencioso e em profunda meditação naquilo que fôra dito, e na estranha beleza de sua nova vizinhança.

Eles subiram a estrada e passaram sobre uma colina, no outro lado da qual estava um bosque de muitas árvores altas e belas, com flores nascendo à beira da estrada, e muitos pássaros cantando entre a folhagem verde-dourada. E ali, num montículo, estava sentado outro jovem que se levantou e aproximou-se.

Ele veio em direção ao grupo e, dirigindo-se ao jovem soldado, colocou seu braço sobre seus ombros, e andou ao seu lado em silêncio, o outro estando em silêncio também.

Repentinamente o jovem soldado parou e, tirando a arma do outro, virou-se e olhou intensamente para ele. Então um sorriso inundou sua face, e ele tomou suas duas mãos nas suas e disse, “Por que, Charlie, quem teria pensado nisto! Então, afinal de contas você não administrou tudo!”

“Não, Jock, não administrei, graças a Deus. Fui para o outro lado naquela noite, e posteriormente deixaram-me ir e ficar com você. Fui com você muito bem a todos os lugares, e fiz o que pude para o seu conforto. Então me disseram que logo você estaria vindo para cá. Bem, pensei que você deveria saber. Eu lembrei o que você disse a mim quando tentou me tirar dali e levar-me de volta às fileiras novamente, depois que levei aquilo no pescoço. Então esperei que ficasse quieto por si mesmo, e então tentei tudo o que pude. Depois eu soube que eu tentara fazer você me ver e parcialmente ouvir o que eu disse sobre sua chegada a este lado.”

“Ah, sim, é *chegando neste lado* agora, não é mais *indo*, não é?”

“É o jeito da coisa, velho amigo. E agora posso agradecer-lhe pelo que tentou fazer por mim naquele dia.”

Assim estes dois amigos seguiram adiante no resto, diminuíram o passo já que deveria ser assim e, na linguagem familiar como teriam gostado de falar, fizeram articular sua amizade recíproca.

Agora escolhemos este incidente em particular para mostrar-lhe várias coisas, entre elas, esta:

Nenhum ato bondoso passa sem ser notado nestas esferas. Aquele que o pratica está sempre sendo agradecido aqui por aquele a quem o benefício foi feito.

Aqueles que chegam ainda usam a linguagem e as maneiras terrenas de falar. Alguns de vocês ficariam muito chocados em ouvir as frases forçadas que saem dos lábios dos realmente brilhantes espíritos quando eles encontram pela primeira vez seus amigos da terra. Falo agora mais especialmente dos soldados que lutaram na guerra, como estes dois fizeram.

Marchar, aqui, acerta o passo com o mérito mais íntimo, e não é menos afetado também pela marcha na terra, ou pela educação da terra. Destes dois, aquele que cuidou do primeiro era um trabalhador antes de se alistar, e de ascendência pobre. O outro veio de uma família não pobre em bens materiais, e esteve por alguns anos num escritório de negócios, preparando-se para uma posição de responsabilidade na casa de seu tio. Seus respectivos status não contaram muito quando o primeiro levou o outro ferido para fora das trincheiras inimigas. Aqui, não conta de maneira nenhuma.

Então os realmente amigos encontraram-se aqui e iniciaram sua caminhada em frente. Porque aqueles que têm fé em seus compromissos na terra são bem-vindos quando chegam

até aqui a estes campos de beleza, e descansam onde não é ouvido o som da guerra, onde não entram feridas ou dores. Porque é o Reino da Paz, onde os cansados encontram refúgio dos problemas da terra, e onde há muita alegria de viver.

* Ver o rodapé do final do capítulo III

Segunda, 10 de dezembro de 1917.

Tais ocorrências, como esta que lhe contamos da última vez, não são raras nestes Reinos, apesar de que possa parecer algo estranho ouvir descrever uma cena de campos de batalha da terra sendo reproduzida nestas paragens de calma e paz. Mas é de pequenas coisas que a teia da vida é tecida, e aqui a vida é indubitavelmente vida. Aqueles dois amigos não são os únicos que assim se encontraram, e tiveram a amizade, antes mantida entre a pressa dos negócios e o stress dos esforços humanos, renovada nestes reinos brilhantes.

Vamos então seguir adiante um pouco e contaremos a você de outro encontro para esclarecer aqueles que habitam sob a névoa que está entre nós e vocês, e através da qual presentemente sua curta visão não pode penetrar. Não será sempre assim mas, por agora, até que seus olhos tornem-se mais acostumados, devemos nos esforçar nesta direção para ajudá-los no que vêem.

Há, na Segunda Esfera da terra, uma casa onde aqueles que recentemente vieram para cá esperam por sua saída, para serem levados, cada qual com seu guia, ao lugar que melhor estiver treinado para os primórdios de sua vida espiritual. É uma Casa muito interessante de ser visitada, porque aqui são encontrados juntos muitos tipos variados de caráter, e alguns que, trazendo bons informes sobre suas provações terrenas, ainda não estão bem assentados nas convicções daqui ou naquelas necessárias para serem rapidamente classificados. Não, note bem, por faltar habilidade em algum setor por parte dos trabalhadores destes Reinos, mas porque não é bom mudar nenhum recém chegado em direção a uma rota definida até que ele venha a conhecer a si próprio plena e completamente, e onde está em falta, e onde excede, e do que se compõe seu caráter. Portanto, nesta Casa eles descansam quietos e em companhia compatível por um tempo, até que extravasem um pouco da febre e da inquietação que trouxeram da terra, e sejam capazes de conduzirem, a si mesmos e seu ambiente, com deliberação e mais certeza.

Um de nosso grupo, não muito tempo atrás, foi a esta Casa e viu um homem que chegou lá neste estado. Na terra, fôra ministro de religião que lera algo do que vocês chamam de assuntos psíquicos, e sobre a possibilidade de conversar um com o outro entre nós e vocês, como estamos fazendo agora. Mas ele não conseguia entender completamente, e estava com medo de expor aquilo que em seu coração sabia ser verdadeiro e bom. Então, ele fez o que muitos de seus companheiros estão fazendo. Deixou o assunto de lado. Ele poderia encontrar outras formas de ajudar seus companheiros, e este fato poderia esperar pelo tempo em que fosse mais e mais amplamente entendido e aceito pelos homens, e aí então ele seria um dos pioneiros a proclamar o que sabia, e não fugiria de seu dever naquela hora.

Mas quando outros vieram a ele e perguntaram-lhe primeiramente se era possível falar com seus queridos que chegaram aqui; e em segundo lugar, se era da vontade de Deus fazer isso, ele expôs a mentalidade de sua crença Cristã na Santa Comunhão, mas exortou-os a serem pacientes até que a Igreja tenha testado e peneirado o assunto e emitisse uma conduta para aqueles que eram do rebanho.

E enquanto ele esperava, eis que seu tempo na terra completou-se e ele foi trazido para cá a esta Casa, onde deveria descansar um pouco e chegar a uma decisão sobre qual atitude assumiria nos diversos assuntos de suas tendências, e sobre o uso que fez de suas oportunidades.

O trabalhador de quem falei ...

Por que não me diz o nome dele e economiza palavras?

Não é o nome *dele*, meu amigo, pois o trabalhador é mulher. Vamos chamá-la de "Naine" e servirá.

Ela foi à Casa e o encontrou andando numa alameda em um bosque, uma alameda verdejante muito bela com folhagens e flores e luzes e cores e sombras de matizes suaves, muito pacífica e silenciosa e, naquele local, solitária. Pois ele queria estar só, porque precisava pensar mais claramente naquilo que tinha em mente.

Ela foi até ele e ficou à sua frente, e ele inclinou-se e teria passado adiante, mas ela falou com ele, dizendo, "Meu amigo, foi a você que fui mandada, para falar-lhe."

E ele respondeu, "Quem a mandou a mim?"

"O Anjo que tem que responder ao nosso Mestre sobre seu trabalho em vida enquanto esteve na esfera terrestre," disse ela.

"Por que teria ele que responder por mim?" perguntou a ela. "Certamente cada um deverá responder por sua própria vida e trabalho – não é assim?"

E ela disse, "Isto com certeza é assim. Ainda mais, para sua tristeza, nós aqui sabemos que não é tudo. Pois nada que você faz ou deixa de fazer termina em você, somente. Ele, que o tinha a seu encargo, esforçou-se, e novamente o fez, para seu bem estar e, em parte, teve sucesso, mas não totalmente. E agora que o período terreno terminou para você, ele deve fazer a soma total de sua vida, e responder pelo encargo que tinha sobre você, para a alegria dele, e também para a tristeza dele."

"Isto não me parece muito justo em minha mente," ele respondeu a ela. "Não é de minha idéia de justiça que outro possa sofrer pelas faltas de alguém."

Naine disse: "E ainda, isto é o que você pensava das pessoas lá – isto foi o seu entendimento das coisas no Calvário, e você lhes passou isto. Nem tudo o que você disse foi verdadeiro, e mesmo assim foi verdadeiro em parte. Por que nós compartilhamos alegria quando outro está alegre, e não o fazemos em sua tristeza? Isto seu Anjo faz por você agora. Ele está tanto alegre quanto triste com você."

"Por favor, explique."

"Ele se alegra naquilo que você fez de bom trabalho na caridade, pois seu coração estava muito banhado de amor por Deus e pelo homem. Ele se entristece por você naquilo que você não realizou, e que lhe foi ensinado que foi feito por vocês no Calvário. Porque você não estava querendo tornar-se desprezado pelos homens nem ser diminuído com a desaprovação deles, porque você valorizou o elogio dos homens mais que o elogio de Deus, e esperou ser capaz um dia de comprar mais barato sua recompensa por ter espargido luz sobre a escuridão, quando a escuridão deveria começar a passar de noite para aurora do dia que amanhecia. Mas você não viu, em sua fraqueza e falta de propósito valoroso e de força para sofrer vergonha e frieza, que o tempo pelo qual você esperava era o tempo em que sua ajuda não mais seria necessária, e a luta já teria sido vencida, mas por outros de caráter mais forte, pois você permaneceu entre os observadores e ficou olhando a batalha de uma posição vantajosa, enquanto aqueles outros brigavam e davam e tomavam golpes bons e fortes, e lançavam-se na batalha porque, pela causa, não deviam render-se àqueles que eram seus oponentes."

"Mas por que tudo isto?" inquiriu. "Qual é a razão de sua vinda até mim, afinal?"

"Porque ele me mandou," disse ela, " e porque ele também deveria vir a você, mas não é capaz até que sua mente esteja mais clara de propósitos, e até que você tenha dominado e conhecido os variados elementos que construiu na sua vida da terra em seus verdadeiros valores e avaliações."

"Entendo, pelo menos em parte. Obrigado. Estive numa nuvem todo este tempo. Vim para cá, longe dos outros, para tentar entender tudo isto melhor. Você disse algumas coisas realmente diretas para mim. Talvez acrescente algo a este serviço dizendo-me o que devo fazer para começar."

"Esta é minha missão aqui e agora. É a única coisa de que fui encarregada. Devia sondar sua mente, fazê-lo olhar para dentro de si e, se mostrasse qualquer desejo de progresso, devia dar-lhe uma mensagem. Isto lhe será agora mostrado – não muito cordialmente, entretanto. E essa é a minha mensagem de seu Anjo guardião, que o espera para levá-lo quando tiver treinado a si próprio um pouco mais. Você está requisitado para assumir um quarto num lar, o qual vou mostrar-lhe, na Primeira Esfera. De lá, você vai, de tempo em tempo, visitar o plano da terra e ajudar lá aqueles em comunhão com seus amigos daqui destas esferas de luz, e também ajudar confortando e encorajando os que estão nas esferas mais escuras, para que possam progredir para a luz e à paz de Sua Presença. Eles estão mesmo entre aqueles dos quais você foi ministro, vários que estão tentando fazer este bom trabalho pelos angustiados, e também dar e receber alegria através de sua conversa com aqueles seus queridos daqui. Eles esperavam por sua liderança neste tema, e você não teve coragem de fazê-lo. Vá e ajude-os agora, e quando for capaz de fazê-los conhecer a sua personalidade, desdiga o que uma vez disse, ou diga-lhes que faltou-lhe coragem para contar a eles do fato. Nisto talvez lhe apareça alguma vergonha, mas eles terão muita alegria e lidarão com você muito bondosamente, porque já sentiram a fragrância do amor dos Reinos mais altos e mais brilhantes que este no qual você esteve descansando. Mas ainda a escolha é sua. Vá, ou não vá, conforme seja a inclinação de seu coração."

Ele permaneceu com a cabeça inclinada, silencioso por um longo tempo, enquanto Naine esperava. Ele travou sua batalha, e não era pequena para ele. E então ele falhou em tomar uma decisão, dizendo que pensaria sobre todas as suas atitudes e decidiria mais tarde. Assim, sua antiga falha de hesitação e medo pousou sobre ele como uma manta, e expulsou a liberdade em ir adiante sempre que pudesse. E Naine retornou à sua Esfera, mas não foi capaz de trazer de volta com ela a feliz resposta pela qual ela buscou.

E... o que ele fez, a que decisão chegou?

Da última vez que ouvi sobre ele, ainda não tinha tomada decisão alguma. Todo este acontecimento é recente, e ainda não está terminado. Terminado não poderá estar até que ele se decida por sua própria livre vontade fazer o que deve fazer. Há muitos que visitam suas reuniões de Comunhão que são como ele, ou bem parecidos.

Por reuniões de Comunhão o senhor quer dizer o Serviço da Santa Comunhão, ou sessões espíritas?

O que, se as chamaremos de natureza semelhante? Verdadeiramente na avaliação da terra elas são muito diferentes, uma da outra. Mas nós aqui julgamos não pelos parâmetros da terra. Aqueles que vão para uma ou para outra, vão por um propósito idêntico – comunhão conosco e com o nosso Mestre, o Cristo. Isto nos é suficiente.

Mas de nosso ministro: está em sua mente por que uma mulher foi mandada a uma missão destas, e para um ministro de Teologia, para fazê-lo raciocinar sobre sua conduta e trabalho em vida. Responderemos o que notamos em sua mente.

É muito simples, a resposta. Ele, em seu começo de vida, teve uma irmãzinha de somente poucos anos, e ela morreu e passou para cá, enquanto ele ficou e cresceu à maturidade. Esta mulher era aquela pequena criança. Ela o amara muito, e se ele estivesse sintonizado às partes mais elevadas dele, ele a teria reconhecido novamente, pela sua grande beleza e maturidade brilhante da feminilidade. Mas seus olhos estiveram fechados e sua visão obscurecida, e assim ela ficou desconhecida.

Verdadeiramente, nós somos todos de uma família, agrupados por nós na alegria e na tristeza, e devemos beber do cálice forçosamente, mesmo como Ele fez com Seu copo cheio dos pecados do mundo, e o amor no mundo, misturados alegria e tristeza.

Terça, 11 de dezembro de 1917.

Quando chegamos para falar com você, como estamos fazendo, há entre nós e aquela esfera de nosso natural *habitat* uma linha vital, assim podemos chamá-la. É tomada algumas vezes em sua própria forma, mas é

melhor valorizar qualquer trabalho que fazemos para sua construção. Quando pela primeira vez descemos a estes reinos, tivemos forçadamente que fazer nossa descida de forma gradual. Tínhamos que viajar vagarosamente para baixo, de esfera em esfera e, à medida que chegávamos, evoluíamos em nós mesmos aquela condição de progresso no espírito que fosse propícia às condições ambientais da cada esfera pela qual nossa jornada conduzia.

Esta viagem para lá e para cá foi feita muitas vezes e, a cada vez que foi feita, tornou-se mais fácil para nós nos reajustarmos em nossa constituição, e ficamos mais aptos a ir rapidamente de estado em estado do que nos foi possível da primeira vez. E agora podemos vir e ir quase que com a facilidade com que viajamos de um lugar a outro na esfera em que está nossa habitação. Assim, aquilo de viajar de lá até você já não leva tempo, já que chegamos num instante pelo esforço de transposição, em vez de variados e repetidos esforços, como quando nos aproximávamos adaptando-nos em cada esfera. Assim estabelecemos a linha vital da qual falamos e a qual usamos ao descermos de lá e ao subirmos para lá de tempo em tempo.

Qual é sua esfera normal, por favor?

Como Zabdiel* numerou-as a você, a nossa é a Décima. É aquela da qual ele resumidamente lhe contou e da qual ele mais tarde partiu para a próxima de cima, na ordem. Poucos, e não freqüentemente, vêm de qualquer esfera de mais alto grau para esta da terra. É possível assim fazer, e acontece muitas vezes, se você contar as eras, na soma delas. Mas quando acontece, algum grande propósito está direcionando tudo, e alguém, e não é de nossa competência, nós que vivemos na Décima Esfera ou mais baixas, entender tão bem para que sejamos escolhidos como mensageiros. Assim foi com Gabriel que está na Presença de Deus, pronto para cumprir Sua ordem nos reinos Celestes, tanto longínquos quanto próximos. Mesmo que ele tenha vindo para as mais baixas regiões sobre a terra, foi apenas raramente.

Agora, como é possível que venhamos a você, está no âmbito da sabedoria celeste também que outros de mais alto grau e estado venham a nós de vez em quando. E por um propósito bem semelhante, que é nos dado saber, em nossa felicidade de servir nestas esferas de luz e glória, da maior glória e felicidade do mais alto serviço e sabedoria para conhecer o Máximo que está acima de nós, em grande avanço, de força em força, de um estado a outro de maior sublimidade.

Assim são dados a nós, assim como àqueles de vocês que receberão o benefício, relances de nossa caminhada acima. Assim não seremos estranhos naquelas regiões adiante, às quais subimos sempre. E, assim como a vocês, a nós é permitido, de tempo em tempo, visitar aquelas glórias mais elevadas por curto espaço de tempo e, voltando, contar aos nossos companheiros de como eles, nossos irmãos, estão naquelas esferas mais intensas à frente de nós.

Assim é no único cômputo geral de Deus, o que está progredindo nas esferas abaixo devem servir naquelas de mais alto degrau. E como você, que aceita nossa missão de esclarecimento, olha para a frente desejando sua vida e seu caminho futuro, assim mesmo estando sintonizados ao estado que agora gozamos, nós também olhamos ainda mais para a frente, para aqueles Reinos que esperam por nós quando, pela Graça e pelo nosso próprio esforço íntimo, enriquecermos a nós mesmos com aquelas qualidades que nos permitirão seguir adiante em nossa peregrinação.

E assim chega desta maneira ao nosso conhecimento a vida dos reinos acima de nós, onde aqueles que habitam lá estão tão próximos ao Cristo e Sua Casa que suas faces e formas são vistos como sendo a forma e as feições do Próprio Cristo.

Sobre estes reinos elevados, e sublimes em seu silêncio de energia potencial, o Cristo move-se livremente, enquanto para nós Ele vem naquilo que lhe foi mostrado como Forma Presente. Naquela maneira, também, Ele é todo amor, tanto quanto sei. E se assim é, então que sóis de esplendor devem ser Seus olhos, e quanta glória rósea deve vir de seu vestuário ao olhar para aqueles que são menos que Ele, para que fiquem pasmados perante a beleza de Sua presença.

Já O viu então, Líder?

Naquela forma, sim; mas não em sua total bondade, como falei por último.

Mais de uma vez?

Sim, amigo, e em mais de uma esfera. Nesta forma, Ele pode e realmente penetra também na terra, e lá Ele é visto não raramente. Mas ali, somente pelas crianças ou por aqueles que levam em seu coração sua pureza infantil, ou aqueles que em grande angústia precisam muito d'Ele.

Poderia contar-me uma destas ocasiões na qual O tenha visto, por favor?

Vou contar-lhe a vez em que havia alguma movimentação numa esfera onde alguns iriam ser escolhidos e classificados, a esfera da qual falei da última vez em que nos sentamos para escrever. Muitos haviam chegado lá, e a esfera estava repleta de muito trabalho e algum atordoamento. Os trabalhadores ali estavam com dificuldade em colocá-los, em saber como melhor ajudar os muitos que ainda não tinham sido classificados. E a mistura dos saudáveis com os doentios na multidão estava causando alguma rebelião entre eles, pois estavam se machucando e adoecendo facilmente, e sentindo que não foram tratados com justiça e sabedoria. Isto não acontece com freqüência. Mas já soube de ter acontecido assim bem mais de uma vez.

Repare, aqueles naquela esfera não são maus, mas pessoas agradáveis. Não compreendiam totalmente. Em seus corações sabiam que tudo estava sendo bem feito para eles. Mas a confusa mistura de névoa e luz deixou-os com prevenção contra o entendimento. E mesmo quando não murmuravam abertamente, ainda assim estavam com o coração triste e faltava-lhes coragem para a tarefa de conhecerem-se a si próprios – um trabalho difícil, também – veja bem – para aqueles que negligenciaram o fato em sua vida na terra. Parece mais difícil chegar até aqui, do que em sua esfera. Não seguirei adiante nisto agora.

O Anjo Senhor da Colônia veio de sua Casa e chamou a multidão, e eles vieram com suas faces tristes, muitos com seus olhares fixos ao chão, sem vontade de olhar para tanta beleza. Quando estavam reunidos diante do alto lance de escadas no qual ele estava em pé, do lado de fora do pórtico de sua moradia, ele lhes falou num tom de voz cálido, e disse-lhes para que não fossem pobres de coração, pois Alguém antes deles já ficara abatido como eles estavam agora, e Ele venceu porque, quando a névoa apareceu entre Ele e a face de Seu Pai, ele se segurou e não caiu em descrença, e ainda assim chamara-O de Pai.

E enquanto ele falava, um após outro levantavam seus olhos para ele e viam sua majestade e seu brilho, pois ele era de uma esfera mais alta, este que tinha a seu encargo esta colônia difícil. E gradualmente, enquanto falava gentilmente a eles com palavras de sabedoria penetrante, eles viram uma neblina começar a vir sobre ele e envolvê-lo, e ele vagarosamente pareceu se dissolver na nuvem de neblina que, condensando, vestiu-o como um manto colocado sobre ele. Ao final quase não mais podiam vê-lo, mas eis que sobre suas pegadas, no lugar onde estava, começou a aparecer outra forma, a forma d'Aquele de faces mais amorosas e de radiação mais brilhante que a dele. Apareceu Ele, mais brilhante, e então emergiu às vistas de todos, tendo sobre Sua testa uma coroa de espinhos, com gotas de sangue abaixo dela e sobre seu peito, como se tivessem acabado de cair. Mas conforme ele crescia em brilho, aqueles milhares de olhos cansados ganharam brilho também, e fundiram-se na maravilha de Sua imensa glória e amor. A coroa transformou-se numa outra de ouro e rubis, e as gotas vermelhas sobre seu peito ajuntaram-se num botão sobre Seu ombro, para segurar Seu manto no lugar, e a túnica que usava embaixo do manto cintilou com a luz dourada de Sua radiação interior, o que a fazia brilhar em sua leveza como prata fundida no brilho da luz do sol em sua textura. E Sua face, não posso descrevê-la porque não é possível, com as suas palavras da terra, dizer nada mais do que a majestade do Redentor todo vitorioso estava ali. Sua fronte era a fronte de um Criador de mundos e *cosmoi,* e ainda com a delicada beleza da fronte de uma mulher, onde o cabelo caía repartido no centro. A coroa falava da Realeza, e mesmo assim não havia o orgulho de governar na suavidade do seu cabelo ondulado, e Seus longos cílios acrescentavam ainda mais suavidade, enquanto Seus olhos faziam com que nos inclinássemos diante de seu amor com reverência.

Bem, vagarosamente a visão d'Ele fundiu-se à atmosfera – não digo que se tornou tênue – porque sentimos que Ele Se tornara mais e mais invisível à vista, Sua forma ficando mais eterizada enquanto o ar foi tornando-se mais e mais fortalecido com a Sua real Presença.

Então, finalmente Ele se foi de nossa visão e, onde Ele havia estado, mais uma vez vimos o Anjo Senhor da Colônia. Mas agora ele não estava mais em pé, mas com um joelho no chão e seu corpo apoiado no outro e suas mãos, postas, colocadas à frente de seu pé. Ele ainda estava imóvel, em êxtase na comunhão, e o deixamos ali e fomos embora. Somente agora dávamos passadas mais leves com os corações elevados. Não estávamos mais cansados, mas prontos para nossa tarefa, qualquer uma que fosse. Ele não disse uma só palavra enquanto olhávamos para Ele, mas em nossos corações "Estarei convosco por toda a eternidade" soava claramente. E assim, fomos resolutos para nosso trabalho com grande contentamento.

CAPÍTULO VII

A DESCIDA E A ASCENSÃO DO CRISTO

Quarta, 12 de dezembro de 1917.

Não é assim, que estejamos longe de você, que você deve pensar de nós. Estamos bem perto. Você tem em mente que, só porque a Kathleen escreve com você diretamente, nós, que falamos a você através dela, estamos à distância. Não é assim. Sendo que ultrapassamos a dificuldade de descer pelo reajustamento, chegamos muito bem à esfera da terra e, sendo assim, não encontramos dificuldade em sintonizar nossas mentes assim que estejamos bem perto de você. Pois há graus de estado na esfera da terra, assim como há nestas mais avançadas. Seria muito difícil, se possível afinal, que viéssemos ao ambiente mais próximo daqueles que não subiram espiritualmente muito acima do que o estado animal. Mas àqueles que procuram estar perto de nós, de nossa parte, nós nos direcionamos a eles e encontramo-los no ponto mais alto que possam alcançar. E assim fazemos com você. Isto de alguma forma tranqüiliza-o, amigo?

Bem, eu me senti como foi descrito, certamente. Mas, se na profundidade sua explanação é verdadeira, que necessidade há de termos a Kathleen, afinal?

Isto, em parte, já foi explicado antes. Acrescentaremos um pouco mais agora. Você deve ter em mente fatos - tais como: Kathleen é mais de sua época que nós, que na maioria vivemos na terra há muito tempo atrás. Ela normalmente está mais próxima a você neste estado que nós, e, enquanto podemos entrar em contato com você no mais íntimo, ela acha mais fácil que nós tocar a parte mais externa, onde a fala e a movimentação de seus dedos tomam lugar, que é o cérebro de seu corpo material. Também na transmutação de nossos pensamentos em palavras ela tem uma boa atuação entre nós. Mas para tudo isto, bem que estamos, você e nós, com uma boa sintonia e contato recíproco.

Posso fazer umas poucas perguntas?

Com certeza - mas você está apressando tudo com certa ansiedade pelo sabor do conhecimento, amigo. Pergunte uma e, se tivermos tempo para mais, veremos as outras também.

Obrigado. Sobre a descida do Cristo: quando Ele desceu da Casa do Pai para se tornar encarnado, suponho que tenha sido necessário a Ele Se condicionar às Esferas, uma após a outra, até que alcançasse a esfera da terra. Vindo de um lugar tão alto, levaria muito tempo para isso ser feito, não é?

Pelo tanto quanto nos tenham ensinado, amigo, o Cristo esteve presente na Esfera da terra quando ela não tinha forma, isto quando ela era imaterial. Quando a matéria começou a ser, Ele foi o Espírito Mestre através de quem o Pai comandou forjar em constelações o material universal, da forma como vocês entendem isto. Mas, apesar de que Ele estivesse presente, Ele também não tinha forma, e coube a Ele não a forma material, mas a espiritual, enquanto o Universo foi sendo dotado de sua manifestação exterior, tomando assim sua forma de matéria. Ele esteve por trás do fenômeno inteiro, e o processo todo passou pelo Cristo conforme vieram passando as eras, e a matéria evoluiu do caos ao cosmos. Isto não seria possível exceto para uma entidade dinâmica operando do exterior e do superior ao caos, e trabalhando na descida até o caos. Pois a ordem não pode sair de onde há falta de ordem, exceto pela adição de um novo ingrediente. Foi o contato da Esfera do Cristo com o caos que resultou no cosmos.

Caos era matéria em estado potencial. Cosmos é matéria percebida. Mas, assim sendo, a matéria sendo percebida é apenas um efeito do fenômeno da energia dinâmica que, acrescentada à inércia, produz movimento. O movimento em si é a soma das atividades da vontade, consideradas potencialmente. A vontade, passando do estado potencial à sua percepção, torna-se movimento regulado de acordo com a qualidade daquela vontade particular que é o seu criador. Conseqüentemente o Criador de tudo, trabalhando através do Cristo, produziu, depois de eras de impulso contínuo, o cosmos.

Agora, se formos capazes de esclarecer a você de qualquer forma o que está em nossas mentes, você perceberá que o Cristo estava no universo material desde a incepção e, sendo assim, Ele estava também na esfera da terra enquanto ela assumiu gradualmente primeiro a materialidade, e então a forma, e por último tornou-se por sua vez intérprete do significado do trabalho de eras que se tornaram articuladas, ao final, à gênese da Terra. Isto é, reproduziu dela mesma o princípio de criação e deu-lhe expressão. Pois da terra vieram os minerais e os vegetais e as formas animais de expressão de vida. Você vê, amigo, no que isto resultou? Significa não menos que a Terra e todo o Cosmos material é o Corpo do Cristo.

O Cristo que veio à Terra?

O Cristo Que era Uno ao Pai e, sendo Uno ao Pai, era a Expressão do Pai. Jesus de Nazaré era a expressão do pensamento do Pai, encarnado como Cristo para a salvação da Terra. Pense um pouquinho, porque vejo um leve distúrbio em sua mente. Nos outros planetas de seu Sistema há seres não parecidos com os homens. Em planetas de outros Sistemas há seres não semelhantes a homens também. Em outras constelações há aqueles que são relacionados razoavelmente a Deus e Seu Cristo e podem comungar com seu Criador, como fazem os homens. Mas não são de forma humana, nem usam da forma humana de comunhão de pensamento que vocês chamam de fala. E mesmo assim o Criador e seu Cristo permanecem na mesma relação com eles que eles têm com vocês. E tem sido necessário, e ainda é, que seu Cristo torne-se manifesto a eles de vez em quando, na forma a que eles mesmos evoluíram. Mas, então, Ele vai até eles não como Jesus de Nazaré, na forma humana, que para eles seria menos útil senão estranho. Ele vai a eles na forma deles e com seus meios de comunhão, e usa seu próprio processo racional. Isto seria óbvio, exceto àqueles que, tendo lançado ao vácuo do espaço atrás deles a teoria geocêntrica materialmente considerada, têm ainda esta teoria envolvida sobre eles espiritualmente, como os trapos de uma múmia, assim pouco podem se mover, ou ver que além de seu pequeno mundo há outros de tão grande importância ao Criador quanto é a nossa pequena terra.

Assim dizemos a você, o Cristo que veio à Galiléia era não só a expressão da Terra do Cristo Universal, mas também o verdadeiro Cristo.

Agora deixe-nos chegar a um fim, se bem que não lhe falamos nem um pedacinho da gloriosa e esplêndida história da rima e do ritmo dos eões e seu nascimento e casamento e sua chegada em direção aos sóis que sorriem para suas crianças menores de hoje.

O Cristo, então, desceu com matéria como a matéria desceria - por precipitação, se quiser assim - fora das energias da dinâmica espiritual. Foi incorporado em vida mineral, pois por Ele toda a matéria é composta. Foi acalentado pela rosa e pelo lírio, e toda a vida vegetal era a Sua vida, pela sustentação d'Aquele que deu de sua beleza e maravilhas que vieram em direção da matéria movendo-se em direção à razão mas, no ponto mais alto, somente tocando a bainha da vestimenta da atividade racional. E Ele Se tornou manifesto também na vida animal na terra, pois os animais, como o homem, são sua evolução. A mais alta expressão de Sua vontade era a humanidade. E no tempo certo Ele veio do invisível em direção ao mundo visível. Ele, que havia feito o homem, foi feito Ele próprio homem. Ele, por Quem o homem veio a ser e continua, pensou na matéria e Seu pensamento tomou expressão em Jesus de Nazaré. Então Ele Que foi o Agente Ungido do Criador para fazer o homem, tornou-se Ele mesmo o Filho do Homem, a quem Ele tinha feito.

É suficiente, amigo. As suas demais perguntas esperarão nossa próxima vinda. Deus e Seu Cristo, Que Se uniram para trazer você à forma de homem, amigo, alegram-se por você naquilo que você apreender, ajudar outros a entenderem, o esplendor de sua filiação e seus destinos.

Sexta, 14 de dezembro de 1917.

Nós lhe falamos, amigo, da Descida de Cristo para a matéria, como você nos inquiriu. Agora, deixe-nos continuar na estrada normal, na continuidade daquilo que já lhe transmitimos. A estrada agora não vai para o útero do cosmos material, mas acima, para o espiritual, e em direção ao estado que resulta na perfeição espiritual que vocês chamaram pelo nome de *a*

Casa do Pai. Esta é a fronteira do conteúdo atual do universo na imaginação do homem. Ele não pode ir mais adiante vislumbrar aquilo que ele concebe como as possibilidades de Ser.

E, todavia, nós aqui chegamos a saber que o Espírito, sublime como é em essência, não é a soma do Ser. Como para além do reino material prolonga-se o espiritual, assim também, além destas distantes e longínquas alturas de luz impenetrável e santidade em extrema pureza para onde dirigimos nossa caminhada, está Aquele que não é somente Espírito, mas Quem para dentro de Si absorve tudo o que o Espírito é com sua sublimidade maior, englobando a soma total resultante do espírito num universo ainda mais sublime.

Como a luz de um planeta é apenas uma pequena parte do que é externado do sol central, e reflete de volta aquela luz tingida pela qualidade planetária que lhe é característica, desta forma também a matéria recebe do espírito e, da mesma maneira, contribui com seus pequenos ingredientes para a qualificação e enriquecimento do universo espiritual. Como o Sol, por sua vez, é de um sistema muito maior que ele, e é apenas uma unidade de uma constelação de sóis, também o Espírito é apenas parte de um universo do Ser, de magnitude e de sublimidade além de nossa compreensão. E mesmo uma constelação é por si mesma uma unidade de uma agregação mais vasta - mas aqui paramos de aplicar a analogia senão nos perderemos em assombros, quando deveríamos nos encontrar no nosso caminho ao longo da estrada da razão e do entendimento.

Então sigamos o Cristo em Sua via Celestial, lembrando que, sendo elevado e exaltado, Ele conclama os homens a que O sigam, arrastando Suas miríades ao longo da estrada celestial entre as glórias das esferas em direção à Casa de onde Ele veio, na qual Ele está, e eles deverão lá estar também um dia.

Enquanto as eras misturam-se ainda com as eras do porvir, assim a glória do Cristo intensifica, porque todos os novos recrutas chegados ao Seu exército acrescentam cintilações ao brilho de Seu Reino brilhante, que é visto, assim disseram, por aqueles que estão acima, nas vertiginosas alturas do Reino que está mais distante e mais acima de tudo, assim como no reino da matéria vocês vêem uma estrela distante. No oceano do espírito, todas as Esferas do Cristo são reunidas em uma enorme estrela, e pode ser vista exteriormente por aqueles que habitam no alto. Não nos é possível compreender adequadamente, entretanto podemos ter uma pequena idéia de seu significado assim:

Da terra vocês são incapazes de ver o Sistema Solar como uma unidade, pois estão na névoa daquele sistema e numa parte dele. Mas alguém que esteja acima, no Arcturo, veria uma pequena esfera de luz, e naquela esfera estaria incluído seu Sol e seus planetas e suas luas. Assim é que realmente vocês vêem Arcturo e os outros milhões de estrelas que são vistas da terra. Então o Reino e a Esfera do Cristo são vistos do reino distante e, era após era, o Sistema cresce em brilho conforme as raças que caminham realizam sua evolução total do material ao espiritual mais e mais. Nisto estou englobando o cômputo espiritual total como uma estrela, e Aqueles Que são postos para observá-la são Os Que habitam nestas longínquas estepes do Ser que estão além dos reinos do Espírito, no grande Vazio do Desconhecido e do Incompreensível.

Então acima e distantes estão Aqueles de Quem falamos, que nós, que progredimos em Espírito dez esferas, não podemos nos dizer mais próximos a Eles que vocês da terra. A distância entre vocês e nós em progresso, dividida por aquela de nós até Eles, seria tão infinitesimal quanto estaria além de tudo considerado.

Da forma que o total de constelações de sóis marcham em formação ordenada em direção a uma certa meta, apesar de distante, desta mesma forma as Esferas do Espírito marcham em direção a seu destino, quando a peregrinação de espírito irá fundir-se ao que está adiante, e ali encontrar sua consumação.

Para esta finalidade o Cristo, inclinando-se do Peito de Seu Pai, exorta a humanidade com o toque de Seu dedo, e o homem torna-se eletrificado com aquela Divindade Vital que pulsa em sua alma com o ímpeto de seguir adiante, para que na caravana do Príncipe Soberano ele possa manter sua posição junto com estes dos outros planetas que marcham unidos para a frente como o único Exército do Pai sob a Vice-regência de Seu Filho.

Há uma coisa de que não estou completamente esclarecido. Nosso Senhor falava de pequenas crianças, "de quem é o Reino." O que vocês disseram parece implicar em dizer que conforme nós crescemos tornamo-nos menos do Reino, no sentido de infância. Sem dúvida, isto parece concordar com nossa experiência. Mas significaria que progredimos para trás, como numa espécie de desenvolvimento inverso. E ainda, se nosso progresso está somente no primeiro estágio da jornada, e é continuado nas Esferas, o padrão infantil parece ser bem anômalo. Pode explicar esta minha dificuldade?

A criança nasce no mundo dotada com certas qualidades e poderes. Mas estas, na infância, permanecem não desenvolvidas e inativas. Estão lá, mas dormentes. À medida que a mente amplia suas capacidades, ela é competente para se impor nestes poderes, um após outro, e para usá-los. Em assim fazendo, o homem está continuamente ampliando sua esfera de ação, e também entrando em contato com novas forças que lhe são impostas pelo ambiente, enquanto aquele ambiente, aumentando sua circunferência, entra em contato, um após outro, com as esferas onde estas forças residem. Tais forças de que falo são as criativas, unificadoras e espiritualizadoras, e apreendem o conhecimento de Deus. Da maneira pela qual ele emprega estas formas de poder mais amplo depende seu desenvolvimento como ser espiritual. A criança é do Reino até onde ela não oponha sua vontade contra a do Pai. Permitindo o homem, enquanto ele cresce em capacidade, que isto seja mantido em sua mente e tal puerilidade em seu coração, seus poderes crescentes serão usados em consonância com aquele grande propósito de Deus na evolução da raça dos homens e outras raças que são da grande família do Criador. Mas se ele, crescendo em idade e em poderes, falhar ao usá-los durante o caminho naquela qualidade de obediência confiante que é tão marcante na criança, então ele será considerado desviado da mente do Criador, e resultará em um atrito que fará obstáculo às rodas da sua carruagem, e ele começará a atrasar-se, ficando para trás, até que chegue mais e mais perto das terras fora do Reino, e menos e menos harmonizado com aquelas companhias, conforme for se aproximando da linha da fronteira. Mas aqueles que não perdem nada de sua confiança semelhante à da criança, e àquela acrescenta outras virtudes em sua totalidade, conforme for caminhando ao longo da estrada da vida, este não fará seu progresso inversamente, mas mais e mais torna-se criança de seu Reino. Jesus de Nazaré era assim, pois, sendo o Filho de Seu Pai, assim para aquele Pai o Seu coração sempre se inclinou em perfeita união, como está no Livro de Registros de Sua vida, que você pode ler bem claramente. Quando ele era um menino, eram os problemas de Seu Pai que preenchiam Sua mente, preocupava-se com eles. Era a Casa do Pai que clamava Sua proteção das paixões mundanas dos homens egoístas. No Getsêmani Ele buscou manter aquela união de propósitos com a vontade do Pai. Estando na Cruz, Ele virou-se para ver a face de Seu Pai, que o miasma do mundo denso conseguiu obscurecer por um momento. Mas Ele não falhara em entregar seu coração à Guarda de Deus, e quando Ele saiu de seu Corpo de carne, foi em direção ao Pai que seu caminho estava voltado. Na Páscoa, Ele também devia ainda seguir a estrela guia de Seu caminho celeste, como Ele dissera a Madalena que faria. Quando o vidente de Patmos encontrou com Ele no Templo Celestial, Ele anunciou que tinha provado que sua vontade era una à do Pai e que portanto em Suas mãos tinha sido dada a autoridade para atuar tanto nos Céus quanto na terra, com plenitude de poderes. E quem não vir – aqueles que observam Sua curta vida na terra, ou quem observa Sua Pessoa aqui, assim nós que agora falamos a você d'Ele – não verá n'Ele a Criança imaculada, mas mesclada com a dignidade do poder e do Homem evoluído, e coroado com a Majestade da Mente Divina.

Sim, amigo, é somente aquele que chega ao grande lugar do Reino do Pai que pode entender o Reino da Criança.

CAPÍTULO VIII

EM DIREÇÃO À TERRA DA ESCURIDÃO. UMA MANIFESTAÇÃO DO CRISTO PIEDOSO E GLORIFICADO. UM CRISTO MENOR.

Segunda, 17 de dezembro de 1917.

Nas mensagens precedentes contamos a você, conforme nós mesmos havíamos aprendido, alguma coisa do mistério da criação e do progresso do universo da matéria, e, num grau menor, o do espírito. Há alcances ali que de longe ultrapassam qualquer imaginação nossa, ou sua, e isto nos será esclarecido conforme nós, nas eras que estão diante de nós, rumemos estado por estado à maior perfeição. Tanto quanto possamos projetar nossas mentes naquela distante imensidão de vida a ser vivida, não podemos ver nenhum fim em nosso caminho nesta direção, pois, como um rio é visto da montanha onde se inicia, assim é a vida eterna. A correnteza alarga-se, e em seu volume absorve mais e mais aquelas correntezas que vêm de terras de características diferentes, e também no solo. Assim é a vida de um homem, já que ele também agrega à sua personalidade muitas outras correntes laterais de diversas qualidades, e em si mistura-as juntas, fazendo delas uma única, nele mesmo. Dessa mesma forma o rio é visto ainda alargando-se até que, ultrapassando a si mesmo, cessa de ser distinguível como uma entidade separada, assim também o homem amplia-se além do estado inicial, passa ao grande oceano de luz, onde já não podemos segui-lo em seu progresso deste nosso ponto de vista, na montanha onde ele nasceu. Mas isto aprendemos, e há poucos que duvidam disto, que, como a água do oceano não muda a substância do rio, era água e vai para aquilo que nada mais é que água, mas somente enriquecida e com sua qualidade modificada, assim mesmo o homem será ainda homem quando emergir dentre as margens, da individualidade de um lado e da personalidade do outro, e mesclar sua riqueza de qualidades acumuladas com a infinidade d'Aquele que é o Princípio e a Consumação, a emanação e a absorção das forças de todos os ciclos do Ser. Também nos rios, peixes e animais aquáticos têm sua habitação, mas quanto mais amplo e profundo o oceano faz morada para os viventes de maior tamanho e poder que estes, da mesma forma aqueles que em pessoa e em poderes gozam sua imensidão na unidade devem ser de tamanha glória além de nosso conhecimento.

Nós, portanto, vislumbramos adiante em direção a estes distantes irmãos nossos e sabemos que eles não são insondáveis por nós que, mesmo que eles fossem transferidos de suas habitações, ainda teríamos nossas faces voltadas para seus locais. É do Máximo, através destes tais, que vem a vida e banha de amor estes reinos menores, nossos e seus. É suficiente. Nós tomamos um golinho do cálice de nosso destino, e seguimos adiante mais refeitos e fortalecidos para as obrigações colocadas em nossas mãos.

Você poderia me dizer um pouco mais destas obrigações, por favor?

Mas são múltiplas em número, e na diversidade também são! Contaremos uma tarefa a que fomos recentemente convocados e como foi levada até o fim.

Na esfera da qual viemos a você há um Templo no alto de uma colina.

É o Templo de que Zabdiel falou – o Templo da Monte Sagrado?*

O mesmo. Fomos em variadas missões de bênçãos para aquela esfera e às inferiores, e também porque daquele lugar vão para a esfera mais alta aqueles que em santidade e sabedoria tornaram-se assim qualificados para viverem nela sem desconforto, sendo condicionados à atmosfera mais rarefeita do lugar por um longo treino, e também para visitar aquele templo e a planície abaixo, de tempo em tempo, aonde as condições que prevalecem na esfera Onze são trazidas, enquanto eles se banham naquele ambiente que um dia será sua morada permanente, e assim que se qualificarem para sua nova habitação.

Fomos à planície, e subindo a trilha que circunda a lateral do Monte, aproximamo-nos do pórtico diante do portão principal.

Vocês estavam qualificados para avanços?

Não da maneira que acabamos de descrever a você. Não; aquela condição de atmosfera intensificada não é perpétua ali, mas é trazida nas épocas em que estão para se aproximarem aqueles que estão próximos de avanços.

Chegamos ao Pórtico e esperamos um pouco, e então saiu um dos brilhantes residentes daquele Lugar Sagrado, um Guardião do Templo, e convidou-nos a entrar com ele. Hesitamos em fazê-lo, porque até então nenhum de nosso grupo havia entrado naquele local de oração. Mas ele sorriu, e em seu sorriso lemos a segurança e fomos com ele sem medo. Não havia cerimônia àquela hora, e assim não estávamos em perigo de chegar perto demais dos poderes que seriam para nós como a pura luz do sol nos olhos de um homem que ouse olhar para o disco solar durante o dia.

Encontramo-nos numa longa colunata e, no outro lado, os pilares suportavam uma viga que ia do pórtico ao interior do Templo em si. Mas sobre nós não havia teto, mas a amplidão do infinito – a abóbada dos céus, como vocês dizem. Os pilares tinham um diâmetro e peso grandes, e a viga de cima era muito decorada em sua fachada e nas bases dos pedestais, mas com símbolos que não conseguíamos desvendar. Somente um fator do padrão eu, pessoalmente, reconheci, e era a gavinha e a folha da videira, mas não havia a fruta, o que a mim me pareceu bem apropriado em tal lugar, já que era apenas uma espécie de passagem, como era o todo daquele Templo, de uma Esfera a outra, e não lugar de frutificação. No fim desta passagem longa e larga estavam penduradas umas cortinas, e paramos diante delas enquanto nosso guia seguiu adiante, retornando depois, convidando-nos a entrar. Quando passamos para além deste lugar, descobrimos que não estávamos no grande hall, mas numa antecâmara. Esta seguia o caminho e nós entramos, não em seu final, mas numa entrada lateral. Era muito amplo em área e também em altura, um quadrado estava aberto no meio do teto, bem em frente à porta por onde entramos. Mas todas as outras partes estavam cobertas por telhado.

Viramos à direita e fomos ao final deste ambiente, e então nosso guia nos fez parar diante de um trono ou cadeira e disse-nos tais palavras: “Meus irmãos, vocês foram chamados para cá para receberem ordens a fim de cumprirem um trabalho que lhes é requerido nas esferas ainda abaixo. Tenham a bondade de esperarem a chegada de nosso irmão, o Vidente, que lhes fará entender o que é requisitado de seu grupo.”

Enquanto estávamos ali esperando, chegou por trás da cadeira outro homem. Era mais alto que nosso guia, e em torno dele, conforme se movia, parecia haver uma névoa azul e dourada, enfeitada de safiras. Ele veio em nossa direção e deu-nos a mão, cumprimentando um a um, e enquanto tocávamos seus dedos tornávamos mais atentos (de acordo com o que conversamos entre nós depois) para a proximidade de uma esfera, dentro da Esfera Dez, que era uma espécie de essência concentrada de sua condição, de tal forma que, entrando na circunferência daquela esfera mais interna, estávamos em contato com tudo que estava sucedendo adiante em todo aquele amplo reino e em todas as suas partes.

Sentamos nos degraus abaixo do Trono, e o Vidente ficou diante de nós encarando o Trono. Ele nos falou de coisas sobre as quais eu não poderia fazer você entender totalmente, porque não é de sua experiência, e mesmo para nós eram fatos dos quais estávamos apenas avançando no entendimento. Mas então ele nos disse sobre algo que podemos dizer-lhe, que lhe trará proveito.

Ele nos disse que quando Jesus de Nazaré estava na Sagrada Cruz, ali estava, entre aqueles que O viam, aquele que O vendeu para sua morte.

Você quer dizer que ele estava ali encarnado?

Sim, na carne. Ele não poderia fugir nem ficar muito perto, mas ficou perto o suficiente para assistir aos fatos que aconteciam ao Homem que morria, o Homem da Tristeza. A coroa havia sido removida, mas as gotas de sangue estavam sobre Seu peito, e Seu cabelo estava aqui e ali endurecido pelo sangue. E quando o traidor olhou para a Sua face e seu perfil, veio à

sua alma uma voz que escarnecia dizendo: “Assim como você iria com Ele ao Seu Reino, ganhando ali um lugar elevado em poder, vá agora ao reino de Seu adversário: lá você terá poder de questionar. Ele lhe fez tombar. Vá agora aonde Ele não estará por perto para advertí-lo sobre como você serviu a Ele.”

Então vozes vieram sobre ele, e ele se esforçou por acreditar nelas e olhar para a face d’Ele na Cruz. Ele estava ansioso e ainda com medo daqueles olhos os quais nunca tinha sido capaz de encarar com conforto. Mas a visão do Cristo ao morrer estava obscurecida demais e Ele não viu Judas** ali. E ainda as vozes zumbiam sobre ele, escarneciam dele e adulavam-no mais gentilmente, e no final, na escuridão do lugar, ele correu dali e depositou sua vida num lugar onde ele encontrou solidão e uma árvore. Tirou seu cinto e pendurou-se à morte numa árvore. Assim os dois morreram num tronco, ambos no mesmo dia, e a luz da terra foi-se, dos dois, na mesma hora.

Quando entraram nas esferas espirituais, ambos estavam conscientes e lá encontraram-se mais uma vez. Mas nenhum falou ali – somente da forma que Ele olhou para Pedro, desse mesmo jeito ele olhou para Judas agora, e o deixou por um tempo em sua tristeza e angústia, até que isto fizesse efeito, quando então Ele viria novamente com seu perdão. Como fez com Simão, quando ele veio à noite para lamentar, fez novamente com Judas, que se virou e fugiu d’Ele com suas mãos nos olhos, para a noite dos infernos.

E do jeito que agiu com Simão em sua penitência e tristeza e necessidades pela dor, também agiu com aquele que O havia traído em sua solidão, como Simão fizera. Ele não o deixou sem conforto todos os seus dias, mas buscou-o e deu-lhe a bênção de Seu perdão na amarga angústia de sua dor.

Isto foi o que o Vidente nos disse, e ainda mais que isso. E pediu que ficássemos um pouco no Templo e na Capela, e meditássemos no que havia dito, e também para que ganhássemos poderes para seguirmos adiante com a história até o fim, contando-a – aos outros, como ele nos contou – onde quer que fosse necessário que pecadores escutassem-na, os que na escuridão do desespero tivessem perdido a esperança do perdão de seu Mestre traído, pois pecar é trair.

Mas de que maneira nossa tarefa foi cumprida falaremos em outro dia, porque você agora está exausto. E temos outras coisas a fazer em vez de fazer você ir tão longe.

Assim, possa o Salvador dos pecadores, o Piedoso, estar com todos os que estão na escuridão, irmão, pois há muitos na terra assim como em espírito que precisam dolorosamente de Seu conforto. Possa sua Graça estar com você também.

*O Templo do Monte Sagrado é descrito por Zabdiel no livro “Os Altos Planos do Céu”, Vida Além do Véu II.
** Judas Iscariotes

Terça, 18 de dezembro de 1917.

Daquele Lugar Elevado fomos para a sala de Audiência, onde recebemos as palavras do Vidente. Ele falou a nós com muito amor, mais do que eu lhe contei, e nos fortaleceu para a nossa missão. Fomos em direção ao Pórtico e paramos para ver a extensa amplidão diante de nós. Abaixo estava a planície gramada que se estendia para longe em ambos lados. Então elevavam-se as colinas em torno, delas rios desciam à planície e juntavam-se num lago ao nosso lado direito. À esquerda abriam-se, e além do portal, podíamos ver entre elas a montanha que se elevava entre a Esfera Dez e a próxima inferior. E enquanto ali permanecíamos, o Vidente ficou no meio de nós e, pelo seu poder que nos envolvia, pudemos ver o que estava além de nossa visão normal, e olhamos aquelas esferas que estavam na estrada que tínhamos que tomar. Brilhantes e menos brilhantes, elas desfilavam diante de nós, depois então a treva e ainda mais treva, até que penetraram em uma névoa na qual, de nosso lugar, não podíamos penetrar. Pois as maiores trevas eram as que estavam sobre a terra e abaixo daquele estágio, e de onde aqueles que vinham da terra tinham que subir, enquanto estes que, tendo vivido suas vidas em erro, vão por atração natural para baixo, aos lugares que mais lhes trarão benefícios. A estes lugares vocês chamam de Inferno. Bem, isto são, meu filho, se inferno significar angústia, tormento e remorso de alma.

Tendo pego nosso estoque de coisas e as especificações da tarefa que esperava por nós no trabalho que tínhamos adiante, ajoelhamo-nos e ele nos abençoou, e fomos embora. Tomamos o rumo da esquerda e viemos para além da abertura, lançando-nos em direção a nossa longa jornada. As primeiras poucas esferas foram transpostas por vôo aéreo, indo por cima dos picos das montanhas e sem descermos, até que chegamos à Esfera Cinco, onde ficamos um pouquinho de tempo, contamos nossa história nas palavras mais apropriadas, as quais ajudariam na resolução de alguma dificuldade que aqueles que lá habitavam tivessem em seu coração.

Antes de continuar, deveria dizer-me como sua missão foi recebida na Esfera Cinco, se puder.

Foi a primeira de nossa série de encontros e a primeira esfera onde nosso trabalho começou. Nós éramos os convidados do Chefe Senhor, o Governador daquela esfera, porque ele era também de um plano mais alto que a esfera Cinco, como é de costume. Mas ficamos no Colégio dos Pretores, que estão bem versados nos estudos das confusões surgidas nas mentes daqueles que permanecem ali, e que poderiam nos apontar onde procurar por temas para serem trabalhados e que pontos evidenciar em nosso ensinamento.

Estes agruparam-se em uma assembléia no Grande Hall do Colégio. Era um hall enorme e oval em sua forma, mas uma das pontas mais estreita que a outra.

Como uma pêra?

Mas esta é uma fruta de que havíamos nos esquecido, bem parecida, para descrevê-lo. Sim, era como uma pêra na planta baixa, mas não tão pontuda. As pessoas entravam pela entrada estreita, que estava sem cobertura abaixo do grande Pórtico do prédio. A tribuna estava eqüidistante à outra ponta e das paredes esquerda e direita. E aqui nos sentamos. Tínhamos um cantor conosco, e ele primeiramente deu voz a um ar muito magnético, o que fez a propósito. Ele começou a cantar baixo, e seu tema era a Criação. Ele nos contou no ritmo daquelas coisas – algumas das quais já lhe contamos – de como o Máximo projetou Seu poder, o amor primeiro nasceu, e foi de uma doçura tão perfeita que os Filhos de Deus banharam-se em amor, e do seu contato veio a beleza. Assim é porque toda a beleza é amável, e todo o amor é simples e puro, e em qualquer fase em que se manifeste, é cheio de beleza. Mas quando a vontade daqueles que deviam agir e cumprir a sua parte no desenvolvimento do Reino do Ser opôs-se à principal corrente da Beleza impulsionada pelo amor, então resultou num pequeno destacamento que, tendo nascido de um ato de querer não consonante com a santidade original, foi envolvendo seres que eram belos, mas não completamente, e no seu ímpeto, uma vez misturados com a eterna corrente do caos desenvolvendo-se, ali também evoluíram outros que eram menos e menos belos, mas nenhum deles com falta completa de beleza, num estilo obscuro, muito encoberta e escondida aos olhos dos que continuaram na estrada ampla numa fila reta para baixo, vinda de sua fonte.

Assim ele cantava, e o grande número das pessoas estava muito atento e ouviam suas palavras, pois a música delas parecia vir de onde a beleza e o amor nasceram, e as palavras eram tais que mostravam que o Supremo e o Máximo era Único e não diverso em Si, e que a diversidade que veio só era permitida que existisse por seu sustento, onde a oposição pode ser encontrada sendo expressa em multiplicidade, podendo ser elevada para mais alto e em direção à Unidade uma vez mais.

Bem, tendo ele acabado, um grande silêncio caiu sobre eles e estavam ainda imóveis. Moveram-se ligeiramente, e aqueles que tinham ficado em pé assim continuaram, e aqueles que tinham se sentado em bancos e tamboretes permaneceram assim, silenciosos, e aqueles que se reclinaram no chão, assim continuaram. Eu notei isto, que ninguém alterou sua posição e lugar, porque a letra da música com sua origem longínqua é de grande poder de elevação, e então pulsações de vida e energia envolveu-os e os fez tentar analisar tudo no foco atual do ambiente e da ciência cósmica.

Em um instante eu, que devia falar a eles, comecei. O cantor começara num tom baixo e doce, mas conforme as eras começaram a trabalhar no nascimento dos mundos, sua voz elevou-se em timbre, e as elevações potentes de energia e força pareciam estar na sua alma e saíam dela num intenso e emocionado volume. E então, quando o caos estava moldando a si

próprio para tornar-se o Cosmos em múltiplas emanações do pensamento único do Criador, o imponente ritmo de sua voz e das frases, em seqüência ordenada e progressiva, gradualmente equilibrou-se num nível, até que terminou numa tonalidade só, parecendo querer deixar em suspenso no meio do Céu para mostrar que o processo das eternidades havia apenas começado e ainda não terminara.

Então eu parei, antes de falar em seguida, para dar a eles tempo de agruparem seus pensamentos, para armarem-se, tirá-los para fora da nuvem luminosa no ar a envolvê-los como um capote, já que eu podia ver e notar o que cada um sentia em seu coração, e entendia seu caráter, seus desejos e o que eu poderia dar de melhor para ajudá-los.

Então comecei, e falei a eles todos juntos, mas a cada um por sua vez, e ainda a todos, continuamente. E contei-lhes da re-assembléia daquelas diversidades e o ajuntamento das centelhas de amor espalhadas num único grande sol de beleza, que deveria absorver e dar em retorno o brilho e a luz do Máximo Que é todo Amor, Que é todo Beleza. Assim falei-lhes do traidor Simão e do traidor Judas, e do arrependimento deles; o do primeiro em sua vida na terra, onde viveu seu pequeno inferno para bom propósito, no qual o remorso de milhares de anos foi resumido num mês de dias, e clamou o que era seu, que era, como é até hoje, perdão e recolocação na família ordenada do Pai. E também lhes disse daquele outro, cujo arrependimento não viera até o Qual apunhalara, tão apressadamente em seu frenesi de desespero, vendendo-o para a morte, e de como ele, ainda com pressa, sempre desesperado, lançou-se para fora do mundo onde nada aconteceu como ele planejara; e como ele não se arrependeu até que o Cristo Manifestado, Jesus de Nazaré, foi até ele e os outros, naquelas ravinas de montanhas escuras do inferno, como se vai atrás de uma ovelha perdida, e falou a eles que lá habitavam na treva e na escuridão tangível da Redenção sendo forjada, oferecida e aceita por Ele Que é Luz e Amor, e Que, através do Ungido, projetou suas irradiações de amor para o espaço vazio da imensidão, de medida além da compreensão, e também para aqueles mesmos infernos escuros. E conforme olhavam, seus olhos não conseguiam ver a primeira luz que muitos viam em muitos, muitos anos, tão acostumados que estavam com a longa noite, esquecidos do que seria a luz e de como ela era. Mas Ele estava vestido com uma radiação pálida, suave e doce, adaptável para ser vista por eles naquele presente estado, e um, depois outro, todos se ajoelharam a Seus pés, e suas lágrimas caíam como se fossem diamantes de orvalho à luz, à medida que recebiam a luz d'Ele. E eu lhes disse que no meio destes viera o traidor Judas e ele estava perdoado, da mesma forma que Simão fora mais tarde comunicado de Seu perdão amoroso também.

Assim, meu filho e amigo, eles escutaram e começaram a ver como eu estava falando-lhes das conseqüências da chegada a uma harmonia com Deus, Seu Amor e Soberania, daqueles que saíram do caminho da obediência a Ele, os que têm sido autores frutíferos de muitas confusões que perturbaram os filhos dos homens.

Então terminei em silêncio, e em silêncio deixamo-los ali, e saímos pelo hall e do colégio e continuamos a nossa jornada. E assim fizemos, e os pretores despediram-se de nós com palavras gentis de gratidão, ao que respondemos com nossas bênçãos. Assim, partimos dali.

Quarta, 19 de dezembro de 1917.

Chegamos suavemente e sem pressa, porque começamos a chegar perto daquelas regiões onde não nos sentíamos muito à vontade por estarmos ali, até que pudéssemos sintonizar nossas condições às deles. E assim, finalmente, chegamos à Terra do Umbral, onde inicia a Esfera Dois, como é considerada a partir de sua terra, a qual numeraremos zero, para o propósito de demarcação.

Líder, antes que continue, poderia fazer-lhe uma pergunta? Não foi na Esfera Cinco que você permaneceu um pouco mais tempo que nas outras, porque teve algum problema que o manteve ali? Quero dizer, no período mais anterior, no de sua subida?

Você gostaria que eu lhe explicasse o que me aborrecia e que me prendeu ali um tempo a mais. Foi isto.

Eu sabia que todos os homens vêm finalmente a entender que Deus é o Senhor, e isto todos os que vinham d'Ele diziam aos que estão afastados de Seu Trono e Santuário. Então, se fosse assim, por que havia tantas miríades deixadas para trás nas esferas mais escuras, onde a miséria e a angústia surgiam e pareciam desmentir todo o amor, pleiteando sua presença universal?

Este era o meu problema. Era o antigo ponto crucial da existência do mal. Bem, eu não podia entender nem reconciliar estas duas forças oponentes, quando apareciam na minha mente. Se Deus era Todo-Poderoso, por que, então, permitiria Ele que o mal existisse, mesmo que por um momento e no menor grau?

Por muito tempo pensei isto, e fiquei muito preocupado por causa da desconfiança que veio de tal contradição no Reino de Deus e que me levou embora toda a fé em seguir em direção a estas vertiginosas alturas para frente, para que não perdesse meu equilíbrio e me machucasse dolorosamente pela queda nos precipícios mais profundos que até então havia conhecido.

Finalmente eu estava pronto para a ajuda que sempre nos é dada em seu tempo certo. Mesmo eu não sabendo, fui controlado em meus raciocínios todo o tempo até que amadureci para o esclarecimento, e então a visão que me foi dada varreu todas as minhas dúvidas para o esquecimento, nunca mais voltando a me perturbar novamente.

Um dia, como vocês diriam, eu sentei sobre uma encosta forrada de pequeninas flores vermelhas, sob uma espécie de caramanchão formado por árvores. Eu não estava pensando na minha principal confusão, pois tinha mais coisas em que pensar, mais prazerosas que esta. Estava bebendo toda aquela beleza da floresta - suas flores, folhas e pássaros, e as músicas que eles cantavam um ao outro - quando me virei e vi sentado ao meu lado um homem de aspecto grave e muito amável. Seu manto era de rica púrpura e abaixo dele usava uma túnica de tecido através do qual podia ser visto seu corpo brilhando como o sol refletido do centro de um cristal. A jóia de seu ombro era de um verde profundo e violeta. Seus cabelos eram castanhos, mas a cor de seus olhos não é conhecida de vocês.

Assim ficou lá, sentado e olhando para adiante dele, e eu olhando para ele e seu grande amor por um longo tempo, e então disse ele, "Meu irmão, este local é muito aconchegante e agradável para se descansar, não acha?" E eu respondi, "Sim, meu Senhor, " porque não tinha mais palavras que aquelas.

"E ainda assim," disse ele, "é um berço de flores isto que você escolheu para se apoiar." E para aquilo não pude dar nenhuma resposta. Então continuou, "Pense bem, amigo, estas pequeninas belezas vermelhas da família das flores que estão repletas de graças e de vida germinando, exatamente como as crianças, foram feitas para tal propósito como este ao qual lhes propomos?

E tudo o que pude responder foi, "Não havia pensado nisto, senhor."

"Não, é como a maioria de nós, e é estranho também se olharmos o que somos, cada um de nós, emanações do Um Que está pensando o tempo todo, e Que nada faz que não esteja em concordância com a razão. E é no oceano da Vida d'Ele que nadamos de era em era, nunca fora dele. É estranho como podemos atuar sem raciocinar, nós que somos filhos de um Pai como Ele."

Ele parou um pouco, e eu enrubesci envergonhado. Mas sua voz e suas maneiras não eram severas nem um pouco, mas gentis e cativantes, como uma babá cuidando de um homem. Mas comecei a pensar agora, se não antes. Aqui eu estava, espremendo pelo peso de meu corpo, todo descuidado, estes pequenos botões que eram tão bonitos, tão cheios de vida, e ainda assim tão desamparados em seu submisso amor. Então finalmente disse, "Vejo o alvo de sua flecha, senhor, e o senhor atingiu profundamente. Não é bom que nos sentemos mais aqui, pois esmagamos estas pequenas flores com o peso do corpo."

"Então, levantemo-nos e caminhemos juntos," ele disse. E assim fizemos.

"Freqüenta muito esta trilha?" perguntou ele, conforme íamos andando lado a lado.

“Este é o meu passeio favorito,” contei a ele. “É para cá que venho sempre, para pensar nos temas que me perturbam.”

“Sim,“ disse ele, pensativo, “esta é uma esfera de confusões, mais que as outras. E, vindo até aqui, você sempre se senta em algum lugar e raciocina sobre as coisas - ou prefere pensar no íntimo dos problemas, penso eu. Mas deixemos isto de lado. Onde você sentou da última vez que veio para cá a pensar?”

Ele parara para fazer a pergunta, e eu apontei a encosta diante dele e disse, “Foi aqui que sentei quando vim para cá na última vez.”

“E foi recentemente?” perguntou; e eu disse, “Sim.”

“E mesmo assim,” disse ele, “não vejo marcas da forma de seu corpo no musgo ou nas flores. Rapidamente se recuperaram de qualquer pressão que tenham sofrido.”

Pois é assim nestes reinos. Não é assim na terra. Estas flores e musgos e o gramado rapidamente recuperam sua aparência e é difícil, mesmo ao levantarmos, de ser percebido onde nos deitamos. É da Esfera Cinco que falo. Não é assim em todas as esferas, e menos ainda nas perto da terra.

Mas ele continuou, “Ainda isso é concernente ao Criador de Tudo, igual em valor e avaliado como as feridas das almas dos homens. Porque qualquer que seja o Seu trabalho, é Seu sem dúvida, e apenas Seu. E agora venha, irmão, e vou mostrar-lhe o que não tem sido capaz de ver por falta de fé. Você agora começa a duvidar da sabedoria de sua própria imaginação, e nesta dúvida reside o núcleo da fé na bondade d’Ele, Cujo Reino é Amor, e a Luz deste Reino Sua Sabedoria.”

Então ele me conduziu por um atalho da floresta para uma colina, que subimos até que ficamos mais altos que o topo das árvores abaixo, e eu olhei para a paisagem longe dali. E enquanto eu olhava, vi, na longínqua planície além, o templo da esfera, e ali se elevaram através das aberturas do teto, luminosos fios de luz, e estes uniram-se em um só, sobre a cúpula central. Estes fios eram emanados pelos exercícios espirituais daqueles que ali se encontravam.

Ao final, ali se levantou no meio da neblina a figura de um Homem, Que subiu até que se pôs acima de tudo. Era a figura do Cristo, todo vestido de branco. A vestimenta que Ele usava vinha dos Seus ombros até Seus pés, mas não os escondia. E enquanto Ele ali estava, um matiz róseo começou a emanar de Sua roupagem, e isto aprofundou em tonalidade até que, finalmente, Ele estava ali totalmente envolvido em um carmim profundo, e sobre sua testa um círculo de rubis vermelhos como sangue, e Suas sandálias em Seus pés eram enfeitadas de rubis também. E quando ele manteve suas mãos estendidas, vi que em cada palma uma pedra vermelha cintilava, e eu soube o que aquela visão significava para mim. Ele fora amoroso em Sua pureza. Mas agora Ele brilhava com amor vermelho, e enriquecido em beleza tão profunda que me fez suspirar em êxtase enquanto olhava para Ele.

Aí, à medida que olhava, sobre Ele se formou uma nuvem dourada, cravejada de esmeraldas e safiras. Mas atrás d’Ele, vinda por sobre Sua cabeça até em baixo, uma profunda e ampla faixa vermelho-sangue. E outra faixa, de igual profundidade de cor, cruzou a faixa de cima atrás d’Ele na altura de Seu peito, e Ele permaneceu diante disto no esplendor total de Seu colorido.

Lá fora na planície abaixo, vimos pessoas tentando obter uma visão desta glória. E ali, sobre suas faces e suas roupas brilhava uma luz projetada de Seu corpo, e parecia uma inspiração de algum chamado de sacrifício e de serviço que necessitava de fé para ser levado adiante, já que estes que se ofereceriam para o trabalho deveriam seguir e sofrer, ainda que sem saber no total os mistérios do sofrimento. Mas havia muitos que se ajoelharam e inclinaram suas cabeças à terra em resposta, e estes Ele tomou, e disse-lhes que se encontrassem com Ele no Templo e Ele lhes daria sua palavra de missão. Então Ele desapareceu abaixo, através da cúpula, para dentro do prédio, e não O vi mais.

Eu havia me esquecido do homem ao meu lado, nem pensei na sua presença por uns tempos depois que a visão terminara. E então virei-me e olhei para ele, e vi que em sua face

sofrida haviam sido traçadas muitas e profundas linhas. E não eram do presente, mas do passado, e apenas o faziam parecer mais amável no crepúsculo.

Mas não pude falar com ele, apenas fiquei ali, em silêncio. E então ele disse, “Meu irmão, eu vim de um lugar muito mais brilhante que esta esfera sua, para trazer você até aqui, para que visse o Homem das Tristezas em Sua glória. Estas tristezas ele quis, deliberadamente, tomá-las a si e fazê-las Suas. Sem elas, iria faltar-lhe aquele Amor que é Seu, hoje em dia. E estas tristezas que dão a Ele tanta bondade são aquelas que, em seu estado cru e sem desenvolvimento, inundam a terra com dor e os infernos com tormento. Estas são apenas para o momento, para cada um que passa em baixo de sua sombra. Não podemos penetrar, meu irmão, em toda a grandeza do Coração de Deus. Mas podemos, como até mesmo agora foi feito, obter de vez em quando relances de lucidez brilhando sobre tudo, e então somem da confusão seus mais sinistros aspectos, e a esperança ressurge até que um dia possamos ser capazes de entender melhor.

“Mas até que aquele dia venha para mim, estou contente em saber que Ele, Que veio do Coração do Pai, veio branco e puro e, com firme propósito, encarou sua tarefa, onde Seu caminho estava, entre as nuvens túrgidas de pecado e ódio que se agruparam sobre o planeta terra. Não, aos infernos profundos Ele foi e buscou aqueles que lá sofriam, e por causa da angústia deles Ele sofreu também; portanto o Homem das Tristezas retornou aos Passos do Trono de Seu Pai, Sua tarefa cumprida. Mas Ele não fez Seu retorno da maneira como Ele havia ido. Ele foi branco em pureza e santidade. Retornou novamente carmesim, o Príncipe Lutador e Conquistador. Mas o Sangue que Ele derramou não foi de outro, mas somente o Seu. Estranha guerra esta, e nova na história do mundo, em que o conquistador encontrando seu inimigo deveria virar a lâmina em direção ao seu próprio peito, e ainda assim chegar a conquistador pelo sangue derramado.

“Assim, acrescentando estes rubis à Sua coroa, e à sua pessoa a tinta rósea do sacrifício, Ele retornou mais belo de que quando se foi. E agora a tragédia de Sua Descida à matéria é apenas como a pressão momentânea do musgo no qual você, sem pensar, se deitou, e o qual está sem estragos em seu perene vigor de crescimento e florescência.

“Ele, vindo até aqui daqueles elevados reinos de Luz e Poder além de nossa imaginação, Ele nos diz da grandeza do sacrifício de si - Ele é minha comprovação da boa sabedoria de Deus.

“Como pela tragédia do pecado e do desespero das rebeliões do Inferno - bem, eles que trilharam aqueles caminhos escuros trazem algo de volta, também. Por causa do amor, Ele e Seu Filho mostraram, ao trazerem da escuridão aqueles que haviam se desviado do caminho da obediência e buscaram outros comportamentos em Si, que alguma coisa lhes foi acrescentada que lhes é preciosa e doce, já que os conduz para mais perto d’Ele. Sim, meu irmão, você um dia entenderá mais um pouco desta sabedoria. Seja paciente até então. Será um longo tempo até que possa chegar a entender. Não virá a você tão prontamente, nem tão cedo, como aconteceu comigo, penetrar nesta profunda miséria, porque você não afundou nestas profundas cavernas de remorso e agonia. Mas eu já habitei ali, vim por este caminho.”

Quinta, 20 de dezembro de 1917.

Então chegamos à Esfera Dois, e encontramos o lugar onde a maioria se reunia, porque desde que lá estive, mudanças processaram-se, então tive que me esforçar em renovar meu conhecimento dos caminhos e dos modos de se chegar a eles. Porque você sabe, amigo, que nestas esferas mais próximas da terra há mais mudanças nas menores coisas que nas esferas mais remotas e mais evoluídas. Na esfera Dois, o progresso do conhecimento terrestre e da intercomunicação das pessoas é sentida em seu desenvolvimento de geração a geração, porque uma esfera intervém mas pouco as modifica, e as maneiras terrenas de se pensar e os preconceitos ainda têm muita influência naquela esfera, cuja influência é gradualmente neutralizada conforme se atravessam as outras esferas. Mesmo nestas mais evoluídas permanecem traços destes fatos, mas não tão intensificados que cheguem a prejudicar o desenvolvimento, nem perturbar a Irmandade dos Filhos de Deus. Elas se tornam, estas diferenças na vida terrestre, variedades de tipos que acrescentam em interesse e charme de uma Esfera como a Sete e mais para a frente. Não há mais a mácula da divisão, nem a depreciação de outras opiniões ou credos. Estes que já atingiram tal distância na luz,

aprenderam pela luz a ler as lições escritas no Livro dos Atos de Deus, e há apenas um Livro de Todos que falam uma única língua, e lá são todos de uma grande família do Pai. Não como na vida terrestre, fora de uma tolerância meramente passiva e constrangedora, mas na cordial cooperação no trabalho e na amizade - única no amor.

Mas agora falamos da Esfera Dois e de nossos afazeres ali.

Ali as pessoas estavam agrupadas em turmas, conforme lhes agradava a escolha. Alguns buscaram consorciar-se com os da mesma raça. Outros grupos foram formados com aqueles a quem o Credo tinha apelo mais forte que o sangue. E mesmo círculos políticos não estavam ausentes. E alguns destes grupos de vez em quando participavam da assembléia de outros grupos que eram em parte de sua mesma opinião. Um Muçulmano faria uma visita amigável a um grupo de socialistas internacionais, ou um imperialista ficaria apartado daqueles que adoram a Deus de acordo com a fé cristã. Muita diversidade havia ali nos agrupamentos de pessoas. Mas na maior parte permaneciam e continuavam na mesma fé que sempre tiveram, e no grupo de mesma opção política e no de mesmo sangue.

Mas a chegada de uma missão da Esfera Dez foi logo sabida por toda a região, pois não permanecia tanta amargura neles que chegasse a dividi-los como na vida terrestre, e havia muita boa vontade ali. Eles estavam aprendendo a lição como nós aprendêramos em tempo passado, portanto, por parecerem um pouquinho lentos no começo em agruparem-se todos juntos em geral, dissemos que assim devia ser, se quisessem nos ouvir, porque nós não poderíamos falar aos grupos, mas apenas a uma assembléia de todos, como se fossem um.

Então eles chegaram e ficaram agrupados onde pequenas colinas e elevações de relva estendiam-se de um monte, não muito alto mas mais alto que os outros em torno. Nós ficamos na encosta de uma colina, na metade da subida, onde podíamos ser vistos por eles todos, e atrás de nós havia uma rocha de grande tamanho e lisa em sua superfície.

Então oramos ao Pai Único juntos, e nos sentamos na rocha, e um dos nossos, que estava mais em contato com eles desta esfera, falou-lhes. Ele era da Esfera Sete, mas foi elevado à Décima para receber conosco esta ordenança e a força para o caminho.

Ele já tinha grande habilidade em discursar a agrupamentos, e elevou sua voz e espalhou-a sobre toda esta gente dispersa, diversa em coloração de vestimenta tanto quanto na opinião do que é a verdade. Sua voz era forte e doce, e assim também a essência do que falou.

Abaixo no plano da terra habitava uma família, que estava dividida em muitas seções, e, vendo os males de tais divisões, apareceram muitos que os aproximariam mais uma vez. Mesmo nesta esfera dava para ser observada a mesma teimosia orgulhosa que diz: “Minha raça e o meu credo são mais perante os olhos do Pai que as outras raças.“ Foi pela razão de que isto deveria ser desfeito para que o progresso pudesse ser liberado e desimpedido, que os trouxemos juntos como uma só família, para enviar a mensagem que recebemos do Único Pai, através do Único Cristo.

Ao ser dito isto, houve algum desconforto entre eles, mas não foi dita nenhuma palavra entre eles, pois quando viram que nosso brilho era além do deles, eles tomaram muito cuidado, sabendo que um dia nós chegamos a pensar como eles pensavam agora, e que somente pelo abandono de algumas de nossas opiniões, e com a remodelação de outras, é que nós pudemos ser de formas e faces mais brilhantes que as deles. Por isso deram atenção ao nosso orador.

Ele deu uma ligeira pausa, e então retomou seu tema novamente: “Agora ouçam-me pacientemente, meus companheiros peregrinos na estrada real do progresso para a Cidade do Esplendor de nosso Rei. No Calvário havia três cruzes, mas apenas um Salvador. E havia três homens, mas somente Um que podia fazer a promessa de um lugar no Reino, porque somente um dos três era Rei. E apesar da escuridão cair, e com a escuridão chegar o repouso, ainda somente Um ali podia dormir - e vocês raciocinaram, por quê? Foi porque nenhum outro ali era tão meigo em sua compaixão, nem de amor tão grande, nem de espírito tão puro, para poder entender o propósito do Pai em criar o homem à Sua semelhança, e as tremendas forças que surgiram através das eras para desmanchar o reino e a família de Deus. Foi o conhecimento da magnitude daquilo, longamente sustentado pela guerra e o esmagador fardo do ódio do inimigo

que O cansou, tão extremamente que Ele se sentiu sonolento. Na matéria Ele foi examinar as profundezas da divergência do Maior. Agora ele deixou o corpo material e começou Sua ascensão em retorno aos Elevados Lugares mais uma vez. E Seu primeiro cativo foi aquele que suplicou com Ele no Tronco, e outro foi aquele que por trinta dinheiros deu seu Senhor à morte. Aqui, então, há uma estranha trindade de pessoas. Assim, como na outra Trindade os Três encontram Unidade, nestes três a unidade deve ser encontrada.

"O ladrão buscou o Reino do Cristo, e Judas havia buscado o reino do Cristo, e o Senhor havia procurado e encontrado que Ele devia apresentá-lo ao Pai. E somente Ele havia encontrado o que viera procurar. Pois o ladrão não chegou a entender que o Reino não era somente da terra até que viu diante de seus olhos mortiços a face real do Único que estava justamente no limiar do espírito. O outro, o Traidor, não achara aquele reino até que passou através do portal em direção da escuridão, sem olhar o Rei na emergente Beleza de sua graça natural. Mas Ele, Que veio e encontrou explicado de que espécie é o reino, era quem o Pai aprovaria. Era dos dois, da terra e dos Céus. Estava neles enquanto encarnado. Era adiante que eles estavam indo. Assim isto uniu os Céus e a terra, como foi no começo das coisas, quando da Mente de Deus vieram a terra e os Céus.

"E assim falei a vocês e peço que considerem cada um como seu irmão. Considerem a diversidade destes três nos troncos do Calvário; ou estes Três, o Um Perfeito e Seus dois redimidos no começo de sua vida triunfante. Ainda eles mostram que a vontade de Deus é esta, de um lado a outro da terra, todas as pessoas de todos os graus devem ser uma só no Cristo, e uma n'Ele, Que é maior que Seu Cristo. Portanto agora peço que encontrem entre vocês qualquer diversidade como aquela entre Jesus de Nazaré e o Iscariotes, ou uma das que têm em mãos. E pensando assim, meus irmãos, verão que Ele, por Cuja sabedoria permissiva os homens dividiram-se, deverá trazê-los mais uma vez para Casa nos Céus de Sua Glória, pois a maior de todas as Suas glórias é a glória de Seu amor, e o amor une o que o ódio dividiria.

Noite de Ano Novo, 1917.

De nossa descida até aqui falamos resumidamente, mas agora chegamos a estas esferas onde a luz torna-se mais obscura, e de onde não falaram muito aqueles que vêm à terra para mostrar aos homens o que espera pela humanidade quando cruzam a fronteira e tornam-se vibrantes com a curta vida, enquanto ela pulsa nestes reinos do espírito. Portanto agora deveríamos ser mais discursivos por aqueles que poderiam atingir um conhecimento equilibrado do que é da luz ou da sombra; e aqueles que são mais fracos, e aqueles que desejam e precisam da leveza da alegria e do belo, que possam voltar e deixar que atravessemos o abismo sozinhos, esperando pelo nosso retorno às esferas onde a luz domina sobre tudo e pouca sombra há que macule a justiça da vida em torno.

Assim, tendo passado através daquela área onde as pessoas passam ao sair da terra, e da qual já falamos resumidamente, passamos aos reinos mais escuros. Agora sentimos a pressão na alma aumentando, sendo necessário um coração forte e cautela nos passos para o combate. Porque você notará que nós não estávamos procurando aquele método pelo qual os mais elevados podem sustentar seu contato com aqueles da escuridão, sendo invisíveis a eles. Estávamos nos condicionando, como até aqui, ao ambiente das esferas inferiores à nossa, assim como a esta, de estado ainda mais baixo, para que ganhássemos corpo, ainda que sem dúvida não tão denso e bruto como os dos habitantes propriamente, mas mesmo assim bem próximo disso para, de vez em quando, sermos visíveis a eles se desejarmos, e rapidamente, e mesmo para que pudessem, em algumas ocasiões, estar conscientes do nosso contato com eles e que eles mesmos possam nos tocar. Então fomos bem vagarosamente e andando, e o tempo inteiro inspirando a condição que nos era ambiente para este mesmo fim e propósito. E desta forma também atingimos algum sentimento de simpatia entre os que nossos trabalhos agora iriam iniciar.

Há uma região que está sempre no crepúsculo, mas termina numa descida íngreme, cujo final está na escuridão. Enquanto estávamos ali para vermos, observamos através do vale profundo que parecia estar preenchido com trevas tão densas que não podíamos penetrar de onde estávamos, na luz. Sobre este oceano escuro de névoa e vapor, uma luz parada ali permanecia, mas não podia afundar muito abaixo da superfície, de tão denso era este oceano. E abaixo dele tínhamos que ir.

A Ponte da qual sua mãe falou a você atravessa diretamente sobre o vale e as terras de elevação mais baixa além. Aqueles das profundezas que galgam aquele lado, descansam ali por um período até irem até o fim, mais para adiante, e atravessarem o grande caminho até aqui deste lado. Há casas de repouso aqui e lá ao longo do caminho onde eles, que estão fracos demais para continuarem a jornada ao primeiro estágio, podem ficar e se refrescar de vez em quando. Porque mesmo depois de atingirem a Ponte, a jornada para atravessá-la é dolorosa, já que do lado deles o que vêem é escuridão e treva de onde lentamente devem sair, e ouvem o lamento daqueles companheiros temporários que ainda permanecem lá embaixo, no caminho do vale da morte e do desespero.

Nosso propósito não era atravessar a Ponte, mas fazer nossa descida às profundezas deste lado.

O que está além das "elevações mais baixas" de que você falou, e que se encontra na extremidade do Caminho?

O Caminho está no cume não tão alto quanto o Plano de repouso que leva às regiões de Luz. Este é um cume baixo, e corre paralelo ao precipício onde a outra extremidade da Ponte daqui desemboca. Então aquele cume fica parecido com uma montanha, alongada e ovalada em forma, com o vale abaixo e entre ele e o Plano de Repouso. Além dali está uma vasta planície no nível do final do vale, mas de superfície desigual e com rachaduras em cavernas e desfiladeiros, além dali mergulha-se para regiões ainda mais baixas, com a escuridão ainda mais profunda. É o cume da montanha que eles se esforçam por atingir, para atingirem a Ponte daquele lado. O cume da montanha é pequeno somente comparado à vastidão da região como um todo. Mas é tão grande, sem lugar para paradas, que muitos ali se perdem e voltam ao vale novamente. Depende do grau de visão dele, que por sua vez depende em tamanho da intensidade de seu arrependimento e desejo pela vida melhor, o quão próximo estará achar o caminho de saída.

Então ficamos ali um pouco e ponderamos, e virei-me aos meus companheiros e disse: "É um lugar escuro, meus irmãos, e não nos chama com doçura. Mas lá está nosso caminho, e temos que fazer o melhor que podemos para cumpri-lo."

E um deles respondeu: "Sinto a frieza do ódio e do desespero do fundo da cova. Não podemos fazer quase nada neste oceano de angústia. Mas o pouquinho que pudermos não pode esperar, porque enquanto esperamos, eles sofrem."

"Estas são palavras boas de serem ditas," respondi-lhe, "e estão de acordo com Ele que veio antes de nós. Nós O estamos seguindo em Sua Luz. Vamos à escuridão, por isto, também, que é d'Ele, desde que Ele clamou como Seu em Sua vinda."

Desta forma pegamos a estrada para baixo, e quanto mais íamos adentrando a escuridão, foi ficando cada vez mais escuro, e o frio cada vez mais tenebroso. Mas sabíamos que fomos para ajudar, e não deveríamos temer, então não hesitamos em nossos passos, mas fomos cautelosamente, e olhando por este caminho e aquele à direita, porque a nossa primeira parada era um pouquinho à direita de nossa descida, e não entre o Plano de Repouso e o Cume, e era numa colônia daqueles que estavam cansados por tudo aquilo que suportaram na vida de mortos, e ainda para aqueles que agora estão sem forças para recomeçar, ou sem o conhecimento de qual caminho tomar se saíssem do atual ancoradouro de desespero. Conforme descíamos, nossos olhos acostumavam-se à escuridão, e podíamos ver sobre nós, como numa noite alguém pode ver a região fora da cidade pelas chamas avermelhadas nas torres de observação dali. Vimos que havia ali muitas construções em ruínas, algumas agrupadas, outras solitárias. A decadência estava em tudo. Parecia-nos que jamais alguém conseguira construir algo inteiro, uma vez que tudo caía em ruínas. Tendo sido construído, abandonavam para construir em outro local ao primeiro sinal de uso, ou, tendo cansado daquilo antes que estivesse terminado, largavam para construir outra. Desânimo e desejo de resignação estavam dominando o ar – o desânimo do cansativo desespero e o desalento da dúvida, ambos com sua força própria e a da intenção dos próximos.

Havia árvores também, algumas muito grandes, e estas com folhas nada graciosas, porque as folhas eram de um verde escuro e amarelo, e espigadas com bordas dentadas, como se elas também tomassem o aspecto da inimizade em relação àqueles que moravam

perto delas. Aqui e ali atravessávamos cursos d'água com pouca água e cheios de pedregulhos e pedras afiadas, e a água era pegajosa e fedida pelo lodo. Até que finalmente chegamos a ver a colônia que procurávamos. Não era uma cidade, mas um agrupamento de casas, algumas amplas, outras pequenas. Eram espalhadas, aqui e ali, e não ordenadamente. Não havia ruas na cidade. Muitos moradores estavam em palafitas, ou num par de lajes de pedras para formar um abrigo. E havia fogueiras nos espaços abertos para dar luz aos habitantes. Em torno delas, muitos grupos estavam reunidos, alguns sentados em silêncio olhando as chamas, outros brigando barulhentos, outros esbravejando em sua raiva, uns aos outros.

Assim nos aproximamos, e encontrando um grupo silencioso, ali ficamos, esperando e olhando para eles com muita piedade nos nossos corações pela desesperança de espírito. E, olhando-os, demo-nos as mãos e agradecemos ao Pai por ter nos dado este trabalho para fazer.

Quinta, 3 de janeiro de 1918.

Quando nos aproximamos do grupo, eles estavam sentados ou deitados em volta do fogo flamejante num silêncio mal-humorado. Agora estávamos atrás deles e nenhum nos olhou. Se o tivessem feito, não nos teriam visto, seus olhos não estando sintonizados ao nosso estado, que não era muito diferente ao deles neste grau. Então nos demos as mãos e gradualmente nos fizemos visíveis; nesta hora eles, um ou outro deles, começaram a levantar-se, sentindo-se mal, sentindo alguma presença que não estava sintonizada com eles. É sempre assim, e sempre o mesmo sentimento de irritação e intranqüilidade, quando começam a ansiar por algo, o que os segura de volta freqüentemente. O caminho para cima é sempre árduo, cheio de dificuldades e ocorrência de falhas. A recompensa é bem merecida no final dela. Mas isto eles não sabem muito claramente, e o que realmente sabem é pelo que contam aqueles que vêm a eles como nós fizemos então.

Finalmente um levantou e olhou intranqüilo acima dele para a névoa e a escuridão. Ele era alto, magro, de juntas e membros deformados, torto e inclinado, e sua face era dolorosa de se ver, tal a falta de esperança e tanto desespero tinha, através de sua face encontramos expressão. Então ele veio em direção a nós em seu andar cambaleante e ficou a algumas jardas de distância olhando inquisidoramente para nós. Sabíamos que, apesar da escuridão, podíamos ser vistos pelo menos por aqueles que moravam naquele lugar escuro.

Assim, dei um passo à frente e disse: "Você parece muito cansado, meu amigo, e com a mente muito perturbada. Podemos ser amistosos de alguma forma?" E então ouvimos sua voz. Parecia um estertor vindo de um túnel subterrâneo, tão estranha era. Ele disse: "Quem podem ser vocês? Há mais de um, porque vejo alguns atrás de você. Vocês não são vizinhos destas terras. De que plano vocês vêm, e por que vêm a um lugar escuro como esse?"

Olhei para ele mais intensamente agora, pois mesmo naquela voz fantasmagórica pareceu-me encontrar algo familiar para mim ou, pelo menos, não estranho de todo. E então eu soube. Ele e eu moramos perto um do outro na terra. Sem dúvida, ele era o magistrado na cidade perto de minha casa, então eu disse seu nome, mas ele não se moveu, como que esperando o que fazer. Olhou para mim confuso, nada compreendendo, então falei o nome da cidade, e aí o nome de sua esposa, e ele então finalmente olhou para o chão e pôs sua mãos na cabeça tentando puxar pela memória. Primeiro lembrou o nome de sua esposa, e olhou para minha face, repetindo-o de novo e de novo. E então eu disse seu nome mais uma vez, e então ele captou-o de meus lábios rapidamente e disse "Sim, eu lembro – eu lembro. E o que aconteceu a ela? Você me trouxe notícias dela? Por que ela me deixou assim?"

Disse-lhe que ela estava numa esfera mais elevada, e não poderia vir até ele até que ele começasse sua jornada de subida, em direção à casa dela. Mas ele só me compreendeu pela metade. Nestas esferas escuras eles ficam tão atordoados que a maioria nem percebe onde está, e alguns nem sabem que passaram pela vida na terra, porque somente ocasionalmente ocorre um lapso de memória que vem a eles sobre seu curso de formação na terra, e então some novamente, deixando um vazio atrás. Por isso eles ficam a maior parte do tempo na incerteza de saberem se viveram alguma vez em outro lugar a não ser estes infernos. Mas quando começam a cansar do tormento, procuram algum lugar menos bruto, e moram

entre pessoas menos humilhadoras e cruéis, então a recordação volta novamente aos seus cérebros entorpecidos, e eles começam a agonia do remorso com severidade.

Assim repeti minha resposta e comecei a explicar. Ele amara sua esposa, apesar de que em sua maneira egoísta, quando na vida terrena, e pensei em puxá-lo de volta a ela por este liame. Mas ele me interrompeu; “Se ela tivesse vindo a mim, eu não teria caído nestes infernos.” Ela não pode fazer este caminho,” eu disse. “Você deve ir até ela e então ela o encontrará.” Ao ouvir isto, ele gritou com raiva: “Ela que se dane por ser tão orgulhosa e difícil. Ela sempre foi uma fina e santa senhora para mim, que reclamava de meus pequenos erros. Diga a ela, se for a seu local de moradia, que ela pode ficar em sua imaculada mansão e regozijar-se do estado de seu marido. Ele está aqui em num lugar bastante mais aprazível que o dela, se não mais gracioso. E ela descerá de seu estado elevado e teremos uma ralé bem baixa para recepcioná-la. Portanto, bom dia para o senhor!” E zombando, virou-se e riu para a multidão por sua aprovação.

Mas ali levantou-se um outro deles que veio e o levou para o lado. Este estava sentado entre eles, e estava andrajoso como qualquer outro. Mesmo assim movimentava-se como um cavalheiro e tinha um quê de graça em tudo que nos foi surpreendente. Ele falou a ele por instantes e então retornaram a mim, e este companheiro disse: “Senhor, este homem não entendeu bem o propósito de suas palavras, nem que o senhor realmente veio confortar, e não insultar. Está um pouquinho arrependido do que lhe disse em palavras impróprias. Eu lhe disse que o senhor e ele não eram completamente desconhecidos um ao outro. Por sua bondade, senhor, fale a ele novamente, mas não de sua esposa, porque ele ainda não pode suportar sua deserção, que é o nome que ele dá à ausência dela.”

Fiquei muito surpreendido com esse discurso, tão solenemente proferido, enquanto ao mesmo tempo eram ouvidos son0s de brigas e maldições dos grupos das fogueiras na planície. Mas eu o deixei com palavras de agradecimento e fui ao homem que conhecia. Senti que meu propósito era principalmente ele, porque tive convicção de que se pudesse impressioná-lo, poderíamos através dele conseguir fazer seus companheiros interessarem-se pelo futuro deles, porque ele parecia ser o dominador perante os demais.

Então fui até ele e o peguei pelo braço dizendo seu nome e sorrindo, e fomos andar à parte, e gradualmente levei-o a uma conversa sobre sua vida na terra, e suas vontades e aventuras, e suas falhas, e, finalmente, de alguns de seus pecados. Estes, ele não os admitiu muito prontamente, mas antes que eu o deixasse ele me permitiu culpá-lo em dois pontos, e admitiu que eu tinha razão. Este foi um grande avanço, e pedi que pensasse em tudo aquilo da forma como eu havia colocado a ele, e então eu o procuraria e falaria com ele novamente, se ele assim o desejasse. Desta forma tomei suas mãos num apertado cumprimento e deixei-o. Eu o vi sentar-se e dobrar seus joelhos até o queixo e passar seus braços pelas canelas, e deixei-o olhando o fogo numa introspeção profunda.

Mas eu não iria até ele enquanto não procurasse e falasse com o outro homem, que me parecia maduro para uma jornada para fora daquela região, rumo a outra mais sintonizada com sua mente arrependida. Não o encontrei por algum tempo, mas finalmente fui ao seu encontro quando estava sentado num tronco de uma árvore caída, conversando com uma mulher que escutava muito atenta ao que ele dizia.

Vendo-me aproximar, ele ficou em pé e veio em minha direção, e disse: “Meu amigo, obrigado por seu bom serviço, porque através de sua ajuda tão marcante consegui impressionar aquele homem infeliz como nunca antes havia conseguido. Você está mais familiarizado com a natureza destes seus companheiros que eu, e usou sua experiência por um bom efeito. E agora, o que será de sua própria vida e do futuro?”

“Eu agradeço ao senhor, em retorno,” respondeu. “Não devo me alongar em minha descoberta com o senhor. Não sou desta região, senhor, mas da Quarta Esfera, e estou aqui pela opção de servir, tanto quanto possa, entre estas pobres e escuras almas. ”Mora aqui constantemente?” perguntei a ele, encantado, e ele respondeu: “Por longos períodos, sim. Mas quando a depressão fica pesada demais, eu volto para meu lar por um pouquinho, para me recompor, para depois voltar para cá mais uma vez.” Com que freqüência?” perguntei-lhe. “Desde que vim para cá pela primeira vez, “ disse ele, “uns sessenta anos na medida de tempo da terra, voltei para casa umas nove vezes. Muitos dos que eu conheci na terra vieram para cá

nos meus primeiros tempos, mas nenhum ultimamente; eles todos são estranhos agora. Ainda tenho a intenção de ajudá-los, um por um."

Diante disso, fiquei maravilhado e envergonhado.

Nesta hora minha comitiva chegou de seu turno e considerou esta conduta uma virtude. Mas este que estava diante de mim fez-me lembrar de outro Que deixava Sua glória de lado e tirava de Si para que outros pudessem ser satisfeitos. Penso que até então eu não havia percebido completamente o que significava um homem renunciar sua própria vida por seus amigos, sim, e por amigos como estes, e habitar com eles nestas regiões sombrias da morte. Ele me viu e entendeu o que se passava em minha mente, e tomando para si a minha vergonha, disse melancolicamente : "Tanto Ele fez por mim, senhor - tanto – e por um custo tão alto."

E eu lhe disse, segurando suas mãos nas minhas: "Meu irmão, você me deu uma lição do verdadeiro Livro do Amor de Deus. O Cristo de Deus está além de nosso entendimento na Majestade de Sua Beleza e Seu Amor é grande e doce. Podemos não compreendê-Lo, apenas revereciá-Lo em adoração. Mas desde que é assim, sempre ganhamos em estar junto de quem sabe como buscar ser um cristo menor. E esse, penso eu, encontrei em você."

Mas ele apenas abaixou sua cabeça, e enquanto eu, inclinado em reverência, beijei-o onde seu cabelo repartia-se, murmurou como se fosse para si mesmo: "Se eu fosse merecedor... se apenas fosse merecedor daquele Nome."

CAPÍTULO IX

NA ESCURIDÃO MAIS PROFUNDA. A CIDADE DA BLASFÊMIA. A CIDADE DAS MINAS.

Sexta, 4 de janeiro de 1918.

Daquela colônia fomos adiante às regiões das trevas. Fizemos o que nos foi possível, indo de grupo em grupo onde havia conjuntos de casas ou onde fogueiras ardiam, e ministramos conforto e advertências àqueles que nos recebiam. Mas a maioria não estava com muita prontidão para isto. Uns poucos seriam capazes de conduzir seus passos para acima daquele lugar, mas a maior parte desceria mais, para a miséria dos lugares abaixo, antes que sua dureza desse lugar ao desespero, e o desespero fizesse com que clamassem, e uma cintilação de luz acendesse nestas pobres almas perdidas. Então chegariam ao arrependimento e a emendar-se, e começaria sua cansativa jornada em direção ao Vale da Ponte. Mas este tempo não estava próximo ainda. Então os deixamos, porque tínhamos nossas ordens, e na nossa cabeça o mapa da região na qual encontraríamos nosso caminho aos lugares onde nos esperavam trabalhos especiais. Porque nossa ida a estes lugares escuros não era fortuita, mas tínhamos propósitos que nos foram confiados por aqueles que nos enviaram para estes lugares.

E à medida que seguíamos, sentíamos sobre nós um poder crescente do mal. Pois, repare bem, há graduações de Poder, também com o do mal, nas diferentes colônias aqui, e também diferentes notas dominantes de mal nas várias regiões. E, além disso, a desigualdade de forças existem ali como na terra. Não são todas de um mesmo tipo ou padrão de mal. Pelo livre arbítrio e personalidade, há ali, como em qualquer lugar, e pela persistência destes, alguns grandes e outros menores em poder, mesmo como na terra e nas esferas mais brilhantes.

Assim chegamos a uma grande cidade, e entramos por um portal enorme onde guardas marchavam de lá para cá. Diminuímos nosso desejo de sermos visíveis e passamos sem sermos vistos. Vimos que a ampla avenida em frente ao portal era alinhada com enormes construções pesadas, como prisões e fortalezas. De vários buracos de ventilação saíam focos de luz que davam na rua e no pátio. Seguimos até um grande cruzamento onde havia um estátua num alto pedestal, não no meio, mas em um dos lados, onde estava o prédio maior.

A estátua era de um homem que usava a toga de nobre romano, e em sua mão esquerda ele segurava um espelho no qual ele se olhava, mas sua mão direita segurava uma jarra, de onde ele vertia vinho tinto que espirrava numa bacia embaixo – caricatura de nobreza. A bacia era ornamentada com figuras aqui e ali em torno de sua borda. Havia crianças brincando, mas o jogo que os divertia era o de torturar um carneiro esfolando-o vivo. Em outra parte havia uma mulher rudemente esculpida, que segurava em seu peito um bebê de cabeça para baixo. As esculturas eram deste tipo, todas de escárnio, blasfemando contra as virtudes da infância, maternidade, valores, reverência, amor e outros, uma variada multidão obscena que nos fazia quase que apelar desesperados por dignidade da parte dos que viviam ali, para que houvesse bons resultados. Predominava a sujeira e o escárnio em torno de nós. Mesmo os prédios em sua planta e decoração chocavam os olhos em qualquer lugar que olhássemos. Mas estávamos ali por um propósito, como eu disse, e devíamos agüentar o que encontrássemos, e seguir adiante em nossa incumbência.

Então conduzimos nossa vontade para uma condição pela qual pudéssemos ser vistos pelos habitantes, e adentramos o portão do obscuro Palácio do Mal, diante do qual estava a estátua. Passamos por uma ampla entrada semelhante a um calabouço e, atravessando a passagem além dela, encontramo-nos à frente de uma porta que dava para um balcão. Este acompanhava um hall elevado, na metade do andar entre o térreo e o teto, com lances de escadas aqui e ali, descendo. Nós nos aproximamos da balaustrada e olhamos para o hall abaixo, de onde vinha uma voz forte e penetrante. Pudemos ver por instantes de quem era; mas quando nossos olhos se acostumaram melhor à luz avermelhada que cobria todo o grande espaço abaixo de nós, vimos e soubemos o que acontecia ali.

Em frente a nós elevava-se um grande lance de escadaria do chão ao balcão. Todos da multidão sentaram-se em torno dela, encarando-a. Sobre os degraus mais baixos e até a metade deles, estavam ali enrolados, em diferentes atitudes, todas horrendas, um homem e uma mulher em umas poucas roupas soltas que, apesar de tudo, faziam aparentar grandeza. Aqui e ali um cinto dourado ou prateado, ou uma grinalda; mas era tudo falso, como podia se ver: o ouro era latão, e as gemas falsificadas. Sobre os degraus, bem em cima, estava um orador. Ele era enorme de estatura, maior que todos, e também os dominava com sua maldade. Usava uma coroa eriçada e um longo e sujo manto cinza, como se uma vez tivesse sido branco, mas faltava-lhe o brilho da brancura e tomou a tonalidade neutra de quem o usava. Em seu peito havia dois cintos de ouro falso que se cruzavam e estavam presos a outro de couro no quadril. Havia sandálias em seus pés, e ao seu lado nos degraus um bordão torto de pastor. Mas o que fez a nossa delegação sentir uma pontada de dor indescritível, enquanto o observávamos, foi a coroa. Os espigões eram os espinhos de amoreira preta feitos em ouro, que, circulando sua pálida fronte, transformaram-se em coroa. Teríamos retornado, mas nosso compromisso estava assumido e tínhamos que ouvir seu discurso até que ele terminasse. É doloroso para mim contar, tanto quanto é para você registrar esta história. Mas é bom, meu irmão, que aqueles que ainda estão na vida da terra cheguem ao conhecimento do que é a vida naquelas esferas trevosas, onde a mistura do bom e do mau não se sustenta por muito tempo. Os bons sobem, os maus afundam para os lugares mais baixos, e a junção do mau com o bom não é contabilizado nas regiões infernais. Pois o mau deixado junto com o mau gera blasfêmias que não são possíveis na sociedade composta na terra.

Ele pregava a eles o Evangelho da Paz. Vou dar-lhe uns poucos parágrafos de seu discurso, e através deles você julgará o resto:

“E assim, meus irmãos e irmãs, todos nós, em mansidão, chegamos juntos em nossa adoração à Besta que matou o cordeiro. Pois se o cordeiro foi assassinado por nós, então o que matou o cordeiro foi o benfeitor ativo de nossa raça - o cordeiro sendo apenas o instrumento passivo - com a finalidade de podermos chegar aos abençoados e sobreviver às doenças condenáveis dos amaldiçoados. É, portanto, concordar, meus irmãos, como a Besta foi tão curiosamente procurada e acharam o cordeiro, e de sua inutilidade inofensiva trouxe o sangue de vida e salvação, assim também vocês, inclinados em ações nobres, deveriam procurar e encontrar o complemento do cordeiro, e fazerem assim como o Pastor nos ensinou. Por seus temperamentos astutos, longe de serem como os cordeiros inertes, deveriam ser trazidos à vida de todos a febre e o frenesi de sua sagacidade. E o que é como o tímido e inofensivo cordeiro senão a mulher, meus irmãos, a mais graciosa, senão a mais tola complementação do homem. E em seus ouvidos, tão afinados à delicadeza vulgar, minhas irmãs, eu cochicharia uma palavra de conselho também. Crianças não vêm até aqui nestes grandes reinos, dos quais vocês me deram a honra de eleger-me Governador. Mas, apesar disso, a vocês eu diria, olhem para mim em minha mansidão e olhem para este cajado que eu tenho nas mãos, e contem comigo como seu pastor e sigam-me. Levarei vocês para aqueles que têm crianças demais, crianças para apartar e para lançar dos peitos maternais, como uma vez elas lançaram fora as vidas imaturas que haviam começado nelas, mas que elas, da plenitude de sua piedade, sacrificaram no altar de Moloc antes de virem à vida de trabalho e dor sobre a terra. Venham, agradáveis senhoras, e juntem-se àquelas pobres senhoras que lamentam o assassinato, enquanto encolhem-se e esforçam-se por jogar fora todas as memórias da vida daqueles que eram seus queridos, seus pequenos assassinados.”

Ele mencionou outras frases, por demais perversas para expor em palavras agora; nem pediria a Kathleen para dizê-las a você, nem a você que as escutasse. Mas estas eu lhe transmiti, para que você e os outros possam de relance entrever o escárnio maldoso e a mansidão irônica daquele homem que, por sua vez, é apenas um tipo dos milhares nestes reinos. Ele, que assumiu um caráter tão gentil e uma graça tão doentia, era um dos mais ferozes e mais cruéis déspotas de toda aquela região. Verdadeiramente, como ele dissera, eles o elegeram Governador, mas foi por medo de seu grande poder de maldade. E agora que ele chamou aqueles pobres disformes e semi-loucos de nobres, eles o aplaudiam em sua servidão, pela mesma razão. Aquelas pobres velhas megeras, as mulheres esquálidas em seu vestuário elegante, a elas ele chamou de simpáticas senhoras, e convidou-as para segui-lo como ovelhas a seu pastor, e por medo também elas alegraram-se aprovando, e subiram para irem com ele quando ele se virou para galgar o primeiro grande lance de escadas.

Mas enquanto ele começou a subir, colocando o pessoal sobre o próximo degrau acima do que ele estava, ele parou e retornou, e vagarosamente desceu passo a passo, até

que atingiu o chão; e toda a multidão no hall curvou-se com a respiração paralisada de espanto, misto de esperança e medo. A razão disto era a visão que tiveram no topo da escadaria diante deles. Porque nós estávamos lá e assumimos bastante de nosso esplendor normal, tanto quanto nos era possível naquele ambiente. Uma senhora de nossa comitiva ficou a uns doze degraus abaixo de nós. Sua tiara de esmeraldas brilhava sobre sua fronte conforme ela balançava seus cabelos castanho-dourados, e a jóia de ordem sobre seu ombro brilhava, cintilante e real, por causa de suas virtudes. E tudo isto mostrava contraste em relação àquelas jóias espalhafatosas da multidão diante dela. E em seus braços ela segurava um buquê de lírios. Ela estava ali, a representação da feminilidade pura em todo seu perfeito encanto, um desafio ao cinismo grosseiro da raça do orador anterior.

Então, por um longo tempo olharam para ela, os homens e as mulheres dali, até que uma delas soluçou e tentou abafar o som em seu manto. Mas então as outras deram passagem para que voltasse a elas sua feminilidade de outrora, e todo o hall ficou repleto com o lamento das mulheres - oh, tão desejosas de ouvir naquele lugar de miséria e de escravidão, que os homens também começaram a cobrir suas faces com suas mãos, e caindo no chão, espremiam suas faces no pó lamacento do solo.

Mas agora o Governador dominou-se, pois viu seu poder posto em perigo. Com muita raiva começou a dar passos largos em direção aos corpos das mulheres, para pegar quem primeiro tinha iniciado a lamentação. Porém, nesta hora eu vim para o degrau mais baixo e chamei-o: “Abaixe suas mãos e venha até aqui onde estou.”

Ao ouvir isto, ele virou-se e, olhando de soslaio, começou dizendo: “Mas vocês, meus senhores, são bem-vindos, portanto estejam em paz entre nós. Apesar de que estes pobres covardes estão por demais deslumbrados pela luz da senhora que está atrás do senhor, e eu apenas tento trazê-los de volta à razão, para poderem dar-lhes uma apropriada boa vinda.”

Mas respondi severamente a ele: “Pare, e venha até aqui.” Assim ele fez e ficou diante de mim, e eu continuei: “Você tem blasfemado, tanto em seu discurso como em suas armadilhas. Tire fora esta coroa blasfema e jogue este bordão de pastor, você que ousa escarnecer do Único Que clama por Suas crianças as quais você prende em seu laço de medo.“ Estas ordens ele cumpriu, e então eu falei para alguns homens parados ali perto, e disse-lhes mais gentilmente: “Vocês têm sido covardes por tempo demais, e este homem escravizou-os, corpo e alma. Ele deve ser conduzido para uma cidade onde alguém, superior em maldade, deverá governá-lo. Façam isso vocês, vocês que o serviram até aqui, façam o que peço. Tirem dele este manto e esta coroa que ele fez para escárnio d’Ele a Quem até mesmo ele algum dia deverá ter como Príncipe Soberano e Senhor.”

E então esperei, e ali vieram em nossa direção quatro deles e começaram a desabotoar seu cinturão. Ele virou-se ferozmente enfurecido sobre eles, mas eu tirei o pessoal dele da frente e impus minhas mãos sobre seus ombros, e a esse toque ele sentiu o meu poder e não mais teve reação. Portanto minha vontade quanto a ele estava realizada, e quando fiz com que saísse do hall em direção à escuridão, guardas esperavam para levá-lo para aquela região distante onde, conforme ele fez aos outros, tudo seria feito a ele.

Então pedi que se sentassem no hall e, assim que o fizeram, chamei o cantor de nosso grupo, e ele elevou sua poderosa voz e preencheu todo o ambiente com sua melodia. E enquanto ele cantava, os corações daquela gente começaram a bater mais livremente, não estando mais presos pelo medo dele, a quem tinham visto tão indefeso em nossas mãos. E a luz começou a perder a tonalidade avermelhada e tornou-se mais jovial, e um sentimento maior de paz do Ser invadiu o lugar e banhou seus corpos quentes e febris com uma brisa refrescante.

O que ele cantou para todos?

Ele cantou uma música de uma feliz brincadeira e alegria - do espírito da primavera, sobre a manhã rompendo as barras da prisão da noite e liberando sons e cantos de pássaros e árvores e correntezas de rios. Ele não cantou nenhuma palavra de santidade ou das qualidades de Deus, não ali, nem naquela hora. O remédio precisava primeiramente estimular suas individualidades para que pudessem perceber sua liberdade tardia daquela escravidão. E por isso ele cantou canções sobre o prazer de viver e sobre a alegria da amizade. E eles não ficaram alegres, mas menos desesperados. Mais tarde nós os retomamos e demos instruções,

e o dia chegou em que o hall estava completamente cheio de adoradores d'Ele sobre Quem tinham ouvido blasfêmias uma vez, na indiferença de seu pavor. Este serviço de prestar culto não era o que ajudaria como ajudava os de maior grau de bondade. Mas suas pobres vozes, tão em falta de harmonia, já apresentavam uma nota de esperança que nos era muito doce, pois tínhamos trabalhado com eles em suas dúvidas e terrores.

Então outros vieram para tomar nossos lugares e fortalecê-los e encorajá-los até que estivessem prontos para a jornada, longa e difícil, mas sempre em direção à aurora do leste; enquanto isso seguimos para nosso próximo destino.

Eram todos eles de mesmo tipo de mentalidade?

Quase, amigo, quase. Havia poucos ali faltando . E vou contar-lhe algo que achará estranho ou improvável. Alguns escolheram seguir seu Governador para seu rebaixamento. Tanto estavam ligados pela maldade, que não acharam nada em seus próprios caracteres para que permanecessem ali, de acordo com eles mesmos. Então seguiram-no em sua queda como se estivessem servindo-o em sua violenta glória de poder. Então somente poucos foram conosco, e outros poucos foram a outros lugares em seus afazeres. Mas a grande maioria deles ficou e aprendeu novamente aquelas verdades que há tanto tempo haviam esquecido. E a velha história era tão nova e maravilhosa a eles que dava pena de ver.

O que aconteceu com o Governador?

Ele ainda está naquela cidade distante onde os guardas deixaram-no. Ainda não evoluiu, ficou parado no intento do mal e muita malícia. Tais como ele, meu amigo, são difíceis de mudar para algo mais elevado.

Você falou de sua guarda. Quem são eles?

Ah, agora você tocou num dos tópicos mais difíceis de ser entendido até que se aprenda mais dos caminhos de Deus, Sua Sabedoria, e Sua Soberania. Resumindo, saiba você, amigo, que Deus é Soberano não só no Céu, mas em todos os Infernos Ele governa, e somente Ele. Os outros dominam localmente, mas Ele governa sobre todos. Os guardas de quem falei eram homens da mesma cidade à qual enviamos o homem. Eram homens malvados e não tinham submissão ao Criador de todos. Mas, não sabendo de quem era o julgamento despachado, esta era mais uma vítima em suas mãos; sem saberem que foi por sua salvação, eles fizeram nossa vontade sem barulho. Você pode achar a chave aqui, se aprofundar-se o suficiente, para muito daquilo que acontece em sua terra.

No pensamento de muitos, os homens malvados estão fora do âmbito de Seu Reino; e para estes os males e desastres seriam manifestações defeituosas de Sua vibração dinâmica. Mas ambos estão sob Seu controle, e mesmo os homens malvados, inconscientemente, são colocados a efetuarem seus planos e propósitos na finalidade. Mas isto é uma matéria extensa demais para se tratar agora. Boa noite, e que nossa paz seja sua, amigo.

Terça, 8 de janeiro de 1918.

Enquanto fomos a estas localidades durante nosso trabalho de ajuda e misericórdia, vimos que nosso plano pré-arranjado tinha sido, muito curiosamente, feito para nós. Cada colônia que visitamos nos deu, pela experiência, ganho de conhecimento, um passo em avanço; assim, portanto, enquanto ministramos a outros, nós mesmos éramos ministrados através deles, por aqueles que observam nosso bem estar e nossa escolaridade. Nisto, meu irmão, você pode, e vai, discernir outra fase do princípio de que já lhe falamos, isto é, para seu juízo, o uso daqueles que são rebeldes para o leal serviço de seu verdadeiro Rei.

Sem a permissão deles?

Sem a oposição deles. Eles, mesmo os que estão muito afastados na escuridão, não opõem suas vontades às influências mandadas a eles por aqueles que os observam de suas habitações nos Reinos da Vida e Luz, são feitos a serviço do Rei. E quando eles dão meia volta e repensam os passos mais uma vez em direção do brilho do sol do Grande Dia, sua reconsideração é feita, e então também isto pode ser colocado em sua contabilidade positiva,

já que, apesar de não saberem, foram focalizados como estando em sintonia com esta santidade, e que eles, neste ou naquele detalhe, já não sustentam mais seu hábito de rebeldia contra a Vontade de Deus.

Mas o Governador de quem me falou na última sessão não era um destes, aparentemente. Contudo, ele foi usado em certo grau.

Ele foi usado, sim, porque com sua derrota foi mostrado às suas companhias eventuais que havia um poder maior que o dele. Também foi mostrado que, mais cedo ou mais tarde, as condutas malignas jamais continuarão desaforadas, mas as escalas são marcadas em outro parâmetro de contagem, portanto a balança no final mostra igualdade, e a justiça é desta forma declarada e quitada. Mas aquele governador não contará aquilo entre seus pontos, porque sua vontade não estava de acordo com a nossa, mas suplantava em descréditos. Não obstante, já que a punição foi aplicada em doses a ele ali, em parte, pelo seus crimes, isto deverá ser tirado da soma total de seu débito a pagar, portanto, numa forma negativa, você reparará, isto também foi colocado em sua contabilidade positiva.

Porém sua pergunta tem algum fundo, amigo. Realmente lidaram com aquele governador contra a vontade dele, mas para uma coibição quando seu trabalho de maldade foi mais longe que o necessário, pois já era o bastante para aqueles que permitiram que ele e sua malignidade chegassem a este ponto. Foi por isso que fomos mandados para aquele hall naquele instante. Nada sabíamos daquilo até aquela hora, mas agimos, conforme julgamos, no nosso próprio julgamento das circunstâncias que achamos por ali. Mesmo assim, foi tudo planejado por aqueles que nos enviaram para lá.

E agora, se quiser, poderíamos seguir adiante na nossa narrativa para contar-lhe alguma coisa dos lugares em que agimos, e das pessoas, suas condições e atitudes, e o que fizemos por elas. À proporção que fomos seguindo, encontramos muitos daqueles agrupamentos onde as pessoas de mentalidade semelhante procuram estar juntas. Era triste vê-las vagando de cidade em cidade em procura de uma companhia que aplacasse sua solidão e, descobrindo rapidamente que esta concordância de uns para com os outros não seria suportável de jeito nenhum, vagavam novamente nos desertos para saírem de perto dos que eles pensavam que ofereceriam alguma chance de tranqüilidade e companhia agradável.

Encontramos isto quase em todas as colônias em que havia um comando mental - e aqui e ali mais que do um quase igual em força de caráter - que dominava o resto, e escravizava-os pelo pavor que endereçava a eles. Eis um a cuja cidade nós viemos uma vez, depois de uma longa jornada através de uma região desolada e abandonada. A cidade em si foi construída com uma forte muralha, e era grande em área. Entramos e fomos desafiados pelo guarda no portão. Havia uma companhia de dez na guarda, porque o portão era principal e largo, com duas asas. Todos estes homens eram gigantescos em estatura, e tinham desenvolvido muito a sua maldade. Gritaram para que parássemos, e nos questionaram, “De onde vieram?” ”Do nosso caminho na selvageria,” respondemos ao capitão deles. “E que negócios têm aqui, bons senhores e cavalheiros?” disse ele, já que ele tinha sido educado na vida da terra e isso ainda ressalta do que foi em suas maneiras, mas agora estava mesclado com alguma malícia e com escárnio, como nos modos da maioria destes tristes lugares.

A esta pergunta nós respondemos - eu, por todos: “Nós temos uma missão junto aos trabalhadores das minas, os quais seu mestre escraviza.”

“Um fim muito atraente para sua jornada,” disse ele com um tom agradável, procurando nos enganar. “Estas pobres almas trabalham muito para estarem prontos para qualquer bom amigo que aja por eles, sua existência e seus problemas.”

“E alguns,” eu disse, “estão também prontos para partir em direção à liberdade do jugo de seu senhor, o qual, cada um em seu degrau, está interligado a vocês todos.”

Num átimo sua face mudou de risonha para fechada e carrancuda, e seus dentes mostraram-se parecidos com os de um lobo faminto. Mais ainda, com a mudança de humor, ali pareceu descer uma névoa mais escura e assentar-se sobre ele. Ele disse, “Você está dizendo que estou escravizado também?” “Um verdadeiro escravo e cativo de seu mestre, um escravo ele próprio, condutor de escravos.” ”Esta mentira fará de vocês um de nós, porque vocês todos virão a ser brevemente daqueles que cavam em busca do ouro e do ferro para nosso senhor.”

Com isto ele se virou e ordenou a seus guardas que nos agarrassem e nos levassem à casa de seu governador. Mas eu fiquei um pouco mais perto dele e pus minha mão sobre seu punho direito, e este contato foi angustiante para ele, e abaixou sua pequena espada com a qual tinha apontado para nós. Eu ainda o segurava para que a aura dele com a minha perturbassem sua alma, para sua agonia, mas não para mim, pois, sendo de maior poder em força espiritual, continuei incólume enquanto ele se angustiava. Dinâmica espiritual, isto, para ser estudado, se escolher fazê-lo, entre seus companheiros encarnados. O princípio é o da aplicação universal, como descobrirá se pesquisar. Então eu disse, “Nós não somos destas esferas escuras, senhor. Viemos de um lugar na luz do sol da presença Daquele de Cuja Vida você participava e violou tudo por causa de seus propósitos malignos. Para você ainda não é hora para alcançar a liberdade destas muralhas e da tirania dos mestres cruéis daqui.”

Então ele saiu da fina casca de seu comportamento e chorou lamentando, “Por que não posso também ficar livre deste inferno e do diabo que governa aqui? Por que os outros podem, e eu não?”

E eu respondi, “Você não foi tido como merecedor. Observe o que fazemos neste lugar, não oponha sua vontade à nossa, ajude-nos a fazermos o que temos à mão para fazer e, quando nos formos, pondere bem e longamente então, e talvez até você encontre em nós alguma bênção. Por isso você deveria nos levar às bocas das minas.”

“E se não os levar?”

“Iremos sozinhos, e você perderá um benefício.”

Ele parou um pouco, e então, olhando para aquilo que poderia ser uma oportunidade de um benefício para si, disse: “E por que não? Se há algo que se possa ganhar, por que não eu aquele que venha a ter esta sorte? E ele será amaldiçoado no mais profundo de sua maldição se ele apenas se mostrar contra mim ao impedir-me desta vez no que faço.” Então ele começou a andar e nós o seguimos, ele sempre murmurando, “Ele está sempre contra meus planos e esquemas. Ele está sempre alerta para me contrariar no que quero. Ele não está saciado com tudo aquilo que já fez de maldade contra mim,“ e assim por diante, até que se virou em nossa direção e disse: “Peço seu perdão, senhores. É o nosso jeito aqui, freqüentemente estamos confusos quando deveríamos estar com as mentes mais claras. Clima provavelmente, ou trabalho demais, talvez. Sigam-me, por obséquio, e vou levá-los aonde encontrarão o que procuram.”

Leviandade e cinismo e amargura estavam em seu discurso e no que suportava; mas desde o meu aperto ele estava mais submisso e não mais se opunha a nós, que o seguimos. Passamos por algumas ruas onde havia casas térreas não colocadas em alinhamento ou padrão, mas com intervalos entre elas, e terrenos baldios onde não crescia ervas nem vegetação, mas somente uma grama úmida e grossa, ou arbustos com os talos e galhos retorcidos como se fosse pelo vento siroco que veio sobre nós, agora que estávamos na cidade e suas paredes delimitadoras. Vinha principalmente das minas das quais estávamos nos aproximando.

Vimos as cabanas onde os escravos têm um descanso de curta duração, com longos períodos de labor entre eles. Nós deixamos isto para trás, e logo chegamos a um lugar onde se abria para nós uma ampla boca de caverna que levava para os lugares intestinos daquela região. Não andamos quase nada e veio em nossa direção, em rajadas, um vento de odor tão nojento e quente e fétido que voltamos e paramos por um pouco de tempo para recuperarmos as forças. Isto feito, endurecemos nosso coração e fomos para dentro e para baixo, o Capitão ainda liderando, agora em silêncio e em muita opressão de espírito, como podíamos saber pelos ombros caídos para frente, mesmo quando descíamos o caminho.

Vendo isto, eu o chamei, e ele parou e olhou para trás e para nós, e sua face estava agonizante e cinza. Então lhe disse: “Por que você se tornou tão entristecido, meu guia? Você se pôs num aspecto de dar dó desde que chegou perto destas minas.”

“Senhor,” ele respondeu, e agora submisso, “Uma vez eu fui destes que trabalham lá com picaretas e pás nestes fornos infernais, e o medo disto vem até mim agora.”

“Então procure no mais íntimo de sua alma por um grão de pena por estes que trabalham aqui agora, onde uma vez você sofreu tão dolorosamente.”

Ele despencou sentado nos pedregulhos no lado da trilha, alquebrado pela fraqueza, e replicou às minhas palavras com suas próprias palavras estranhas: “Não, de forma alguma, não há necessidade de terem pena de mim, nem eu deles. Seu destino foi o inferno, mas a mina é o inferno dez vezes dobrado.”

“Como foi que escapou da escravidão, saiu das minas e veio para um tipo melhor de trabalho para aquele a quem chamamos de seu senhor?”

“Pensei que vocês eram alguém grande em sabedoria,” ele respondeu num sorriso amargo, “e ainda não entendem que voar de um estado de servidão para outro de maior grau de autoridade é trocar de camisa com espinhos e sarça por outra com teias e trama.”

E então envergonhei-me porque acabara de aprender aquela lição além das outras já aprendidas na nossa experiência naqueles obscuros tratos no inferno. Eles que moram ali na escuridão da morte estão sempre procurando por um destino mais brando, e vasculham qualquer chance de escapar da servidão pela promoção para algum posto de autoridade. E quando são promovidos para aquele posto percebem que o encanto se vai com o miasma do medo, estando mais em contato com o satanás que alcançou o poder principal por sua brutalidade e sua maldade sem remorsos. Sim, o encanto se vai, e a esperança morre junto com a ilusão. E contudo mantêm-se na procura de promoções e, alcançando sua ambição, torcem-se mais em sua loucura desesperada de agonia que antes. Bem, eu soube disto agora, porque estava incorporado no homem que se sentou ali, acovardado e enfraquecido diante de mim, com sua miséria de tantas memórias daquele lugar terrível. Portanto eu disse a ele, sendo muito doloroso vê-lo assim em tão grande sofrimento: “Meu irmão, a masculinidade merece esta sua vida?” “Masculinidade, “ ele respondeu, “eu a deixei para trás quando entrei neste serviço aqui - ou foi arrancada por aqueles que me empurraram para cá. Não sou mais homem, hoje, mas um diabo cujo prazer é ferir, e cuja riqueza é somar uma crueldade à outra, e ver como os outros suportam o que eu suportei.”

“E isto lhe dá prazer?”

Por um longo tempo ele ficou silencioso, e finalmente disse, “Não.”

Então coloquei minha mão sobre seu ombro, desta vez não opondo minha aura contra a dele, mas em simpatia, e disse, “Meu irmão.”

Com isto, ele despertou e olhou para mim selvagemente e gritou: ”Você já não disse esta palavra antes? Estará também escarnecendo de mim como os outros fazem comigo, e como fazemos uns aos outros?”

“Absolutamente não,” eu disse, “você chama aquele a quem serve aqui de seu senhor. Mesmo assim o poder dele é apenas vão, como é vão o que você recebeu dele em suas mãos. O remorso está à sua porta agora, mas no remorso não há muito mérito, salvo aquele que seja a porta que dá para a sala do arrependimento pelo pecado. Quando tivermos terminado nosso trabalho aqui e o deixarmos, pense em tudo isto que houve entre você e eu, e que, sabendo de tudo, eu clamei por irmandade a você. Se nesta hora chamar por mim, mandarei ajuda a você - esta é a minha promessa. E agora nos deixe descer ainda mais para baixo nas minas. Devemos concluir nosso trabalho e seguir adiante novamente. Estar aqui nos oprime.”

“Oprime a vocês? Mas vocês não podem sofrer; certamente vocês não sofrem, pois vieram livremente por sua escolha, e não na esteira de seus crimes.”

E aí dei-lha a resposta que o ajudaria, se ele a percebesse: “Acredite em mim, meu irmão, que O vi. Enquanto um de vocês aqui embaixo nestas prisões do Inferno realmente sofrer, há Um que usa um rubi em Seu ombro, vermelho como sangue. Quando olhamos para aquele símbolo, e de lá para Seus olhos, sabemos que Ele sofre também. E nós, que em nosso grau seguimos realmente adiante em nosso empreendimento de salvar os homens, estamos felizes por Ele nos dar licença para que possamos estar com Ele pelo menos nisto; que possamos sofrer também, apesar de que não compartilhamos da mesma aflição que a d’Ele.

Então não se espante por sua dor ser a nossa dor, ou que o chamemos de irmão agora. Ele, por Seu amor, derramado sobre nós todos num grande mar, fez-nos assim."

Sexta, 11 de janeiro de 1918.

Assim continuamos nossa descida, o Capitão indo um pouquinho à nossa frente, encorajado pelas minhas palavras. E agora chegamos a uma escadaria talhada na terra rochosa, e no fundo dela a um pesado portal. Ele bateu neste portal com a ponta do chicote que carregava enfiado no cinto, e através da grade uma face horrenda apareceu e perguntou quem era que estava ali batendo. Era uma face humana, mas com muito de animal selvagem nela, boca larga, dentes enormes e longas orelhas. Nosso guia deu alguma resposta curta, falando como alguém que comanda, e a porta foi aberta para dentro, e nós passamos por ela. Aqui nos encontramos numa ampla caverna e, diante de nós, havia uma abertura com uma luz fraca e avermelhada que apenas mal iluminava as paredes e o teto do lugar onde paramos. Seguimos adiante e olhamos através desta abertura e vimos que havia uma descida íngreme com aproximadamente a altura de seis homens. De nosso ponto de vista observamos e, quando nossos olhos ficaram mais acostumados à escuridão, vimos que diante de nós havia uma grande extensão de território, todo subterrâneo. Não podíamos ver até onde ia, mas havia passagens saindo da caverna principal, aqui e ali, que desapareciam no que parecia ser uma escuridão negra. Figuras vinham daqui e dali, cá e acolá, com passos furtivos, como se amedrontados por algum horror que pudesse aparecer nesta trilha quando menos esperassem. Agora por ali o som do chacoalhar de chaves chegou a nós, enquanto alguns pobres camaradas arrastavam-se acorrentados em seu caminho; então soava um estranho grito de agonia e freqüentemente uma risada sádica e selvagem e o som de chicotadas. Tudo era triste de se ver e ouvir. A crueldade parecia flutuar, já que um sofredor parecia dar vaza à sua agonia torturando outro mais indefeso. Virei-me para o guia, o Capitão, e disse: "Este é o nosso lugar de destino. Qual trilha usaremos para descer?"

Ele rapidamente notou o duro tom de minha voz e respondeu: "Faz bem em falar assim comigo, não é tão doloroso de suportar como quando me chama de irmão. Fui desses que trabalhou aqui embaixo, e então daqueles a quem foi dado um chicote para fazer outros trabalharem, e então, afinal, por minha dureza, tornei-me Inspetor-Chefe de uma seção além da próxima porta. Vocês não podem vê-la daqui deste ponto. Ela dá para trabalhos mais baixos e mais profundos que este, que é apenas o primeiro da série. Então cheguei a ser do palácio do Chefe, e depois aquele Capitão da guarda do Portão Principal. Mas conforme olho para trás agora, penso que, se tivesse havido escolha, eu sofreria menos como uma alma perdida nas cavernas das minas que no cargo de autoridade ao qual cheguei. E agora, não poderia voltar novamente - não - novamente não - não - "

Ele estava perdido no pensamento agonizante, e caiu em silêncio, desconhecendo nossa presença até que eu disse:

"Diga-me, meu amigo, o que é este amplo lugar diante de nós?" E ele respondeu:

"Este é o departamento onde o metal, tendo sido derretido e preparado nas galerias além daqui, é transformado em armas e ornamentos e artigos para o uso do Chefe. Isto terminado, eles são içados através do teto para uma região externa e então levados aonde ele mandar que sejam levados. No próximo compartimento em ordem de seqüência, os metais serão enrolados e aparados; a seguir serão fundidos e moldados. Quanto mais longe se vai, mais funda é a mina. Qual é o seu desejo, senhor? Quer descer?"

Eu disse que deveríamos descer e ver o que havia adiante, através de uma inspeção mais minuciosa do salão a seguir. Então ele mostrou uma porta escondida na sala onde estávamos, e descemos por um curto lance de escadas e ao longo de uma curta passagem, emergindo numa pequena passagem desde lá de baixo do buraco que vimos. Passamos pelo primeiro salão, cujo chão inclinava-se para baixo conforme andávamos, e através daqueles de que ele havia nos contado, até que chegamos à mina propriamente dita, porque eu estava resolvido a sondar a miséria desde estas regiões escuras até as que são mais ainda.

Estes salões interligados eram todos como ele nos havia dito, e de uma imensa largura, altura e extensão. Mas os muitos milhares que trabalhavam ali dentro eram estritamente prisioneiros, e mantidos sob guarda por longos intervalos, e em pequenos grupos,

apenas mantidos vivos. Parecia-me que o motivo não era clemência, mas por crueldade e utilidade. Primeiro, aumenta certamente seu desespero no retorno para baixo. Mas também serve como advertência para aqueles que mais dificilmente são escravizados ou não são obedientes. O ar era fétido e pesado onde quer que fôssemos, e a desesperança estagnada parecia estar pesando nos ombros daqueles a quem encontramos, tanto inspetores quanto trabalhadores, porque todos eram escravos.

Finalmente chegamos à mina em si. Um portal pesado e amplo dava para um platô. Aqui eu não vi teto. Sobre nós havia a escuridão. Parecíamos estar agora, não numa caverna, mas num profundo desfiladeiro ou numa cova, as laterais rochosas altas de forma a não vermos o fim, de tão profundo era o lugar, longe da superfície da terra. Mas túneis aqui e ali penetravam mais para o fundo ainda e em lances mais escuros, exceto em alguns lugares onde uma luz bruxuleava e sumia novamente. Havia um som como se um vento soprasse sobre nós, o som de um longo e perpétuo suspiro. Mas o ar não estava em movimento. Havia cabos presos no chão, com os quais os homens vinham escalando para baixo as laterais verticais por degraus cortados na rocha, indo buscar o minério, trazendo-os para cima dos túneis e galerias ainda mais profundos, escavados na pedra bem embaixo do nível onde estávamos. Do platô desciam trilhas em direção às aberturas, que por sua vez davam para trabalhos mais distantes, ou no próprio desfiladeiro, ou através de corredores cortados em suas laterais. Era uma ampla região profunda abaixo daquele plano de treva, que por sua vez estava bem abaixo da Ponte ou do chão abaixo da Ponte. Oh, a desesperada angústia da desesperança daquelas pobres almas - perdidas naquela imensidão escura sem ter quem os guiasse para fora.

Mas apesar de que devem se sentir dessa forma, assim mesmo cada um está contado e registrado nas esferas de luz, e quando estão prontos para a ajuda, então a ajuda é mandada a eles, como foi agora.

Tendo olhado para cima e recebido informações do Capitão, nosso guia, ordenei que abrisse todos os portões na nossa frente e os que davam para a caverna pela qual viemos. Mas ele respondeu: “Senhor, está no meu coração fazer isso, mas temo o meu senhor, o Chefe. Ele é terrível em sua fúria, senhor, e mesmo agora tenho cá comigo um temor, tenho o receio de que já tenha havido um espião farejador buscado cheiro de curry para ele, ao levar-lhe um relatório do que já foi feito.”

E eu respondi: “Parece-me que você tem progredido rapidamente desde que viemos para esta cidade trevosa, meu amigo. Já havia reparado antes um bom sentimento desabrochando, mas não o avisei disto. Agora, vejo que não estava errado e portanto dou-lhe uma escolha. Pense rápida e decisivamente. Estamos aqui para tirar daqui estes que estão prontos para seguirem um passinho à frente rumo à luz. Fica por sua conta escolher seu lugar, ao nosso lado ou contra nós. Virá em frente conosco, ou ficará aqui e servirá seu atual senhor? Escolha rapidamente e agora.”

Por poucos segundos ele ficou ali olhando para mim, e depois para meus companheiros, e depois para os túneis que levavam para a escuridão, e então cravou os olhos no chão a seus pés. Tudo isto ele fez prontamente, conforme eu ordenara, e então respondeu a mim: “Senhor, obrigado. Farei como me pede e abrirei os portões. Mas não espero ir adiante com os senhores. Não mereço tanto - não ainda.”

Então, como se resolver obedecer a nós tivesse lhe dado nova vitalidade, ele moveu-se e, mesmo naquela luz escura, percebi um ar de decisão, e sua túnica parecia cair um pouco melhor sobre seus joelhos nus, e sua aparência tinha tomado um aspecto mais gracioso e saudável. Por isto eu soube mais da mudança de seu estado de espírito que ele. É assim, em ocasiões onde a força de caráter sobrepuja e enterra uma porção de iniquidade, começa-se repentinamente a abrir os portais de sua prisão e abrir caminho para a liberdade e para a luz de Deus. Sim, mas ele não sabia, e eu não tinha muita certeza de seu poder de decisão, então mantive-me observando enquanto ele seguia agindo. Ouvi-o chamar, em voz forte, para que o porteiro abrisse as portas. Escutei-o gritar o mesmo comando ao segundo, conforme ele seguia descendo no túnel; e então sua voz tornou-se mais fraca gradualmente, à medida que se distanciava de nós em direção à caverna na qual chegamos em primeiro lugar.

Terça, 15 de janeiro de 1918.

Então ao mesmo tempo levantamos nossas vozes e enviamos um coro de louvor. Ele ia ficando cada vez mais alto à medida que cantávamos, e encheu o lugar com sua melodia e penetrou nos túneis e preencheu as galerias e as caves onde os pobres desesperançados estavam em serviço por seu senhor, este cruel Príncipe das Trevas que os mantinha presos pelo temor do poder de sua malignidade. E por muitos foi-nos dito mais tarde que quando a força de nosso canto chegava a eles e aumentava de volume, eles paravam para ouvir aquela coisa estranha, porque a música que fazem era muito diferente da nossa, e o tema que cantamos não era igual ao que estavam acostumados a ouvir.

Qual foi o tema, Líder?

Fizemos a propósito para o que tínhamos em mãos. Cantamos sobre o poder e a autoridade, e como foi aplicado nestas cidades apavoradas do mundo da escuridão. Mostramos sua crueldade e sua vergonha e a condição desesperadora daqueles que se achavam nestas malhas. E então demonstramos os efeitos que tal maldade trouxe a esta região, e como a escuridão chegou com a escuridão de espírito e arrebentou as árvores e secou o solo e transformou os lugares rochosos em cavernas e muitos em abismos, e como a própria água tornou-se asquerosa e o ar estagnado e podre e a decadência do mal em toda a parte. E então mudamos de tema, e invocamos as belas pastagens da terra e as montanhas iluminadas e as doces águas que descem e seguem em correntezas até as planícies onde a grama verdejante e as lindas flores desabrocham e oferecem seus lábios doces para o próprio sol de Deus para que Ele as beije pela sua beleza. Cantamos canções de pássaros e a canção da mamãe para o bebê e a canção do namorado para sua amada, e as canções de louvor que as pessoas cantam juntas nos santuários onde a exaltação é feita a Ele, Que mandou Seus anjos para que pudessem trazer estes que oram e adoram até os degraus de Seu trono, para serem apresentados a Ele com o incenso da purificação por Sua glória. Cantamos todas estas coisas que fazem a beleza da terra, e então elevamos nossas vozes com todo nosso ardor e toda a força de nossas gargantas enquanto falávamos das casas aonde eram trazidos os que tentaram fazer seu serviço bravamente na terra, e agora habitam na luz e na glória das Razões de Deus, onde as árvores eram perenes e as flores de cores lindas, e de toda a cobertura de encanto que foi encontrada para o regozijo daqueles que chegaram à soberania do Príncipe Salvador Que os conduziu ao Pai.

Quantos havia em sua comitiva, por favor?

Quinze - dois septetos e eu. Isto é o que totalizávamos. Conforme cantávamos, um após outro daqueles escravos do diabo vieram a nos ver. Uma pálida e cinza face emergiu pela metade de um túnel, e então de outro, ou de uma rachadura na pedra, e dos buracos e guaritas de onde nem tínhamos percebido olharem para nós, até que todos os precipícios em torno de nós estavam lotados de apavorados, ainda que desejosos, tímidos demais para se achegarem, ainda tragando golfadas de ar fresco como homens sedentos do deserto. Mas outros havia que olhavam em nossa direção com raiva com os olhos vermelhos e brilhantes, que mandavam faíscas íntimas sobre nós, e outros ainda parados, que abaixavam a cabeça até o chão de remorso pela má conduta do passado e pela memória daquela cantiga de ninar das mães que cantamos, e por tudo que isto significava e que eles rejeitaram, e vieram por outra estrada - a isto.

Então cantamos mais suavemente, e terminamos num doce e longo coro de repouso e paz, e um longo e solene “Amém”.

Então um deles veio em nossa direção, ficou a uma pequena distância, ajoelhou-se e disse, “Amém”. Quando os outros viram isto, eles suspenderam a respiração para verem qual praga cairia sobre ele, porque era uma traição ao senhor do lugar. Mas fui em direção a ele e o levantei e levei-o ao meio de nós, e o aconchegamos para que ninguém pudesse fazer-lhe algum mal. Então vieram em número de quatrocentos, aos pares, aos trios, e então às dúzias, e ficaram como criancinhas respondendo sua lição, e murmuravam, como ouviram-no fazer, “Amém”.

Nesta hora, aqueles que permaneceram ou abaixaram-se paralisados nas sombras das galerias e nos penhascos sibilavam pragas a nós e àqueles, mas nenhum veio tentar encontrar proteção conosco. Então eu, vendo que vieram todos os que tinham que vir, disse aos outros: “Fiquem em silêncio todos vocês que hoje fizeram sua escolha entre a luz e a escuridão. Estes,

que são mais valentes que vocês, sairão destas minas e dos lugares escuros em direção à luz e à amplidão sobre as quais lhes cantamos. Sejam curiosos em seus corações para ensinarem a vocês mesmos que, quando novamente os companheiros da luz de Deus vierem a vocês, estejam prontos para seguir sua liderança, assim como fizeram estes hoje."

E então voltei-me ao nosso grupo e às almas socorridas, porque elas estavam temerosas e tremendo pela aventura que empreenderam, e disse: "E vocês, meus irmãos, façam seus caminhos para a cidade, e cuidado que ninguém lhes destratará por causa do desgosto do Chefe. Porque ele não é mais o senhor de vocês, porém vocês aprenderão servir a um Senhor mais brilhante, e usarão seu emblema os que progrediram para serem assim merecedores. Mas agora não tenham medo algum, exceto o de descuidarem do que falamos e obedeçam, porque o Chefe deste lugar vem, e devemos ter considerações com ele em primeiro lugar para que conseqüentemente seu caminho para frente esteja claro."

Assim viramo-nos em direção ao portão pelo qual o Capitão havia saído, e através do qual muitos dos quatrocentos vieram para somar ao nosso grupo. E assim que fizemos isso ouvimos um grande ruído vindo do lado de fora do portão por onde entráramos, e o barulho ficou mais alto e aproximou-se de nós. Portanto esperamos a chegada do Chefe que, quando passava de uma caverna a outra, chamava seus escravos para seguirem-no e vingarem-se dos insolentes intrusos ao seu reino, que enfrentaram seus vigilantes e desafiaram sua autoridade. Com estas palavras de ameaça e muitos juramentos e imprecações, ele chegou; e aqueles espíritos acovardados, aterrorizados pelo medo de sua presença, seguiram-no com maldições e gritos, tomando para si seus juramentos blasfemadores para cumprirem suas ordens.

Ficamos à frente do grupo para recebê-lo quando passou pelo portão, e finalmente apareceu.

Como ele se parecia, Líder - quero dizer, sua aparência?

Meu amigo, ele era um filho de Deus e, portanto, meu irmão, afundado no mal como estava. Por esta razão, eu alegremente passaria por cima da descrição de sua aparência por caridade e por pena, que seria o que mais senti por ele naquela hora de sua grande ira e grande humilhação. Mas você me pede para descrever seu aspecto e o farei, e verá o quanto profunda uma verdade pode estar sob as palavras "como derrubar o poderoso".

Ele era de estatura gigantesca, tão alto como um homem e meio de altura. Seus ombros eram desiguais, o esquerdo mais baixo que o direito, e sua cabeça, quase sem cabelos, era espetada num pescoço largo. Uma túnica de ouro velho e sem mangas estava sobre ele, e havia uma espada pendurada ao seu lado esquerdo, numa bainha de couro atravessada no seu ombro direito. Usava elmo de ferro e sapatos de couro não curtido, na testa uma tiara de prata manchada por oxidação e na frente dela, numa saliência, estava esculpido algo semelhante a algum animal que poderia ser chamado de polvo terrestre, se isso existisse, símbolo de seu poder maligno. Seu aspecto total era de uma realeza escarnecedora, ou ainda, o esforço de ser nobre além do que pode. Paixão maligna, fúria, luxúria, crueldade e ódio pareciam dominar sua face escurecida e permear toda a sua personalidade. E apesar disso revestiam uma nobreza potencial, anulando o que poderia ter grande poder para o bom, agora tornado ao mal. Ele era um Arcanjo condenado, o que é uma maneira diferente de se dizer "arquidemônio".

Você sabe o que ele foi em sua vida terrena?

Suas perguntas, amigo, eu gosto de responder, e quando você as faz posso sentir algo do superior levando-o a fazer isto, que deve dizer respeito a mim. E, portanto, eu as respondo. Não pare de fazê-las, não, pois podem estar nelas razões que não considerei e que poderia encontrar apenas pelo questionamento. Você não interpretará mal minha intenção. Se ele fosse um grande cirurgião num grande hospital para os pobres na sua Inglaterra, isto não quer dizer que os outros são como ele. Tivesse sido um pastor ou filantropo, não seria de se estranhar. Pois a aparência externa nem sempre está em consonância com o homem real. Bem, isto ele foi, e isto você tem em uma palavra.

Desculpe, se eu me meti nisto irrefletidamente.

Não, não, meu filho. Não é assim... Não interprete mal minhas palavras. Pergunte o que quiser, porque o que for perguntado estará nas mentes de muitos, e você fala por muitos.

Assim lá ele permaneceu, o Rei inquestionável de toda aquela populaça, e havia centenas deles que lotavam tudo atrás dele e no outro lado. Mas em torno dele era deixado um espaço - eles não chegavam perto demais de seu braço. Sua mão esquerda segurava um pesado e temível chicote com muitos fios, e nele seus olhos freqüentemente pousavam e olhavam em torno rapidamente. Mas agora ele hesitava em falar, já que permanecemos em silêncio, porque ele estava acostumado há muito tempo a falar com autoridade e à maneira de um tirano, e faltava-lhe coragem de nos falar agora que nos viu, porque temos aparência pacífica em contraste com toda a temerosa e trêmula atitude de todos os outros naquele lugar. Mas enquanto esperávamos, encarando cada um dos outros, percebi que atrás dele havia um homem amarrado e preso por dois com o uniforme dos guardas que encontráramos no Portão Principal. Olhei muito acuradamente agora, porque ele estava nas sombras, e percebi que era nosso guia, o Capitão. Vendo isto, avancei rapidamente em sua direção e, ao passar pelo Chefe, toquei a lâmina de sua espada na passagem, e então fiquei diante deles que seguravam o homem amarrado e ordenei: “Soltem este homem destas correias e mandem-no para cá para perto de nosso grupo.”

A estas palavras um grito de raiva saiu do Chefe, e ele tentou levantar sua espada contra mim. Mas toda a têmpera havia saído da lâmina, e ficou torta, mole como uma alga; ele fitava aquilo horrorizado naquela hora, porque ele a havia desembainhado em defesa de sua autoridade diminuída de poder. Eu não tinha em mente fazer dele motivo de riso, mas os outros, seus escravos, viram o lado cômico de seu apuro, não com humor, mas com malícia, e dos lugares escondidos vieram gargalhadas e zombaria. Então a lâmina murchou e caiu do cabo todo estragado, e ele a lançou para um ponto entre as rochas onde alguém ria mais alto que seus colegas. Então virei para os guardas novamente, e eles rapidamente soltaram o prisioneiro e mandaram-no a nós.

Imediatamente o Chefe desvestiu seu ar de ridícula majestade, e inclinou-se cortesmente diante de mim, e então para meu grupo. Verdadeiramente este homem está destinado a ser, no decorrer dos tempos, um grande servidor de nosso Pai, quando sua maldade tornar-se bondade.

“Senhor,” disse ele, “vocês têm a liberdade, parece, de um poder maior que o meu. Diante disto me inclino, e gostaria de saber o que querem de mim e destes meus servos que me atendem tão de boa vontade e tão bem.” Por seu grande auto controle, ele não deixava de expor, aqui e ali, seu íntimo espírito de malícia cínica. É sempre assim nas regiões infernais; tudo é falsificação, exceto a escravidão.

Contei-lhe de nossa missão, e ele nos disse: “Não sabia de seu estado, ou de algo para que eu pudesse dar-lhes boas vindas mais apropriadas. Mas, tendo descuidado disto, não mais agirei assim. Sigam-me, e eu mesmo serei seu guia aos Portões de minha Cidade. Sigam-me, cavalheiros, enquanto os levo pelos caminhos.”

E assim fomos atrás dele, e passamos pelas cavernas e locais de trabalho, e chegamos finalmente ao portão menor que nos levou aos degraus que davam para a porta escondida, através da qual chegamos às minas.

Sexta, 18 de janeiro de 1918.

Enquanto estávamos nas minas, nossa comitiva foi aumentando em tamanho por aqueles que se ajuntavam a nós vindos das cavernas que se estendiam pela escuridão distante para qualquer que fosse o lado. As novidades, tão escassas entre eles, foram espalhadas rapidamente até os limites mais distantes destas regiões trevosas, e agora a nossa contagem era de milhares, onde antes eram centenas. Quando paramos diante do muro, embaixo do buraco por onde espiamos a caverna onde agora estávamos, eu me virei e pude ver pouco além dos mais próximos da multidão, mas podia ouvir aqueles que tinham estado nos trabalhos mais afastados e no mais profundo subterrâneo ainda chegando com pressa febril e juntando-se a nós atrás dos outros, ficando em silêncio na presença do Chefe e seus convidados desconcertantes. Então, em primeiro lugar falei a ele, e então ao grupo, e disse: “Em seu coração não há o que combine com suas palavras de cortesia com as quais acabou

de nos cumprimentar. Mas viemos aqui com piedade e bênçãos, sejam maiores ou menores. Disto você não pode ficar sem, e pedirei agora que haja com cuidado no que se seguirá, tanto quanto a sua vontade quanto ao nosso retorno. Então, quando tivermos seguido nossa jornada com estes que rapidamente vão trocar seu serviço por outro não tão profundo na escuridão da maldade como o seu, pondere e batalhe com os significados das coisas, e lembre-se destas minhas palavras que vão ajudá-lo quando morder seus dedos, vexado e humilhado em seu orgulho pela batalha desesperada contra nós que viemos daqueles lugares onde o orgulho e a crueldade de forma alguma encontram lugar sob a luz branda dos céus de seu Rei."

Ele ficou em silêncio, olhando para o chão, não nos dizendo nem sim nem não, mas estava mal-humorado e ameaçador, tenso em cada músculo e cada tendão e pronto para a chance que buscava, mas que temia, para nos atacar. Então eu falei à multidão: "E quanto a vocês, de forma alguma fiquem com medo do que vai acontecer pela escolha que vocês fizeram, porque escolheram a parte mais forte, que jamais falhará com vocês. Somente sejam muito verdadeiros e não vacilem em seus passos, e atingirão a liberdade rapidamente e os altos planos, onde a luz está no final da jornada."

Fiz uma pausa e todos ficaram silenciosos por um pouco de tempo, até que o Chefe levantou a cabeça e, olhando para mim, disse: "Terminou?" E dei-lhe a resposta: "Por agora. Quando estivermos livres destas galerias e estivermos em espaço aberto lá fora, eu vou agrupá-los onde possam ouvir-me melhor e darei a diretriz do que têm a fazer." "Sim, quando estivermos livres destas passagens escuras, ah, sim!, será bem melhor," ele disse, e notei a ameaça sob suas palavras enquanto as dizia.

Então ele se virou e, tendo passado pela porta, veio logo à janela sobre nós e disse-lhes que subissem e seguissem-no, enquanto ele os lideraria para a Cidade. Ficamos de lado para deixá-los passar e, enquanto iam, procurei pelo Capitão para dizer-lhe de meu desejo quanto a estas pessoas e a ele. Então ele se misturou em seu meio e passou com eles para fora das minas. Então reunimos os retardatários vindo atrás, e finalmente todos tinham passado pela porta e ficamos sozinhos. Então nós também passamos por ela, e finalmente viemos ao campo que havia na boca das minas.

Ali novamente falei às pessoas, e contei-lhes que deveriam separar-se uns dos outros e ir pela Cidade naquelas casas e guaritas que melhor conheciam, contar as novidades e trazer aqueles que gostariam de vir com eles à praça da Rua Principal, onde deveríamos nos encontrar. Então começaram a nos deixar e, enquanto saíam, o Chefe endereçou a nós seu convite: "Se lhes convier, cavalheiros que nos honraram com sua chegada entre nós, gostaria que ficassem em minha casa enquanto estes estão indo agrupar seus amigos. Talvez haja bênçãos à minha casa enquanto estiverem presentes."

"Bênçãos sem dúvida virão a você e sua casa por esta nossa visita," respondi a ele, "mas não será na hora nem da maneira que deseja." Então fomos com ele, que nos mostrou o caminho. Chegamos finalmente bem no centro da Cidade e ali, na escuridão, assomou uma enorme pilha de pedras. Era mais um castelo que uma moradia, mais prisão que castelo, ao ser vista. Ficava ilhada, com uma rua em todos os lados, de formato oblongo, e elevando-se como uma colina a partir do plano da rodovia. Mas era severo; na verdade, era uma habitação escura e severa, combinando em todas as linhas com aquela alma forte e escurecida, seu arquiteto.

Entramos, e ele nos levou por pátios e corredores, e por fim chegamos a uma sala, não muito ampla, e ali convidou-nos a esperar enquanto ele faria nossas boas vindas. Assim ele saiu, e sorri para meus amigos e perguntei-lhes se eles haviam captado os obscuros pontos de seu propósito. Eles estavam em dúvida, a maioria deles, mas uns poucos sentiram a sensação de terem sido enganados, então contei-lhes que éramos prisioneiros, tão rápido quanto ele nos pôde fazer, e quando alguém foi até a porta por onde entramos, rapidamente percebemos que fomos trancados. Havia outra no outro lado do quarto, que era uma espécie de ante-câmara para a Sala do Trono além. Aquela também foi rapidamente trancada. Você de coração pensaria que alguns daqueles catorze estaria com medo de se ferir num fato deste. Mas você deve saber que somente são mandados em tais missões como esta nossa, e em regiões como essa, aqueles que por longo treino tornaram-se desligados do medo, e que são fortalecidos para empunhar as todo-poderosas forças do bem, que habilitam tão infalivelmente e com tanta certeza que nenhum mal resiste a isso e sai ileso.

Sabíamos o que poderíamos fazer sem aconselhamentos ou discursos, portanto pegamos as mãos uns dos outros e elevamo-nos em direção à luz e à vida de nosso ambiente normal. A esta condição mais rude nos impuséramos para que pudéssemos trafegar nestas regiões e para nos disfarçar dentre os habitantes que moram nelas. Mas, conforme aspiramos juntos a isto, nossa condição gradualmente mudou, e nossos corpos retornaram a uma natureza mais sublimada, portanto passamos adiante através daquelas paredes, e ficamos esperando pela chegada de nossa companhia na praça diante da Rua Principal.

Não vimos mais o Chefe. Ele havia planejado, conforme soubemos, recapturar aqueles a quem libertamos de sua servidão e que agora, ali, ainda estavam sendo agrupados das regiões em torno da cidade pelos ponteiros mandados àquela direção, por um grande exército que estava cercando todos os lados em vigilância daqueles que se atreveram desconsiderar sua autoridade. Mas nada tenho de dramático para contar-lhe, meu amigo - nenhum embate de armas, nenhum clamor por misericórdia, e nenhuma chegada de guerreiros brilhantes para o socorro. Tudo transcorreu muito controlado e monótono. Desta forma, a saber: Naquele ridículo Salão do Trono ele agrupou sua corte, e, tendo tochas acesas e colocadas em torno da sala nas paredes, e fogueiras acesas no centro do chão para iluminar o hall, fez um discurso solene para seus sombrios servidores. Então a porta de nossa ante-sala foi solenemente destrancada, e fomos chamados para irmos até ele, pois queria nos prestar honras. E quando não fomos encontrados ali e sua vigilância assim se mostrara negligente, seu vexame foi desvendado diante de sua corte, tendo tudo acontecido por seu planejamento e ações, ele ruiu totalmente enquanto riam ao vê-lo desta forma em sua degradação. Zombarias cruéis eram lançadas a ele enquanto passavam indo embora deixando-o sozinho, sentado em seu trono sobre o tablado, derrotado.

Marque bem, amigo, como nestes estados rebeldes a tragédia e a palhaçada bruta fundem-se uma à outra, onde quer que se vá. Tudo é de um fazer acreditar vazio, pois tudo está em oposição à Única realidade. Portanto estes ridículos governadores são servidos por seu povo numa ridícula humildade, e estão cercados por uma corte ridícula cuja adulação é sustentada por ferroadas e flechadas de cinismo e zombaria grosseira.

Nota
Fim da mensagem de 18 de janeiro de 1918.

_____

Aqui as páginas 387 até 393 dos Escritos originais foram perdidos (uma reunião de trabalho).

_____

As pessoas socorridas são levadas ao encargo do “Cristo Menor” que, tendo o Capitão como seu Tenente, estabelece uma Colônia numa área em campo aberto a alguma distância da Cidade das Minas. É composta daqueles trazidos para fora das Minas juntamente com outros de ambos os sexos a quem conseguiram agrupar para fora da Cidade. Esta colônia é novamente citada em 28/1/18; 1/2/18.

CAPÍTULO X

O RETORNO AO TEMPLO DA MONTE SAGRADO. UMA MANIFESTAÇÃO DO RÉGIO CRISTO. O POVO DE BARNABAS.

Segunda, 21 de janeiro.

Nossa jornada era agora em direção à luz. E se eu lhe dissesse que o Vale abaixo da Ponte era o que vocês chamariam de uma noite escura na terra, você seria capaz de ver que a escuridão nestas regiões distantes atrás de nós é sem dúvida grande. Num escuro como breu não se vê nada. Ainda assim, há uma escuridão mais intensa que esta, porque na terra a escuridão é apenas escuridão, mas ela aqui tem uma substância, a qual é um horror real e verdadeiro para aqueles das altas esferas que não estão protegidos. Aquelas pobres pessoas que afundaram por gravidade naquela espessa escuridão sentem o sufoco do afogamento, e contudo não têm um mastro ou um fragmento do que foi destruído para fazê-los boiar até em cima, e portanto sofrem até que o arrebatamento e o desespero tomem-nos de assalto, então o infernal chama para o inferno em blasfêmia, sem saberem que somente em sua própria vontade está o fulcro pelo qual devem elevar a si mesmos até que atinjam a luz. Sim, há uma densidade naquela escuridão nas mais remotas regiões. E contudo, para aqueles que ali vivem, há uma espécie de visão obscurecida pela qual não obtêm bênçãos, porque somente trazem à sua consciência coisas horríveis e maliciosas e fazem mais pungente a angústia que devem suportar. E estes são os que viveram em sua terra e misturados em sua sociedade terrena, e alguns deram suporte ao mal e outros honraram nomes e lugares. Conto-lhe isto para que possa mostrar aos outros o que é a verdade, porque há alguns que dizem que não existe inferno porque o Único Supremo é Amor primeiro e por último. Sim, mas aqueles que falam assim d'Ele atingiram apenas o Primeiro conhecimento daquele Amor que é insuperável, enquanto nós que falamos a você não acabamos de atingir o Último. Mas assentamo-nos apenas no suficiente de Sua Sabedoria - suficiente, mas uma esmola – para termos plena certeza de que Ele é Amor sem dúvida. Não podemos entender, mas todos nós ampliamos a certeza de que Ele nos aumentou a fé, e assentou-a mais firmemente, de que Ele é Perfeito em Sabedoria e Ele Mesmo é o Perfeito Amor.

Líder, uma vez eu, em meu sono, visitei alguns trabalhos da subcrosta nas regiões trevosas. Você sabe desta minha experiência, e se sabe, diga-me se foi o mesmo lugar a que foram para trazer as pessoas das minas? Havia uma certa semelhança, mas com algumas diferenças.

Sei desta experiência, porque antes de prepararmos você para escrever para nós, fizemo-nos familiarizados com toda a sua vida, para que pudéssemos não errar em nosso trato com você. Esteja certo de que as vidas de todos são estudadas assim aqui, por um propósito ou outro, mas nada é passado para trás por aqueles que poderiam ajudá-los. Assim é com aquilo pelo qual nos questiona. O lugar ao qual você foi levado estava a poucas milhas distante daquela cidade, e é governado por um subchefe do Chefe de quem falamos a você. É um lugar onde estão aqueles rebelados contra a sua autoridade, e que lá podem ser oprimidos até a sujeição e também serem postos a trabalhar em tarefas mais fortemente supervisionadas que aquelas das minas e nos trabalhos aos quais fomos, onde há mais liberdade, estando eles mesmos mais supliciados e aquebrantados. Ao lugar que mencionou na maior parte vão os que são recém chegados naquela região, e portanto não são familiarizados com a extensão da crueldade ali praticada, nem das diversas formas pelas quais ela é exercida sobre eles.

Para que estavam ali os animais?

São treinados para ajudar a intimidar e guardar os prisioneiros.

Mas o que teriam feito os animais para merecerem tal inferno e para serem postos em tal tarefa como aquela?

Estes animais nunca estiveram na carne. Aqueles vão para lugares mais brilhantes. Estes são criação dos Poderes do mal, que são capazes de projetá-los até ali, mas não o fazem para mais adiante, a uma encarnação na terra, portanto tornam-se animais completos como sempre serão, como querem que sejam, pela complementação da composição de um corpo com os elementos das regiões trevosas que formam seu ambiente. Este é o porquê de você ter ficado perplexo ao tê-los colocado na sua ordem. Eles não têm ordem no cômputo terrestre da vida animal, onde somente aqueles grandes Seres Criadores são capacitados para expressarem suas faculdades na evolução das tribos animais que atingiram os altos lugares nas esferas mais Brilhantes. Você me entende, à medida que estou tentando ser capaz de colocar uma verdade não terrena na linguagem da terra?

Sim, penso que sim. Obrigado, senhor. É um grande mistério e uma grande novidade para mim, tudo junto. Mas parece que sinto que pode ser a chave para outros mistérios quando alguém tiver tempo para raciocinar um pouco.

É assim, meu filho; lide com isto desta forma e perceberá que é útil. Mantenha em mente sempre isto, apesar de que, quando considerada à luz do Único Bom e Belo, o mal tem um aspecto negativo, mesmo que considerado em confronto, isto é, começando pelo fim oposto e vindo em direção oposta à Corrente Vital do Único Bem, tendo grandes e poderosos seres da escuridão que são a contraposição dos Arcanjos e Principados e Tronos da Luz. Uma grande divergência, entretanto, continua, e é esta. Conforme as histórias dos Céus, há progresso sempre para a frente, até o Sublime fundir-se na Sublimidade Última; nas esferas mais escuras não há a consumação, não há Supremo. Assim como nas outras fases de atividade, também é assim nesta, aqueles poderes escuros interrompem repentinamente a perfeição, e a ordem é necessária por causa da falta da Divindade. Se não fosse assim, então a escuridão igualar-se-ia à luz em potência e em expansão evolutiva, até que a luz não encontrasse lugar, e o amor e a beleza pudessem ser invadidos por seus opostos, até que não mais fosse encontrado lugar para eles. Então o propósito do Mais Alto poderia ser desviado e, tropeçando para um desvio, ser destruído no espaço, e entre as eternidades, mudar para confusão, e assim falhar em ser atingido.

Portanto, poderosos que são os Senhores da escuridão, eles não são Todo-poderosos. Isso é uma prerrogativa do Único, e somente d'Ele. Ele tem conhecimento de Seu próprio poder tão completo para estar seguro na liberdade de ação que Ele permite a uma progênie rebelde, e, por umas poucas eternidades, é-lhes permitido perderem-se; assim, no final, devem provar, ao capitularem, pelo livre arbítrio e incondicionalmente, a supremacia do Amor. Então serão Primeira e Ultimamente purificados conforme sua relação de uns com os outros, e a Sabedoria de Deus será manifesta.

Sou capaz de dar-lhe apenas isto, meu amigo, do aspecto do Reino que apenas conhecemos em parte, e tendo uma linguagem para nosso uso mais útil que a da terra. Temo que não possa fazer mais que isso. Mas se ainda tiver mais alguma pergunta –

Obrigado, não neste tema.

Então presentemente deixaremos que isso seja suficiente, Kathleen. Penso que está na mente dela dizer algumas palavras a você, e então vamos deixá-la com seus próprios pensamentos suaves e retiramos nossa influência mais grave de sua posição, podendo assim ela estar livre, e estar na própria vontade dela dizer o que quiser a você. Ela é mais bondosa e paciente por ser nossa escritora, e nós agradecemos a ela muito sinceramente por sua vontade de nos servir. Devemos nos encontrar com você novamente quando você tiver uma oportunidade para nossa presença. Boa noite, meu amigo, e que Deus e Seu Brilho estejam com você e os seus, os quais estão envolvidos numa radiação maior do que a que conhecem. Isto será revelado a eles algum dia.

Sexta, 25 de janeiro de 1918.

Quando chegamos na Ponte, atravessamos desde o lado escuro e chegamos aos aclives que levam para as esferas progressivas, e ali descansamos por um pouco de tempo e fizemos uma revisão do trabalho que acabáramos de concluir. Eis que então encontrou-nos um mensageiro de nosso plano, trazendo novidades sobre o que nos esperava ao término desta missão. Pois nunca desde que deixamos a Esfera Dez eles estiveram fora de contato conosco,

e enquanto falamos com ele foram relembrados aqueles momentos especiais de emergência, quando então aqueles que observavam de seus altos lugares sentiram que era para enviar naquela hora uma ajuda e uma orientação a nós. Alguns destes momentos de ajuda foram reconhecidos por nós, em outros apenas suspeitamos, mas na maioria deles foram momentos de alta tensão, quando então todas as nossas faculdades estavam em alerta para tratar do assunto em pauta, de tal forma que não percebemos o fato da ajuda exterior estar sendo impingida em nossas circunstâncias. Porque, lá embaixo nas esferas mais escuras, tendo sido amplamente atingidas as condições locais, temos que forçosamente suportar algumas das limitações da alma que vêm com o peso do ambiente sobre nós naquele momento.

É assim com vocês na esfera terrestre, meu amigo, e mesmo que você nunca perceba a ajuda dada, ela está lá, próxima apesar de tudo, e de acordo com a sua necessidade.

Agora passarei a jornada intermediária, e contarei de nosso retorno à Esfera Dez.

Fomos encontrados nas colinas externas por um grupo de nossos bons amigos que esperavam pelo nosso retorno com muita alegria e com muita vontade de escutar as nossas aventuras. Estas, nós fomos contando enquanto voltávamos, e então finalmente chegamos à grande planície diante do Templo do Monte Sagrado, e subimos ao seu Pórtico. Fomos conduzidos ao interior, e seguimos ao grande Saguão Central do santuário, e aqui encontramos uma grande quantidade de pessoas reunidas. Estavam ajoelhadas em adoração ao Grande Invisível, e não se moveram enquanto passávamos silenciosamente e esperávamos na parte de trás.

Você não conhece o que é silêncio na terra. Não há silêncio perfeito na terra. Você não pode ir aonde o som seja deixado para trás. Aqui na Esfera Dez, e naquela hora no santuário, havia o Silêncio em toda a sua majestade e reverência. Além da terra, distante, se pudesse seguir pelo ar, você deixaria gradualmente os sons que estão na superfície para trás. Mas ainda haveria a fricção com a atmosfera que invadiria o silêncio com uma sensação de som. Mesmo além daquele cinturão atmosférico haveria no éter um som como um elemento potencial, como um planeta chamando planetas em respostas gravitacionais. Além do Sistema Solar, e entre ele e outros sistemas no vácuo do espaço, você se aproximaria da idéia de silêncio, estando a terra milhões de anos-luz de distância, não vista, não sentida, quase desconhecida. Mas o éter estaria lá, apesar de seus ouvidos não ouvirem nenhum som, ainda assim o éter é o reino no qual a atmosfera é a antecâmara, e o som é o seu vizinho mais próximo.

Mas aqui na Esfera Dez há uma atmosfera daquilo que o éter seria se fosse dez vezes refinado pela sublimação, e Silêncio é aqui uma coisa não negativa tanto quanto é ativo em seu efeito sobre aqueles que se banham em seu oceano. Silêncio aqui não é uma ausência de som, é a Presença do Um Silencioso. É uma entidade vibrante, mas de pulsação tão rápida que a quietude e Silêncio são como um só. Não sou capaz de ser mais explicativo em minha descrição, pois não é possível a você, em seu elemento grosseiro, imaginar, mesmo que em pequeno grau, a condição da qual participamos ao entrarmos no vasto Saguão do templo.

Então através da passagem do meio chegou o Vidente, e, pegando-me pela mão, levou-nos ao Altar que ficava próximo do Salão onde estava o Trono, e no qual ele havia se despedido de nós para a nossa jornada.

Agora havíamos retornado, um pouco cansados, com nossos corações repletos do que havíamos visto naqueles longínquos reinos das trevas. Nossas faces mostravam o efeito da luta pelo domínio - porque apenas contei a você um resumo de nossa empreitada, e de forma nenhuma contei completamente. Fomos guerreiros que retornamos de uma guerra que é incessante entre o bom e seu oposto. Mas nossas cicatrizes e feridas agora iriam harmonizar-se dentro em pouco, e estaríamos mais graciosos depois do que sofremos. É assim com nosso Príncipe real e Capitão, Que nos mostrou o caminho para a Beleza de Espírito, como uma faceta do corpo. E sem dúvida Ele, Cujas roupagens ainda relembram a lição do Sacrifício em sua alta dignidade, é tão lindo que não posso descrever Sua graça nas palavras da terra - ou nas dos céus.

Então paramos diante do Altar, e à certa distância, e também ajoelhamo-nos adorando a Fonte dos Seres, o Um Supremo, Que Se torna manifesto a nós somente pela Forma

Presente, e raramente, mas na maior parte através de Seu Único Ungido, Que está mais sintonizado com o nosso estado presente em razão de Sua Humanidade.

Então finalmente, tendo recebido o sinal, levantamos nossas cabeças e olhamos em direção ao Altar. O sinal que tivemos foi uma sensação da Presença que brilhava dentro e em torno de nós. E conforme olhamos, vimos à esquerda do Altar, com o Altar em Seu lado direito, o Filho do Homem. Ele jamais vem duas vezes de uma mesma forma. Há sempre algum detalhe novo para se perceber e manter em mente e levar a lição.

Em linha reta sobre Sua cabeça, mãos cruzadas no peito, permanecendo imóveis, silenciosos, estavam suspensos sete elevados Anjos. Seus olhos não estavam fechados, mas suas pálpebras estavam abaixadas, parecendo estarem olhando para o chão um pouco atrás d'Ele. Usavam uma roupagem de variados matizes. Estas roupas não eram realmente coloridas. Apenas sugeriam cores sem que as expusessem. São de matizes que vocês não têm na terra, mas com estas havia algo parecido com seu violeta, dourado, vermelho pálido (não rosa, mas o que escrevi, vermelho pálido), você não pode entender isso, mas deixe estar, algum dia entenderá, - e azul - somente sugestões destas cores, mas muito bonitas. E apesar de toda a roupagem leve, seus corpos estavam nus em todo seu amor insuperável. Eles eram tão elevados em sua santidade que as vestimentas eram de tal brilho que não eram tanto para vestir, mas para adornar. Suas cabeças eram circundadas com uma fita de luz sobre seus cabelos, e a luz era viva, e movia-se em sua radiação conforme seus pensamentos iam da oração para amor ou piedade. Assim eram, perenemente sintonizados e tão igualados em porte de mentalidade, que mesmo uma leve mudança de pensamentos afetaria estas tiaras de luz, e também enviavam uma radiação avermelhada através da roupagem azul, ou uma radiação dourada através de uma violeta.

O Cristo, Que permanecia no Altar, estava mais enfatizado em Sua visibilidade, e também os detalhes de Seu semblante eram para nós mais nítidos que no caso dos Anjos assistentes. Ele usava em Sua cabeça uma dupla coroa, uma dentro da outra. A mais ampla e externa era púrpura, e a interna era branca mesclada com vermelho. Faixas de ouro uniam as duas em uma só estrutura, e entre elas havia jóias de safira - uma linda peça, e a luz dela era uma nuvem sobre Sua cabeça. Em sua cintura havia um cinto de metal, de uma cor entre prata e cobre. Estou fazendo o melhor que posso para dar a você uma idéia de como estava a Sua aparência, e portanto tenho que usar misturas estranhas das palavras da terra, e mesmo assim não consigo chegar perto do que deveria falar. Sobre Seu peito havia uma corrente de rubis que seguravam seu manto sobre seus ombros. Em Sua mão Ele segurava uma bastão de alabastro de variadas cores, o qual apoiava no Altar para repousar. Sua mão esquerda estava em Seu quadril, polegar no cinto, por isso o manto caía pelo outro lado. A graça de Sua figura emparelhava-se com a graciosidade de Sua face.

Seria a sua face como dão idéia as pinturas que temos d'Ele?

Muito pouco, amigo, muito pouco. Mas você deve saber que Sua face não tem os mesmo detalhes em todas as Manifestações d'Ele. No essencial é imutável. Como eu O vi agora, Sua face era a de um Rei. O Sofredor estava ali, mas a Realeza era o tom dominante. Líamos n'Ele aquele que ganhara Seu Reino. Os elementos remanescentes da batalha foram transmutados pelo repouso que advém com a vitória. Você está imaginando se Ele tinha barba, como nas suas pinturas d'Ele. Não quando O vi então. Indubitavelmente, jamais O vi com barba; tendo já O visto umas quinze ou dezesseis vezes. Mas não altera o foco da questão. Não há razão por que Ele não apareceria barbado, e Ele pode fazê-lo em alguma ocasião. Eu nunca O vi assim, é tudo o que posso dizer.

Quando olhamos para Ele e para os Anjos sobre Ele, Ele falou a nós. Você não entenderia o significado de Seu tema para a grande multidão de pessoas reunidas. Mas quando Ele veio para falar conosco, os Quinze que acabáramos de retornar, Suas palavras foram como estas, mas não ditas como vocês pronunciam as palavras: "E vocês que desceram aos reinos de trevas, saibam que estou lá também. Manifesto a eles, os meus desgarrados, posso não estar, exceto em parte, e raramente. Mas quando penetrei nos reinos exteriores da expressão de Meu Pai, então, antes de retornar a este caminho para a subida, eu fui, como vocês foram, e falei a muitos, e eles despertaram para ouvir Minha voz, e um grande número voltou suas faces em direção a estes reinos daqui. Mas há alguns que viraram suas faces contra Mim, em direção às esferas mais escuras ainda, porque não puderam suportar a sensação de Minha Presença, que naquela hora tornou-se intensificada na atmosfera daquelas

regiões, e deveriam permanecer assim. Vocês não alcançaram tão longe quanto estão os que se esconderam de Mim então. Mas Eu estou lá com eles também, e algum dia eles deverão estar aqui comigo.

"Mas agora, Meus queridos e sérios missionários, vocês estiveram lá dando conta de Meus trabalhos, e segui lá de Meu plano o seu trabalho. Vocês não chegaram de sua batalha sem feridas. Eles também me feriram. A vocês não foi dada a crença devida em tudo o que foi feito com honestidade de propósito em seu chamado aos homens para a luz destas esferas. De Mim disseram que eu não fiz nada que não fosse o mal. Seus corações estiveram algumas vezes bem plenos de dor quando receberam as pontadas de seus companheiros naqueles reinos. E algumas vezes pararam para pensar por que o Pai é assim tratado - vezes em que a angústia dos outros apertou-os com a mó de suas aflições, e quase os deprimiu. Meus queridos e companheiros de trabalho naqueles distantes campos, lembrem-se de quanto eu, também, em todas estas coisas e também nisto, mergulhei nas profundidades da experiência humana. Eu também conheci a escuridão quando Sua face estava virada."

Ele falou em tons cálidos, calmos e iguais, e, conforme falava, Seus olhos pareciam dissolver-se numa bruma, uma visão para uma longa distância, como se, enquanto falava destas coisas e pessoas, Ele estivesse ali no meio deles, sentindo e sofrendo com eles nos lugares escuros distantes, e não aqui no Santuário, entre todas as belezas da santidade e do brilho, com os sete Seres brilhantes cintilando sobre nós. Mas não havia paixão em Suas palavras, somente uma grande majestade na piedade e poder acima de todos os males dos quais Ele falava. Mas sobre Suas palavras novamente, tanto quanto posso transcrevê-las a você:

"Mas agora faço-os usar, quando fizeram sua reverência ao Pai em sua Bondade e Generosidade amorosa, um sinal e um selo de sua jornada e serviço, e pelo seu sofrimento."

Ele falava da nova pedra que foi então acrescentada em nosso diadema de reverência que usávamos.

Então Ele levantou Sua mão esquerda e vagarosamente moveu-a em círculo sobre a multidão ajoelhada e disse: "Deixo meu legado com vocês, para dizer-lhes mais adiante sobre o próximo trabalho para vocês nestes lugares. Porque neste trabalho estou com vocês para ajudá-los, porque é uma grande empreitada que lhes confio. Não se apressem em começar e, quando estiver começado, sejam fortes e esforçados para darem um bom fim, para que não seja necessário que outros mais adiantados que vocês em conhecimento e poder tenham que fazer reparos. Chamem e responderei. Mas não chamem mais do que seja necessário. Isto não é apenas para a melhoria das esferas inferiores, mas para submetê-los a uma prova também. Lembrem-se disto, e façam o que podem com o poder que já têm. Contudo não deixem o trabalho perder-se por falta de um chamado a Mim, porque estarei ali para responder. E que este trabalho em suas mãos seja bem feito, ele é maior que suas mentes em seu próprio estágio, porque é do Meu Pai e Meu."

Então Ele levantou Sua mão em bênçãos e inclinou-se em reverência, e disse muito vagarosamente, "Deus é."

E enquanto Ele dizia isso, tanto Ele quanto os Sete esmaeceram devagar de nossas vistas conforme adentraram em sua Esfera deixando-nos sós no Silêncio. E neste Silêncio estava a Sua Amada Presença, e nós, sendo envolvidos pelo Silêncio, soubemos que era a Sua voz, e ela estava falando para nós, e paramos porque era Ele que estava falando e, parando, ouvimos e reverenciamos.

Segunda, 28 de janeiro de 1918.

Assim, então, nossa jornada e nossa missão terminou conforme narramos a você. Você tem alguma pergunta que gostaria de fazer concernente ao que lhe falamos? Penso que vejo algumas perguntas tomando forma em sua mente, e este é talvez o lugar conveniente para respondê-las.

Sim, eu gostaria de colocar algumas questões a vocês. Primeiro, o que quer dizer com diadema de reverência, ou alguma frase parecida que usaram, em sua última mensagem?

Nenhuma emoção, nenhum pensamento aqui existe sem sua manifestação exterior. Tudo o que você vê ao seu redor no seu lugar na terra é a manifestação do pensamento. Todo o pensamento é definitivo no Ser de Quem toda a vida procede. Do exterior intimamente todo pensamento encontra seu foco n'Ele. Reciprocamente, a Fonte de todos os pensamentos é Ele, de Quem procedem, e a Quem retornam, num ciclo sem-fim. Às vezes, esta torrente de pensamentos passa através da mentalidade de Personalidades de variados degraus de autoridade e também de lealdade e unidade com Ele. Esta torrente de pensamento, passando através destes Príncipes, Arcanjos, Anjos e Espíritos, tornam-se a manifestos através deles externamente nos Céus, Infernos, Constelações de Sóis, Sistemas Solares, Raças, Nações, Animais, Plantas, e todas estas entidades que vocês chamam de coisas. Tudo isto vem a existir por meio de pessoas pensando de si para o exterior, quando seus pensamentos tomam expressão tangível para os sentidos daqueles que habitam na esfera na qual os pensantes moram ou com os quais estão em contato.

Não somente isso, mais, os pensamentos de todos, em todas as esferas, tanto a terra, ou Infernos, ou Céus, são manifestos aos que são, por seu grau de poder, competentes para senti-los. Portanto nada mais é que verdade dizer que todos os seus pensamentos, meu amigo, são registrados tanto aqui nestes Céus mais baixos, como também naquelas mais sublimes regiões que palpitam com a pulsação do verdadeiro Coração do Mais Sagrado e do Mais Elevado, o Universal e Supremo Um.

Como nas matérias majestosas, assim também é em matérias detalhadas. Assim o pensamento de um grupo nestas regiões celestes torna-se manifesto na temperatura e nuance do ambiente atmosférico. (Eu uso palavras terrestres, porque somente nelas posso passar o significado para você.) Assim a qualidade e o grau da pessoa aqui é manifestada em mais de uma maneira: na textura, forma e cor de sua roupagem; na forma, estatura e textura de seu corpo, e na cor e brilho das jóias que se usa.

Desta forma, na volta de nossa missão naquelas regiões distantes nós, tendo assimilado às nossas personalidades aquilo que antes não tínhamos, recebemos uma gema a mais para usarmos em nosso diadema.

Esta ação por parte do Cristo não foi de natureza arbitrária. Tudo aqui é feito em equidade estrita e exata, mas de maneira muito graciosa. Eu chamei esta tiara de diadema de reverência, porque não é visível sobre nossas cabeças todo o tempo, mas somente quando nossos pensamentos e emoções estão focados em reverência. Então ela aparece sobre nosso cabelo, ligado a ele, preso atrás das orelhas. Todas as pedras que a adornam não são selecionadas mas atingidas por evolução naquelas qualidades que acumulamos no nosso progresso de esfera em esfera. E agora nos foi dada mais uma como uma lembrança, como fruto de nossas realizações naquelas esferas inferiores onde nossa missão teve lugar.

Há muito mais sobre as jóias e gemas que você não entenderia, mesmo que eu pudesse colocar significado nas palavras. Algum dia você saberá de sua beleza e de seu simbolismo e da vida que as anima, e de seus poderes. Mas agora não. Poderíamos dizer que é o suficiente por agora, e passar para outra pergunta?

Obrigado, Líder. Poderia me dizer algo sobre a Colônia para onde foram levados aqueles que vocês recolheram e deixaram com aquele a quem chamarei Cristo Menor?

Faz bem em chamá-lo assim; ele é merecedor do nome.

Sim. Com poucos do grupo que foi comigo naquela jornada, eu visitei aquela Colônia várias vezes, como eu prometi a ele. Verifiquei que ele não desapontou minhas esperanças depositadas sobre ele. Registre bem isto que digo: que estou completamente satisfeito com o trabalho dele. Mas esta foi sua prova e, como finalização, não resultou naquilo que eu havia esperado. Tem sido muito interessante para mim ir até lá de tempo em tempo, e também receber relatórios de outros, meus comissionados, que vão para lá em meu nome e trazem-me notícias do que está acontecendo ali.

Na minha primeira visita vi que haviam arrumado uma Cidade, aparentando suficientemente ordenada, mas os prédios eram rudes e nada elegantes, tanto quanto os materiais manuseáveis daquela região permitiam. Pareciam estar com falta de acabamento. Eu

disse palavras de aprovação pelo que haviam feito, e de encorajamento para futuros esforços, e deixei-os trabalhar na planta por eles mesmos.

Conforme o tempo passou, achei que - por conveniência, eu chamarei o Cristo Menor por um nome - vamos chamá-lo de “Barnabás,” que nos servirá muito bem - achei que seu poder não estava na liderança de comando; estaria na liderança mais persuasiva do amor. Este foi um grande poder entre aquela gente, conforme eles começavam a entender mais e mais, sendo competentes pela evolução para corresponder. Sabedoria ele tinha, plenamente, mas não comando. Por sua sabedoria ele chegou a enxergar isto, e por sua humildade foi capaz de assimilar o fato rapidamente e sem envergonhar-se. Assim, enquanto liderou nas questões mais profundas e mais espirituais, e lidera hoje, ele investiu mais e mais, mas gradualmente, a organização para seu tenente, o Capitão. Este tem uma personalidade forte, e um dia estará resplandecente nestes Céus de luz, um poderoso Príncipe para dar suporte e realizar grandes coisas; um homem de amplo potencial.

Por vagarosos degraus ele despertou nestes pobres cérebros obscurecidos aquilo de habilidade que uma vez tiveram na terra em suas várias aptidões, e os pôs a trabalhar. Ferreiros, carpinteiros, escultores, pedreiros, arquitetos, e também artistas e músicos, cada um em sua própria profissão. A cada vez que para lá fui, encontrei a Cidade evoluindo na ordem e na aparência, e a população mais feliz. E mais uma coisa eu pude encontrar.

Quando eu os trouxe para lá, conforme voltamos da escuridão mais profunda além, a luz, no melhor ponto, luzia fracamente sobre a região. Mas a cada vez que voltei, notei um acesso a um degrau maior de luz e visibilidade prevalecendo sobre a Cidade, e, da Cidade, esparramando-se sobre os campos em volta. Isto era um efeito da silenciosa atividade de Barnabás. Foi ele que voltou o espírito da cada um de sua gente em direção ao seu verdadeiro destino. Por seu amor, ele entusiasmou as aspirações espirituais deles, e à medida que se tornavam cada vez mais reais, as pessoas por si avançavam para a luz que, começando intimamente, estava irradiando externamente, e o resultado era visto na intensificação do brilho cada vez mais intenso da atmosfera deles.

Portanto, estes dois, lealmente coordenando seus poderes em direção aos outros, realizaram grandes passos, e ainda farão mais, para minha imensa alegria e para a alegria de todos que sofreram comigo quando andamos através dos caminhos da subcrosta à procura de almas que haviam perdido seu caminho.

Os habitantes das regiões em torno molestam estes?

A esta sua pergunta, meu filho, no atual vocabulário, a resposta é *Não*. Ninguém os molesta agora, nem procura fazê-lo. Mas no começo, quando estavam fracos e menos capazes de se conduzirem em relação aos seus inimigos, foram muito ameaçados por eles.

Vou contar-lhe. Agora, primeiro vou falar o que soará estranho em sua mente. Lembre-se dos doze vezes doze mil redimidos sobre quem João escreve. Sim; bem, o número de nossos redimidos era esse. Você me perguntaria por que ou como isso se deu. Acontece que passaram pelo conselho daqueles que conceberam esta empreitada; eles estão esferas distantes da minha, e sua razão é desconhecida por mim, mas tem relação com as futuras eras de progresso. Você agora está conjeturando se o número tem algo a ver com os outros redimidos de João. Não, pelo menos não explicitamente. Implicitamente há uma razão. A razão fará seu papel no desenvolvimento futuro do grupo, que formará por si mesmo até lá um novo e coeso - como diria para que me entendesse? - departamento nos Céus. Não um novo Céu, não, mas um novo departamento celestial; assim.

Agora à sua pergunta. No começo foram muito pressionados e muito humilhados pelas tribos vizinhas, as quais vieram e, vendo que estavam ali por perto em seu meio, lançavam insultos para as pessoas e partiam. Mas falaram às outras tribos e muitos assaltos aconteceram aos grupos de trabalhadores, quando apareciam as oportunidades. Então estes ataques menores cessaram por um longo período. Mas o Capitão estava recuperando sua prontidão e habilidades cada vez mais e tinha seus inspetores colocados em colinas nas vizinhanças e postos de observação em torno de tudo. E destes postos ele sabia quando uma batalha era iminente, porque as tribos estavam agrupando um grande exército, e treinando seus soldados, com muito desfile e cantos de glória, como é de costume nestas regiões de falsa realidade, e também é assim aos grupos.

Mas o tempo todo nosso grupo cresceu em força e também em brilho e, quando o ataque veio, eles estavam aptos para combaterem seus inimigos. Foi uma longa e muito amarga batalha de forças e desejos. Mas eles venceram, à medida que foram exaltados pelo destino a vencerem, o que, por mais estranho que possa parecer a você, e um paradoxo, foi uma verdadeira e extenuante luta. O que os ajudou extremamente foi o brilho incrementado nas pessoas e na atmosfera. Foi muito doloroso para seus adversários que ainda estavam imersos em sua condição mais escurecida, e eles gritavam numa agonia desesperada quando entravam no raio de ação e sentiam pontadas por causa da aura sensível daquela Cidade e da Colônia de pessoas evoluindo.

A melhoria ainda continuava, e, à medida que aumentava o brilho, a Colônia foi gradualmente removida de seu estado original e aproximou-se das esferas de luz. E então eu cheguei ao princípio de inter-relação entre estado e o lugar obtido aqui nestes reinos, e o qual você pode achar difícil de entender - ou mesmo impossível. Por isso não vou me estender nisto. Direi que os inimigos acharam mais difícil aproximar deles, enquanto os colonos descobriram que todo o tempo quando uma tentativa de aproximação era feita, o raio de imunidade ao perigo de sua Cidade aumentava e ainda continuava a aumentar, e seus inimigos forçosamente paravam seus ataques mais e mais longe.

Por isso pequenos grupos foram instalados nos lugares sempre brilhantes em torno dali para as plantações e para as lavouras, e para estabelecer florestas e minas. Estas foram as últimas a serem postas em prática, porque a população encolhia-se diante da idéia por causa do amargor de suas lembranças. Mas o metal era necessário, e os mais corajosos e mais determinados estabeleceram-se para cavar por ele, e descobriram que trabalhar como escravos e trabalhar como homens livres era muito diferente no efeito sobre eles, e agora eles não têm mais falta de voluntários felizes para sua ajuda.

Assim é que sua melhora no que é bom aumenta a luz sobre suas habitações e sua Cidade. E que é sua força, porque é símbolo de seu avanço em direção a um estado melhor, e isto significa um poder maior a eles. É por isso que seus inimigos são menos poderosos para virem a eles e machucá-los.

Meu filho, repare bem que não é sem alegria para aqueles que em sua peregrinação terrena estão cercados de inimigos também. E, sendo estes inimigos encarnados ou espíritos, em nada diferem, perceba, daqueles que cercam a Cidade de Barnabas, mas sempre num cerco mais amplo conforme a Cidade emita mais e mais luz, e sendo eles deixados mais e mais para trás na escuridão, para baixo.

Meu amor a você, meu filho, e nossas bênçãos.

Sexta, 1 de fevereiro de 1918.

Kathleen tem uma palavra para você, meu filho, e quando ela tiver falado, nós mesmos falaremos a você.

Bem, Kathleen?

Sim, eu gostaria de contar-lhe que estivemos em contato com o grupo de Zabdiel, e eles mandaram uma mensagem a você por mim. Eles gostariam que eu dissesse a você que sua mente pode estar descansada. Desde que eles vieram para a nossa vizinhança, quando estamos falando à sua esposa, você esteve questionando se era mesmo Zabdiel, ou um de seu grupo, que transmitiu esta série de mensagens em seu nome. Foi o líder Zabdiel mesmo que veio pessoalmente, mas com poucos amigos, e falou a você. Não foi um de seu grupo, mas ele mesmo. Ele queria que soubesse disso.

Alguns de vocês que vieram umas noites atrás, disseram à minha esposa que haviam visto o nome Zabdiel no... foi nos cintos?

Isto está certo, sim.

Eu não sabia que ele tinha um grupo até então, e estive pensando se confundi um deles com Zabdiel em pessoa, conforme ouvi que tais espíritos freqüentemente dão mensagens em nome de seu Líder.

É assim. É quase que um costume regular e de ordem. Mas no caso foi o Zabdiel que veio e realizou a serviço por si.

Obrigado, Kathleen. É tudo o que queria dizer?

Sim, Agora pode fazer suas perguntas ao Líder. Ele sabe que as tem em mente, e está esperando para respondê-las.

Muito bem. Primeiro, Líder, revertendo ao tema de seu último encontro, gostaria de perguntar isto: Naquele futuro Departamento de 144000 Redimidos, que papel você mesmo desempenhará? Sinto que haverá alguma conexão com eles de alguma forma. É assim?

Não é insignificante o fato de que aquele número preciso deveria ser selecionado para formar um Departamento celestial novo. Pessoalmente, não sabia de seu número até minha segunda visita a eles, depois de se estabelecerem com Barnabas. Desde então sinto o que você suspeita, que pode haver alguma verdade nisto. Nada definitivo foi dito a mim, pois o tempo de que você fala ainda não veio. Eles ainda precisam de muita preparação antes que emirjam na Luz em direção à qual estão continuamente fazendo seu caminho. Também, a velocidade de progresso é muito baixa e muito retardada, ou seu número, estabelecido com evidente cuidado e capricho, tornar-se-ia sem sentido. Pois se fosse para que avançassem individualmente quando chegassem a merecer avanço, eles acabariam divididos, e o arranjo teria sido por nada.

Como digo, a mim ainda não foi dada nenhuma incumbência concernente a eles e seu futuro curso. Observo seu atual progresso e estou muito contente, e encontro muita alegria no nosso trabalho. O resto espera por decisões daqueles que nos dirigem das Altas Esferas.

Isto, entretanto, eu posso dizer. Você pensa que eu disse o nosso número. Era quinze. Eu lhe contei ali que os Quinze eram feitos de dois Setes e eu mesmo como o Líder. Se pensar que somos dois grupos, cada um com Seis, com um Governador, e destes sujeitos a Governo sobre todo o Departamento, então terá nosso complemento completo em Quinze. Será interessante a você observar esta nova Colônia dos Reinos Celestes. Você tomou parte nesta presente início, ou, pelo menos, seu desenvolvimento inicial, e sem dúvida estará sempre interessado em seu progresso.

Como tomei parte em seu desenvolvimento?

Mas claro, certamente. Você é o instrumento pelo qual uma prestação de contas da presente condição destas pessoas foi dada destas esferas para a terra. As pessoas boas e pensadoras que lerem isto rezarão por eles, e pensarão gentilmente neles, e em nós, seus socorristas. Assim, eles e você ajudarão em seu desenvolvimento.

Temo que ainda não tinha pensado em rezar por eles.

Porque ainda não teve tempo para adentrar na verdadeira realidade daquilo que escreveu até agora. Quando o fizer, rezará por eles, ou eu o estranharei muito. Não, peço que o faça.

Certamente que o farei.

Sim, e quando chegar até aqui verá estas pessoas com seus próprios olhos, e regozijar-se-á por tê-los ajudado assim, porque eles não estarão prontos para um avanço até que você chegue aqui conosco. Ore por eles, portanto, e terá muitos que lhe darão seu amor e gratidão, como ao que deu sua simpatia gentilmente quando eles precisaram tanto, como agora. Fale a eles, pense neles como o Povo de Barnabas.

Por que não pensar neles como o seu povo, Líder?

De forma alguma, amigo, não são meus. Você anda muito rápido. Penso que um dia serão, e espero por este fim, por serem eles como minhas crianças, meus próprios filhinhos, tão desvalidos, recolhidos da morte. Você pode imaginar em seu coração o que isso significa para mim. Por isso realmente peço que ore por eles e mande-lhes gentis pensamentos de amor, assim como a Barnabas e ao Capitão. Sejam todos eles seus confrades, meu filho, e você, através de nós, será posto em contato real com eles. Peça a outros que rezem por eles também.

Obrigado por explicar o que temo haver esquecido.

Sim, e ore pelos outros de quem falamos; por estarem em dor necessitam de orações e ajuda para soerguê-los - falo do seu outrora Chefe naquela escura Cidade das Minas, e também dos outros de quem falamos a você. Pudesse a população da terra chegar a perceber o que podem fazer por aqueles nos Infernos, e diminuiriam pelas suas preces por eles as doenças que eles mesmos sofrem. Porque, através de elevar estes pobres espíritos mais em direção à luz e atenuando suas angústias, poderia ser diminuído o número e a malignidade daqueles que se lançam à terra para atrapalharem os de mesma natureza que eles e, através deles, toda a humanidade.

É bom para os homens olharem para cima e buscarem a luz. É mais virtuoso olharem para baixo em direção àqueles que têm uma dolorosa necessidade de força para poderem alcançar a saída de suas esferas infelizes. Pois, pense bem, amigo, isto o Cristo fez tempos atrás, e assim Eles fazem hoje.

Que Deus lhe dê generosamente daquela generosidade, meu filho, a qual Ele então enviou para a terra. E possa Ele sintonizar você em espírito e seus atos à mente d'Ele Que trouxe isto. Quero dizer da Generosidade do Pai, a qual um dia Seu Filho trouxe ao homem nesta esfera escura na terra, e o faz hoje, e sempre.

Lembre isto, e escolherá então só o dar aos outros como você mesmo tem recebido, para maior paz e alegria a você.

Nota: as mensagens seguintes a esta continuam na noite de 5 de fevereiro, 1918 e têm continuidade, com uma ou duas interrupções, até 3 de abril de 1919, e estão publicadas no Volume IV de VIDA ALÉM DO VÉU - *Os Batalhões dos Céus*